

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
JOHNISSON XAVIER SILVA**



**O TERNO DOS TEMEROSOS: as transformações e sentidos de suas
práticas culturais na segunda metade do século XX.**

**UBERLÂNDIA
2014**

JOHNISSON XAVIER SILVA

**O TERNO DOS TEMEROSOS: as transformações e sentidos de suas
práticas culturais na segunda metade do século XX.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

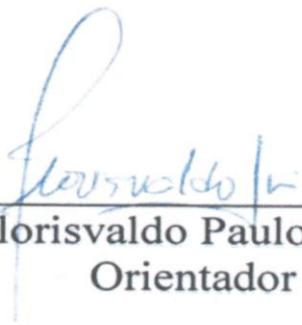
Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior

**UBERLÂNDIA
2014**

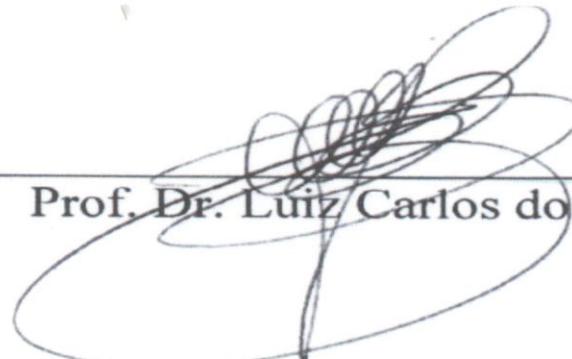
JOHNISSON XAVIER SILVA

**O TERNO DOS TEMEROSOS: as transformações e sentidos de suas
práticas culturais na segunda metade do século XX.**

Banca Examinadora


Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior
Orientador


Profa. Dra. Mônica Chaves Abdala


Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo

UBERLÂNDIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586t
2014 Silva, Johnisson Xavier, 1986-
 O Terno dos Temerosos : as transformações e sentidos de suas
 práticas culturais na segunda metade do século XX / Johnisson Xavier
 Silva. - 2014.
 156 f. : il.

Orientador: Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Folia de reis -
Januária (MG) - Teses. 4. Januária (MG) - Cultura popular - Teses. I.
Ribeiro Júnior, Florisvaldo Paulo. II. Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

AGRADECIMENTOS

Escrever é um ato solitário e penoso, uma tarefa árdua. Tarefa esta que não seria cumprida sem a ajuda, compreensão e paciência de pessoas fundamentais ao êxito desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, pela grande ajuda no desenrolar do trabalho e do texto. Pelas considerações, apontamento das falhas e das qualidades.

Agradeço a banca de qualificação composta por Luiz Carlos do Carmo e Mônica Chaves Abdala por fazerem considerações pertinentes à melhoria do trabalho.

Agradeço ao meu colega de mestrado Rodrigo Felix pelo incentivo e ajuda.

Agradeço a Bruna Loren pela ajuda, paciência e presteza.

RESUMO

Esta pesquisa tem como intuito o estudo dos sentidos e transformações das práticas culturais e de devoção presentes na história do Terno dos Temerosos na segunda metade do século XX, em Januária-MG. Objetiva por meio da análise dos símbolos, representações, músicas, gestos e performances apreender aspectos da vida, memória, trabalho e demandas sociais e políticas do homem januarense. Analisa a bricolagem das práticas culturais, as afirmações e invenções de identidades por meio do terno. Por intermédio do grupo, estuda ainda, a formação e dinâmica social das comunidades ribeirinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Terno dos Temerosos, transformações, sentidos, devoção.

ABSTRACT

This research is aimed to study the transformation of cultural meanings and practices of devotion and present in the history of Terno dos Temerosos of the second half of the twentieth century in Januária-MG. Objective by analyzing the symbols, representations, songs, gestures and performances to learn aspects of life, memory, work and social and political demands januarense man. Analyzes the bricolage of cultural practices, statements and inventions of identities through the Terno. Through of the group also studies the formation and social dynamics of coastal communities.

KEYWORDS: Terno dos Temerosos, transformations, senses, devotion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1	Catedral Nossa Senhora das Dores -1833	24
FOTOGRAFIA 2	Catedral Nossa Senhora das Dores demolida em 1972	24
FOTOGRAFIA 3	Catedral nossa Senhora das Dores, 1973	24
FOTOGRAFIA 4	Januária- lavadeira.	24
FOTOGRAFIA 5	Vista área atual da Praça Getúlio Vargas – Região Central	25
FOTOGRAFIA 6	Rio São Francisco – Família de pescadores	27
FOTOGRAFIA 7	Bois sendo transportados / aloujas e barcos	34
FOTOGRAFIA 8	Cais/ Entreponto comercial – Navegações a vapor.	36
FOTOGRAFIA 9	Barca com Carranca	38
FOTOGRAFIA 10	Festa dos Santos do Rio	39
FOTOGRAFIA 11	Comunidade Quilombola Tabocal - Terno dos Temerosos	49
FOTOGRAFIA 12	Comunidade Quilombola Tabocal– Terno dos Temerosos	49
FOTOGRAFIA 13	Comunidade Quilombola Palmeirinha- Terno dos Temerosos.	50
FOTOGRAFIA 14	Norberto Gonçalves/ Berto Preto	51
FOTOGRAFIA 15	Terno dos Temerosos- Canto de Reis	51
FOTOGRAFIA 16	Bandeira	51
FOTOGRAFIA 17	Terno dos Temerosos – Giro	51
FOTOGRAFIA 18	Rua de baixo- Chamada dos foliões e anúncio da saída do terno.	69
FIGURA 1	A disposição dos foliões na saudação ao Menino Jesus.	61
FIGURA 2	A disposição dos foliões durante a roda e execução dos sambas e outras canções populares.	73
FIGURA 3	A disposição dos foliões durante a roda e execução dos sambas e outras canções populares.	74
FOTOGRAFIA 19	Bandeira (Arquivo pessoal de João Damascena).	81
FOTOGRAFIA 20	Casa de Dona Carminha – Bandeira do terno posta sobre a cama de filha falecida.	85
FOTOGRAFIA 21	Casa do prefeito Manuel Jorge- Apresentação do terno.	87
IMAGEM 1	Festejos de Santa Cruz - Apresentação do terno.	95
FOTOGRAFIA 22	Antiga Praça Getúlio Vargas	114
FOTOGRAFIA 23	Giro do terno dos Temerososos.	122
FOTOGRAFIA 24	Ator Jackson Antunes recebendo cd do terno dos Temerosos.	129
FOTOGRAFIA 25	Apresentação Maculêlê em frente a Casa de cultura Berto Preto.	129
IMAGEM 2	Santinho confeccionado para as eleições de 2012.	133
IMAGEM 3	Marujo	144
FOTOGRAFIA 26	Farda do terno dos Temerosos	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - Caminho das águas.....	20
1.2 Navegadores do São Francisco.....	31
1.3 O Reis dos Cacetes	41
1.4 Considerações acerca do capítulo.....	57
CAPÍTULO II- Os marujos vão as ruas.....	58
2.2 O Giro, a performance.....	67
2.3 A bandeira.....	81
2.4 Vestuário, bastões e apito.....	87
2.5 Música, músicos, instrumentos.....	92
2.6 Considerações acerca do capítulo.....	111
CAPÍTULO III- Fé, festa e transformação.....	113
3.2 A viola eletrificada e os sons inaudíveis.....	113
3.3 A noite dos mestres ou a memória em conflito.....	126
3.4 Fé, festa & folia.....	136
3.5 Considerações acerca do capítulo.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
ENTREVISTAS.....	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

INTRODUÇÃO

Andar pelas ruas de Januária¹ durante o ciclo natalino (25 de dezembro a 6 de janeiro) é proporcionar aos sentidos uma festa. Pelas ruas e pelas casas encontramos foliões com suas fardas e vestuários coloridos, os sons povoam a rua, a comida oferecida aos foliões recende o seu cheiro. Pelas ruas, arte e política, devoção e regozijo se entremeiam. A festa e a construção de sentidos por meio das folias foi o primeiro elemento a nos chamar atenção nessa prática cultural.

Dentre a variedade de práticas culturais e de devoção, escolhemos o Terno dos Temerosos como objeto de estudo por dois motivos distintos, mas interligados. O primeiro está relacionado às maneiras como este pesquisador teve contato com a folia e com o terno mencionado. Assistimos pela primeira vez a apresentação do grupo durante a Festa dos Santos do Rio- festa em que há uma romaria sobre as águas do rio São Francisco. Nela, os barcos irrompem nas margens do rio trazendo as imagens de São Pedro e São Francisco- os temerosos aportaram na orla do rio e puseram-se a dançar em louvor aos santos. Essa cena foi uma imagem de rara beleza que persistiu na memória.

Em período posterior, quando foi necessário mudar para outra cidade a fim de complementar os estudos, estando distante das pessoas e coisas por que tinha afinidades e estranhando hábitos diferentes, pegou-se cantando os versos da canção entoada pelo terno, Marinheiro só:

Eu não sou daqui (marinheiro só)

Eu não tenho amor [...]

¹ Januária é um município do Estado de Minas Gerais situado na região do Médio São Francisco. O município de Januária desenvolveu-se a partir da formação do povoado do Brejo do Salgado. O arraial do Brejo do Salgado foi fundado pelo bandeirante paulista Januário Cardoso. A fertilidade das terras do arraial tornou-o produtor de cereais, fumo, açúcar e de seus derivados; rapadura e cachaça. Januária foi emancipada em 1860.

A canção foi evocada para representar um sentimento de pertencimento, para dizer “eu não sou daqui”, não pertenço a esse lugar e estranho os seus costumes - vale salientar, que este pesquisador, ainda que seja neto de antigos foliões nunca dançou folia, apenas acompanhou várias delas em Januária, mas como espectador. Por meio do terno, começamos a nos indagar sobre os modos como se constituem os sentimentos de pertencimento. Essa indagação trouxe consigo outras questões: quais os sentidos dos símbolos da folia, quais os laços entre a devoção e as relações sociais, o que o Terno dos Temerosos, suas canções, ritos e símbolos dizem sobre o homem januarese.

O segundo motivo de estudar o terno deveu- se às suas características. O Terno dos Temerosos agrupa em si elementos de práticas culturais distintas devido às formas em que foi constituído. A formação do terno tem também uma intrínseca relação com a formação das comunidades ribeirinhas permitindo, ao estudá-lo encontrarmos caminhos para analisar as mesmas.

Esta pesquisa tem, pois, o objetivo de estudar, na segunda metade do século XX, os sentidos e transformações das práticas culturais por meio do terno; os símbolos e representações construídas através da devoção popular, e sua relação com as questões sociais e políticas, as formas de protestos, de resistências constituídas pela folia. Analisa ainda, as relações entre festividade e sacralidade. O religioso, os laços engendrados pela entrega religiosa são importantes aspectos a serem estudados nesta pesquisa, mas também o caminho que encontramos para debater as demandas políticas, sociais e culturais da vida e história do januarense, posto que estejam, no Terno dos Temerosos, integradas.

Discutimos ainda, a trajetória histórica do grupo, a forma como a mesma está interligada ao trabalho do vazanteiro, pescador e agricultor. Estudamos por fim, as transformações do terno em meio às dinâmicas do mundo contemporâneo e a perda de espaço da devoção praticada através das folias.

Estudaremos o terno na segunda metade do século XX por ser o período em que o grupo se afirmou como um dos principais reisados de Januária e devido às fontes documentais que apontam para o período. Além dos relatos orais não há nenhum documento que dê indício da existência do terno na primeira metade do século XX, o que restringe nossas análises do período mencionado.

O Terno dos Temerosos é um grupo que tem registros de sua existência desde a segunda metade do século XX. Foi criado na “Rua de Baixo”, região situada na extremidade esquerda da área urbana da cidade. Constitui basicamente uma rua na qual cresceu um aglomerado de casas e que veio a constituir bairros situados às margens do rio. Atualmente o terno é coordenado pelo Imperador João Damascena, professor de história que participara desde criança do terno e assumira sua coordenação desde o início da década de noventa do século XX.

O terno, segundo os foliões, fora constituído inicialmente por pescadores. Por se situar às margens do Rio São Francisco, o trabalho tem uma relação intrínseca com os símbolos da folia, o que a faz, muitas vezes, ser caracterizada como uma marujada de água doce².

O grupo formado por foliões vestidos de marinheiros exerce o ritual de devoção aos Santos Reis, dentro do ciclo natalino, apresentando-se tradicionalmente pelas casas da Rua de Baixo entre os dias 25 de dezembro a 6 de janeiro . Apresentam-se também em eventos festivos, cívicos e políticos, em escolas e festejos católicos durante todo o ano.

Considerações teórico-metodológicas

Os estudos aqui propostos partem da compreensão que as folias são práticas culturais, práticas que criam e recriam significações, portanto, para realizar as análises pretendidas, foi necessário enveredar pelos aportes teóricos da cultura e da história cultural. De antemão, salientamos que: “a história cultural , tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”³. Desse modo, para construir nossas análises, dialogamos com autores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Michael Bakhtin, Carlo Ginzburg e Stuar Hall.

As propostas teóricas de Michel de Certeau foram fundamentais para as análises que fizemos em todos os capítulos desta dissertação. A concepção que o autor

² A caracterização do terno como Marujada de água doce se deve a apropriações que o mesmo faz da Marujada: A Marujada é uma festa em louvor a São Benedito, santo de origem africana. Praticada principalmente na região do Pará e na Bahia, faz menção em seus autos e canções à navegação e à marinha, ao mar.

³ CHARTIER, Roger. *História cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa; DIFELL,1993. p.17.

teve da cultura como algo plural⁴, móvel, em constante transformação foi primordial para debatermos as transformações ocorridas no terno e nos distanciarmos dos folcloristas que classificam e restringem a cultura à um lugar instituído. Nessa perspectiva, por meio do autor foi possível estabelecer uma análise crítica das fontes produzidas pelos folcloristas.

Por meio do Michel de Certeau, ao estudar a história do Terno dos Temerosos, adotamos não o olhar panorâmico, que analisa à distância os processos históricos, mas procuramos olhar de perto, fazer os mesmos caminhos que os foliões, andando junto a esses. Desse modo, procuramos apontar as minúcias, as tensões, as maneiras cotidianas em que o homem ordinário vive.

Essa perspectiva de análise foi possível também através da adoção das propostas metodológicas da micro-história e dos jogos de escala. Por intermédio da micro-história estudamos questões gerais por meio de aspectos particulares e vice versa, alternando entre o olhar macroscópico e o microscópio. Assim, nesta pesquisa (principalmente no primeiro capítulo) transitamos entre as dinâmicas da política, da economia, cultura e sociedade januarense e a história, transformações e sentidos do Terno dos Temerosos.⁵

Retornando aos diálogos estabelecidos com as obras de Michel de Certeau,⁶ outros dois conceitos importantes para esta pesquisa são as noções de tática e bricolagem. No cotidiano, através da folia, os sujeitos anônimos criticam e subvertem a ordem imposta, reorganizam os espaços, e por meio de astúcias encontram brechas para resistir. As táticas são, pois, as maneiras silenciosas que os dominados encontram para subverter as imposições, mesmo que por um breve momento. Os estudos dos símbolos da folia, do bastão, das músicas estão em larga medida calcados nesse conceito.

⁴ CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.

⁵ Podemos citar como influência, a metodologia utilizada pelo historiador Geovani Levi na obra “A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII”. Levi utiliza como pretexto o estudo do exorcismo e da trajetória de um padre para reconstituição social e cultural de uma determinada sociedade. Ver: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Sobre a micro-história e os jogos de escala ver: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas; Ed. da Unicamp, 2007. ; LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. ; REVEL, Jacques. (Org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

⁶ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Campinas, Papirus, 1995.

A apropriação que fizemos do conceito de bricolagem é perceptível em toda a pesquisa. A bricolagem, grosso modo, é a união de elementos culturais e práticas distintas que resulta em algo novo, ressignificado. Na bricolagem de crenças e práticas culturais é que se constroem o sistema de símbolos e sentidos da folia. O conceito é de suma importância porque o Terno dos Temerosos agremia em si práticas culturais, políticas e de devoção distintas.

No intuito de compreender as representações criadas por meio do terno recorremos aos diálogos com as propostas teóricas do historiador Roger Chartier.⁷ Procuramos ter em vista a historicidade, os meios sociais, os jogos de poder pelos quais as imagens eram construídas e reconstruídas ao longo da história do terno. Atentamos para as redes de significações nas quais as ações políticas, religiosas e culturais estão ligadas. Através das representações estudamos as tensões e as apropriações dos símbolos criados pelo terno.

Na esteira de Stuart Hall⁸ acreditamos que as identidades, os sentimentos de pertencimento são construídos em co-relação com as práticas culturais. Partimos do pressuposto que elas não são algo fixo, hermeticamente constituído, portanto, podem ser criadas, reconstituídas, ressignificadas ao longo dos períodos históricos.

Por meio do diálogo com Stuart Hall pensamos ainda a relação entre o terno e o mundo globalizado. Pautados no autor vimos com ressalvas as análises que creditam aos processos de globalização o poder de a tudo e a todos englobar e homogeneizar. Desse modo, duvidamos dos que apregoam que as práticas culturais perderam sua legitimidade e suas tradições em meio a sociedade pós-moderna, ou da dita modernidade líquida. Por modernidade líquida, influenciados por Zygmunt Bauman, entendemos o processo de perda da solidez dos laços coletivos e o aumento da individualização, nas palavras do sociólogo:

“Derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse

⁷ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, v.5, n.11.

⁸ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadiño e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.⁹

Embora seja notória a acentuação da fragmentação dos códigos culturais, a ênfase nos produtos e valores efêmeros. Contrárias à vigência e domínio desses valores, as análises que aqui se faz, pautadas nas propostas de Michel de Certeau¹⁰ e de Stuart Hall, buscam problematizar as maneiras como os foliões ressignificam os bens de consumo e o modo como lidam com as tecnologias.

Através do terno, pautados em Brandão¹¹, estudamos as maneiras como as festas religiosas populares, com suas linguagens múltiplas, excedem a lógica das relações cotidianas para por meio de máscaras e metáforas, falar sobre os homens que as vivem.

Entendemos ainda que a folia é também espaço de construção de memórias, de narrativas sobre o passado. Essas memórias podem vir à tona de modo involuntário¹² ou voluntário. Estão sujeitos também às manipulações, construções. Debruçamos, pois, nesta pesquisa, nas maneiras como as memórias são construídas em torno do Terno dos Temerosos, atentando para seu caráter lacunar, seus silêncios e omissões.¹³

Esses aportes teóricos, entre outros estabelecidos ao longo do trabalho, nos possibilitaram dialogar com as fontes. Esta pesquisa tem como fontes documentais os

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. In:_. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.12.

¹⁰ Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer entende a cultura cotidiana como apropriação ou reapropriação, desse modo, o consumo ou a recepção é uma forma de prática, e não uma obediência cega às imposições do mercado, os consumidores usando de astúcias criam até onde for possível uma rede indisciplinar, dando novos sentidos aos objetos de consumo.

¹¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papirus. 1989. Ver também: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia festa e romaria*. São Paulo, Idéias & letras, 2010. ; AMARAL, Rita de Cássia Melo. *Festa à Brasileira*: significados do festejar, no país “que não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP/FFLCH/Dept. Antropologia, 1998.

¹² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.

¹³ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 9, dezembro de 1993. Ver também: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

relatos orais dos antigos e atuais foliões, principalmente os mais velhos, visto que são sempre indicados pelos foliões e moradores da Rua de Baixo como os “detentores da memória”, do saber acerca do terno e da comunidade. As revistas e os livros de memorialistas nas quais se destacam o livro “Memorial: Januária, terra, rios e gente” de autoria de Antônio Emílio Pereira e a revista lançada em comemoração ao centenário de Januária em 1960, intitulada “Januária - Comemoração do 1º Centenário.” As pesquisas de doutoramento da historiadora Iara Toscano Correa e do etnomusicólogo Edilberto Fonseca que também trataram sobre a temática aqui proposta.

Estabelecemos um diálogo contínuo com os pesquisadores, ora concordando, ora discordando dos mesmos. Reiteramos que por serem pioneiros no estudo do terno, suas teses são importantes fontes documentais. O etnomusicólogo Edilberto Fonseca em seu trabalho fez um estudo etnográfico do terno e dos circuitos musicais de Januária, analisando como as práticas musicais e políticas públicas influíram na trajetória do terno. As análises desse autor carecem, em nossa perspectiva, do aprofundamento no estudo das tensões e jogos políticos presentes nas transformações e história do grupo. A historiadora Iara Toscano estuda os dilemas entre a modernidade e as interações e táticas das quais os reisados lançam mão para a manutenção das tradições. Tem como objeto de pesquisa a Folia de Reis dos Figueiredos, a Folia de Reis do Alegre e o Terno de Reis dos Temerosos. A essa historiadora escapa um aprofundamento dos sentidos das práticas culturais do Terno dos Temerosos. Salientamos que os aspectos que escapam aos historiadores não constituem falhas nos seus trabalhos, posto que não estão inclusos nos objetivos dos pesquisadores. Esses são elementos que nos preocupamos e propomos a estudar.

Utilizamos os registros fonográficos e impressos resultantes da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro realizada no município em 1960. Lançamos mão do uso de imagens e registros fonográficos ao longo do período que vimos acompanhando o grupo e suas apresentações. Os vídeos e áudios são utilizados principalmente para estudarmos as performances, as estruturas melódicas, os sentidos das canções e também para analisar os símbolos da folia. As imagens são utilizadas não apenas para ilustrar, mas para dialogar com as análises feitas, complementando-as. Não estabeleceremos aqui um profundo estudo iconográfico, mas lemos as imagens relacionando-as aos seus contextos históricos.

A pesquisa

A pesquisa foi feita em três momentos distintos. O primeiro deles foi realizado através da busca de imagens, gravações em vídeo e áudio, bem como pesquisas e obras memorialistas que versavam sobre o terno. Desse modo, recorremos tanto às mídias sociais como às teses aqui mencionadas.

O segundo momento ocorreu ao acompanharmos o terno durante suas apresentações e giro durante os anos de 2010 a 2013. Nessa parte da pesquisa foram registrados em vídeos, áudio e imagens desde a reunião do grupo antes da saída para apresentações até o fim do giro. Registraramos ainda “conversas”. Todos os registros foram acompanhados de anotações que, junto com os aportes teóricos e com as fontes, nos ajudaram a desvelar, desemaranhar os sentidos dos gestos, rituais e símbolos do terno. Em um estudo etnográfico, aos modos do antropólogo Clifford Geertz intentamos fazer o que se denominou de descrição densa¹⁴. Segundo o antropólogo:

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplicáveis, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um

¹⁴ Os estudos de Clifford Geertz nos permitem pensar o homem ligado ao todo social, interligado a uma rede de significados e significações na qual ele não é sujeito passivo, mas criador. A descrição densa consiste, grosso modo, em apreender os sentidos emaranhados em meio às minúcias das práticas culturais.

manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos.¹⁵

No terceiro momento da pesquisa realizamos a coleta de relatos orais. Os entrevistados foram selecionados qualitativamente, optamos por entrevistar os foliões mais antigos, reconhecidos pelos próprios moradores da Rua de Baixo como detentores do saber tradicional, da memória, constituindo em uma referência acerca da temática. As perguntas aos entrevistados estavam relacionadas à origem e história do terno de modo geral, aos seus símbolos e sentidos, as relações do terno com a Rua de Baixo entre outras questões.

As fontes orais nesta pesquisa são tomadas como (re) leituras de um passado situado no tempo, mas também mitificado através da memória. Temos os relatos orais como uma das narrativas sobre o passado, tão importante quanto os livros memorialistas e estudos acadêmicos. Entretanto, estamos atentos ao seu caráter lacunar, às subjetividades. Assim como Diehl, acreditamos que os sujeitos repoetizam o passado em uma relação entre passado e presente. A construção de memórias, seja através da oralidade, ou por narrativas impressas está ligada aos processos de identificação.¹⁶

Assim, o primeiro capítulo procura estudar os trajetos da história dos marujos de água doce na segunda metade do século XX. Busca entender como se constituíram ao longo da história do grupo os processos da história do terno. Trata-se de analisar os aspectos políticos, sociais e econômicos que integram as práticas culturais e religiosas do grupo. Estudamos ainda a relação da formação do grupo com a constituição social das comunidades ribeirinhas.

O segundo capítulo estuda os símbolos e representações construídos por meio da folia. Os significados do giro, da bandeira, bastões, vestuários e demais elementos que compõem o terno. Procura analisar as apropriações, influências e linguagens vinculadas aos rituais da folia. O que a gama variada e complexa de vozes, práticas e memórias diz sobre os homens que praticam a folia. Estuda por meio do

¹⁵ GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p.20.

¹⁶ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.

terno, as interfaces do sagrado e do profano, as influências da cultura afro-brasileira no grupo e as formas como a agricultura, a pesca e sua cosmologia estão integradas aos rituais da folia.

O terceiro capítulo analisa as interações entre festividade, sacralidade e austeridade que permeiam a folia, bem como os conceitos de folia, reis, marujadas e os sentidos que os mesmos adquirem no exercício da devoção. Discute ainda as dimensões das práticas políticas feitas por meio do terno. Estudamos as formas como as dimensões da modernidade líquida atingem e estão ligadas às transformações do Terno dos Temerosos.

CAPÍTULO I

Caminho das águas

Caminho das águas

Rodrigo Maranhão

Leva no teu bumbar

Me leva

Leva que quero ver meu pai

Caminho bordado à fé

Caminho das águas

Me leva que quero ver

Meu pai...

A barca segue seu rumo lenta

Como quem já não

Quer mais chegar

Como quem se acostumou

No canto das águas

Como quem já não

Quer mais voltar...

Aqueles que viveram no sertão do semiárido bem sabem, a chuva é benção e demora sempre a cair, as nuvens carregadas e negras cismam em desabar sobre outras regiões. E quando no limiar de março o solo ainda está rachado pela seca, a despensa vazia, a carroça vai e volta da cidade quase sem mantimentos¹⁷, as mulheres e crianças saem às ruas em procissão:

Mulheres e crianças, com bacias e cabaças d'água, com cruzinhas de mato verde saiam todo dia rezando aos santos para mandar chuva, aí o dia que chovia reunia todos numa casa, levava a imagem de Maria, reunia todos e iam cantar louvores:

Graças a Deus

¹⁷ Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, até a década de 80 o transporte da zona rural para o centro urbano era feito por carroças. Essas carroças traziam o produzido nas pequenas propriedades como feijão, mandioca, milho, mamona entre outros, eram vendidos, principalmente no mercado municipal ou para os grandes comerciantes. Do centro urbano comprava-se o que não era produzido nas zonas rurais. As viagens demoravam vários dias, dependendo da região demorava até uma semana de viagem. Como nos diz Dona Naide: “A gente vinha era de carro de boi e a cavalo, vinha quatro, cinco pessoas com os carros cheios pra vender, e ai vendia e comprava as outras coisas que precisavam.” SILVA, Naide Duque da. Relato registrado em 07/01/2012.

Que a chuva choveu¹⁸

Já aqueles que viveram a alguns passos do rio São Francisco sabem que são bem aventureiros. Seu pote de água estará sempre cheio, o solo fértil. Entretanto, incorre a sobrevivência dessas outras questões. O alimento a ser comprado é caro, o peixe a ser vendido barato, o plantio do vazanteiro¹⁹ é duro e nem sempre se colhe bem.

Começamos este capítulo recorrendo a essa temática porque ela permeia boa parte da vida e da história do homem januarense e Norte Mineiro: a agricultura, a pesca, a seca - as demandas políticas atreladas às condições econômicas e sociais - representadas e permeadas pela religiosidade, dão o teor do nosso primeiro capítulo.

Desse modo, o capítulo busca descrever e explicar como se constituíram ao longo da segunda metade do século XX os processos históricos do Reis dos Cacetes²⁰. Estudar o que levou o terno a se afirmar enquanto um dos principais reisados da região, a ponto de reivindicar para si o direito de ser representante da identidade do januarense (e ser legitimado enquanto representante dessa identidade). Trata-se de analisar os aspectos políticos, sociais e econômicos que permeiam as práticas culturais e religiosas do grupo.

Procuramos, neste capítulo, estudar a história do Terno dos Temerosos, sem contudo perder de vista aspectos da vida, do trabalho e experiência dos foliões. Se faz, pois, necessário que falemos um pouco da sociedade januarense na segunda metade do século XX.

Na revista comemorativa do centenário da cidade Silvio Brasileiro de Azevedo assim escreveu:

¹⁸ SILVA, Naide Duque da. Relato registrado em 07/01/2012.

¹⁹ Denominam-se Vazanteiros as populações que habitam às margens do rio São Francisco, exercendo a agricultura de acordo com os ciclos naturais de seca e cheia do rio. Praticam também o extrativismo e a pesca. As condições de plantio do vazanteiro devido aos recursos naturais que pode explorar são, em certa medida, melhores que a dos agricultores das regiões secas que precisam lidar com a falta da água. Devido ao constante assoreamento do rio e a diminuição intensa de seus níveis, a pesca e a agricultura de vazante têm sido atividades cada vez mais penosas e escassas.

²⁰ Reis dos Cacetes é como é conhecido popularmente o Terno dos Temerosos, o nome se deve tanto ao uso de bastões como parte fundamental das coreografias desenvolvidas pelo terno, como pela evocação da luta entre mouros e cristãos para explicar a origem do grupo. Os Reis dos Cacetes se originam dos guerreiros menos abastados que usavam bastões nas lutas.

Tem o município, pelos dados oficiais do Recenseamento Geral de 1950, uma população de 49.756 almas.

Essa população se adensa nas áreas do distrito de Januária e Brejo do Amparo, atingindo o índice de 53% da cifra global.

Segundo cálculos estatísticos, o aumento previsto dessa população devia elevá-la, até 1960, para 58.962 habitantes.

A composição populacional do município apresenta índices interessantes. Segundo a religião, os habitantes do município professam a religião católica na percentagem de 99%. Aliás, nesse aspecto, a população do Município reflete quase a mesma composição do conjunto estadual.

No tocante a cor, 30% dos habitantes são de cor branca, predominando assim os indivíduos de cor parda ou preta.

É quase nula a conta de estrangeiros. O forte da população se acha no quadro rural, situação semelhante a do Estado do país.

Januária é o maior núcleo populacional do Município, seguindo-se das vilas de Itacarambi e Brejo do Amparo.²¹

Os dados nos apontam alguns elementos importantes. Primeiro a primazia do catolicismo em detrimento de outras religiões. Embora seja prudente em outro estudo questionar a cifra apresentada, (99% eram católicos), os dados vão ao encontro dos relatos orais feitos nesta pesquisa²², nos levando a crer que nas duas primeiras décadas da segunda metade do século XX, o catolicismo era a religião com mais devotos no município de Januária, o que explica em certa medida o desenvolvimento do terno, bem como uma porção de outros ternos na região.

A presença marcante do catolicismo e de sua relação com a dinâmica do trabalho, da vida social e econômica do januarense, é revelada através da construção da

²¹ AZEVEDO, Silvio Brasileiro de. *O Município e suas possibilidades*. In. PREFEITURA MUNICIPAL DE JANUÁRIA, SOCIEDADE DE AMIGOS DO SÃO FRANCISCO. Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte: Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960. p.12.

²² No segundo capítulo, Dona Olegária nos falou que o terno passava por todas as casas da Rua de Baixo, indício que havia, nas duas primeiras décadas da segunda metade do século XX, um contingente bem maior de católicos que atualmente.

primeira igreja Matriz iniciada em 1878. Intitulada “Nossa Senhora das Dores” foi construída voltada para o rio, bem como as outras duas igrejas construídas após a demolição desta- foram construídas duas igrejas matrizes que ganharam o mesmo nome, em 1972 a segunda igreja foi demolida para a construção da atual Matriz “Nossa Senhora das Dores”. As três igrejas são postas em ordem cronológica de suas construções nas fotografias da página subsequente-, todas elas voltadas para o rio. É notório que parte da religiosidade se expressa através das experiências do trabalho com a água; as portas da igreja se abrem não para os órgãos do poder, como a prefeitura e os casarões que estão em suas costas, mas para as lavadeiras, pescadores, vaporzeiros, comerciantes, prostitutas e viajantes que se aglomeram no porto.

O porto às margens do rio, até o fim das últimas décadas do século XX era povoado por lavadeiras que por meio do rio ganhavam o sustento, como exemplificado na última foto da página subsequente. Essas mulheres exerciam tais atividades, em muitos casos para sustentar a casa, visto que a agricultura de vazante e a pesca dependem dos ciclos da natureza e não havia segurança econômica em tais atividades. O porto também era, segundo Dona Naide, local frutífero ao comércio, ali se aglomeravam desde comerciantes ambulantes, às mercearias com toda sorte de produtos. As igrejas, portanto voltavam suas portas para esses pescadores, lavadeiras, ambulantes e etc.



Januária: Catedral Nossa Senhora das Dores -1833
In: PEREIRA, A.E (2008.p.23.)



Januária: Catedral Nossa Senhora das Dores -
demolida em 1972. In: PEREIRA, A.E (2008.p.24)



Januária:Catedral nossa Senhora das Dores, 1973
In:PEREIRA, A.E. (2008, p.13)



Januária- lavadeira. In: PEREIRA, A.E. (2008,49)

O outro dado apontado por Azevedo trata da divisão dos habitantes pelo critério da cor. A predominância de negros no contingente populacional januarense, bem como no Norte de Minas, também nos dias atuais, é bem perceptível. Sobre esse dado é preciso que façamos algumas problematizações. Apesar da maioria do contingente ser composta por negros, a sociedade januarense é perpassada por marginalizações raciais e sociais.

Tornam-se perceptíveis tais marginalizações quando atentamos para a construção dos espaços sociais. A região central de Januária²³ foi construída com as seguintes caracterizações: de um lado a Prefeitura, atravessando a rua a cadeia (onde atualmente funciona a Casa da Memória) e mais à frente a Igreja. Em torno da região central, os casarões das famílias abastadas e os estabelecimentos comerciais. A foto abaixo dá uma dimensão de como se deu essa organização dos espaços sociais em Januária, ao redor da praça central Getúlio Vargas se aglomeraram os casarões e os comércios das pessoas mais abastadas.



Januária: Vista área atual da Praça Getúlio Vargas – Região Central- In: PEREIRA, A. E. (2008, p.22.)

²³ Quando falamos de “região central” não queremos recorrer ao sentido literal da palavra, mas onde residem as principais instituições administrativas, jurídicas, religiosa e comercial, destacamos ainda que esse é um termo usual do januarense.

Seguindo o curso do rio, em suas margens, temos um aglomerado de casebres onde vivem os pescadores e os vazanteiros, local do surgimento de vários ternos, incluindo o que aqui estudamos; Terno dos Temerosos. No texto intitulado “O Rio São Francisco – Sua interpretação”, Afrânio Teixeira Bastos, escreveu sobre as populações ribeirinhas:

O São Francisco é, hoje, uma região escassamente povoada, pobre e atrasada. Apatia e rotina são os traços característicos da vida local, que se arrasta sem atrativos e quase sem sentido. À beira do rio, dormitam pequenos aglomerados, entorpecidos pela canícula, e, entre eles, vastidões sem fim de campos ermos e silenciosos, onde o apito dos velhos e fatigados “gaiolas” ecoa como único traço real da civilização.²⁴

É preciso primeiramente destacar e questionar o teor depreciativo com que o autor caracteriza as populações ribeirinhas do Médio São Francisco, tentando estabelecer a relação entre o clima e os ribeirinhos, como justificativa para a “incivilidade” dessas populações: “entorpecidos pela canícula”. Mas o texto se faz importante para destacarmos as condições de vida de uma parcela da população januarense que não obtinha lucros significativos com o intenso comércio fluvial e vivia e vive em condições precárias.

Abaixo, na página subsequente na imagem, é possível observar uma família atravessando o São Francisco na canoa. Segundo Seu Binu, que foi pescador e dançador de Reis no Terno dos Temerosos, as famílias atravessavam o rio nas canoas para trabalhar na outra margem, seus casebres situavam-se à margem direita do rio, onde, ainda hoje se aglomeram as famílias dos pescadores e vazanteiros e vivendo até a atualidade em condições precárias.

²⁴ BASTOS, Afrânio Teixeira. *O rio São Francisco- sua interpretação*. In. PREFEITURA MUNICIPAL DE JANUÁRIA, SOCIEDADE DE AMIGOS DO SÃO FRANCISCO. Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte: Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960. p.12.



Januária – Rio São Francisco – Família de pescadores - In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 49.)

Essas comunidades, que constituem hoje a Rua de Baixo e o Aterro da Galiléia, ainda são consideradas, para os que “vivem no centro” como lugar de gente pobre, reduto de marginais e “pretos”. O atual Imperador do terno, João Damascena, em relato concedido a Edilberto Fonseca disse:

João - Nós temos aqui músicos excelentes, nós temos aqui vários filhos de pescadores, de lavadeiras, de domésticas, de vazanteiros, que trabalham na ilha aqui, fazendo faculdade, fazendo pós-graduação, se destacando, mas isso não é visto.

Edilberto - Você acha que existe um preconceito racial também?

João – Existe também. Não existe só o preconceito social, o econômico, mas tem o racial.

Edilberto – Você acha que aqui em Januária tem uma concentração maior...

João – de negros, aqui na Rua de Baixo!²⁵

A dinâmica da formação dos espaços sociais e as significações dadas a eles: o centro – habitado por ricos comerciantes, prefeitos, funcionários públicos -, A Rua de

²⁵ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p. 126.

Baixo – habitada por negros, pobres, pescadores, prostitutas, vazanteiros- aponta-nos para as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade januarense.

Nessa perspectiva, as formulações teóricas de Michel de Certeau sobre o espaço e o lugar se fazem importantes para pensarmos essa dinâmica de organização dos espaços e lugares sociais. É importante salientar, que para Certeau os conceitos de espaço e lugar estão imbricados, não podendo fazer uma separação radical entre eles. Em a “Invenção do Cotidiano”, Certeau escreveu:

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...].

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.

Em suma, o *espaço* é um *lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres.²⁶

Acreditamos que a formação da cidade estabelecendo a divisão entre o lugar onde reside o centro do poder e, o lugar onde reside a pobreza e a marginalidade é re-significada na construção de espaços. Nesse sentido, a Igreja voltada para o rio, não para o centro, é exemplo disso. Quando os ternos saem da Rua de Baixo e percorrem o centro, de forma simbólica, tomando um lugar que não lhes pertence, esse espaço é re-significado. Quando há uma tentativa de afirmar o Terno dos Temerosos como manifestação cultural pertencente à identidade januarense e não apenas à Rua de Baixo (como analisaremos no segundo capítulo), os espaços sociais são re-significados e integrados. Podemos, pois, entender esses sentidos dados aos espaços sociais como forma de resistência à marginalização e discriminação social e racial.

²⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.184.

Sobre a dinâmica social e política de Januária se faz necessário que atentemos ainda para as práticas coronelistas. No livro “Memorial de Januária: terra, rios e gente”, Antônio Emílio Pereira escreveu sobre o coronelismo:

Em regiões remotas, longe da metrópole o coronel tinha sua importância. É o fazendeiro, o coronel, é quem dá o trecho da terra para cultivar, é quem lhe oferece remédios, é quem protege das arbitrariedades dos governos, é o seu intermediário junto as autoridades. [...]

Em Januária, o elenco de vereadores, desde a criação da vila em 1833, e dos agentes executivos, após a república até a revolução de 1930, é um rol quase completo de coronéis.²⁷

As práticas coronelistas são um dos marcos das desigualdades sociais no Norte de Minas e em Januária. Essas práticas coronelistas perpassam as relações econômicas e políticas, mas também as manifestações culturais e religiosas, posto que estejam integradas.

O historiador Laurindo Mékie Pereira na dissertação “Dependência, favores e compromissos: relações sociais e políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50”, ou mesmo no livro “A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX”, discorre acerca das estratégias utilizadas no cenário político, no qual as elites se utilizavam de práticas de favores e o estabelecimento de compromissos entre os atores que exerciam a política no século XX. O autor assim escreveu em sua dissertação:

As relações sociais e políticas estabelecidas em Montes Claros nos anos 40 e 50 marcavam-se pela dependência mútua entre seus agentes, pela prática do favor e dos compromissos. As diversas relações - lideranças-povo, lideranças-lideranças, Município- Estado-União – travadas no cotidiano e acentuadas nos períodos eleitorais, compõe um modelo de dominação social e política. Contudo, tal dominação é limitada pelo caráter recíproco da dependência – imposto pelo sistema eleitoral, que garante ao indivíduo o direito ao voto e obriga o candidato a conquistá-lo – e pelas estratégias populares de participação

²⁷ PEREIRA, Antônio Emílio. *Memorial Januária: Terra, Rios e Gente*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.321.

política, sejam elas de forma submissa ou insurgente. É a esse conjunto de relações que damos o nome de coronelismo em Montes Claros.²⁸

Recorremos ao historiador por acreditar que ele foi feliz em sua análise, pois bem sabemos que aquilo que os historiadores caracterizam como coronelismo tem significados diversos. Fugindo à adoção de um conceito pronto para explicar um contexto histórico, o autor dá significações novas ao que entendeu por coronelismo em Montes Claros.

Embora a pesquisa do historiador se limite a estudar o município de Montes Claros, acreditamos que o conceito citado acima (guardadas as peculiaridades da história de cada município) nos serve para entender aspectos das políticas coronelistas em Januária.

Concordamos com o historiador, ao acreditarmos não ser possível falar da existência do coronelismo em Januária nas últimas décadas da segunda metade do século XX. Entretanto, podemos afirmar que algumas práticas afirmadas durante a sua vigência, com transformações e sentidos diferentes, persistem. Nessa perspectiva, os favores e os compromissos mútuos, principalmente nos períodos eleitorais são recorrentes. No segundo capítulo, ao tratar da bandeira, daremos um exemplo de como os compromissos mútuos são feitos também com os ternos. Essa relação se dá tanto como tática (no sentido atribuído por Michel de Certeau ao conceito), como forma de resistência e sobrevivência destes, bem como tentativas de dominação social pelas elites que administram o município. Desse modo é prudente tratarmos aqui, de práticas coronelistas.²⁹

²⁸ PEREIRA, Laurindo Mékie. Dependência, Favores e Compromissos: Relações Sociais e Políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50. Dissertação (Mestrado em História Social), Uberlândia: UFU/PPG em História, 2001. p.62.

²⁹ Há uma vasta literatura que discute o coronelismo, dentre os autores e obras que tratam da temática podemos citar sucintamente: “LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto”, JANOTTI, “Maria de Lourdes Monaco. Coronelismo: uma política de compromissos”, “FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro”. As interpretações acerca da genealogia, decadência e características do coronelismo são muitas, entretanto recorremos à temática para analisarmos como as práticas culturais desenvolvidas por meio das folias estão interligadas à política do favor, como propõe Laurindo Mékie Pereira, às práticas coronelistas. Essa é uma discussão muito ampla que vamos limitar a explorar apenas as nuances descritas no tópico.

A dinâmica da formação dos espaços sociais, as desigualdades sociais, o comércio fluvial e agrário, bem como as prática políticas da segunda metade do século XX em Januária, estão atrelados com a formação e simbologias presentes no terno. Não queremos afirmar com isso que os sentidos das canções, vestuário e ritos são determinados por esses fatores, mas não podemos fugir às maneiras como as experiências sociais são representadas nos Reis dos Cacetes.

1.2 Navegadores do Rio São Francisco

O comércio, a navegação e ligação entre as cidades do Médio São Francisco e o Estado da Bahia foi uma constante desde o período colonial até meados da segunda metade do século XX. As estradas fluviais foram trafegadas pelos nativos que por lá viveram, navegavam em pequenas canoas de 100 palmos de cumprimento e largura de até 15 palmos, conduzidas por dois remadores³⁰. O rio trouxe também os primeiros aventureiros, padres e bandeirantes paulistas, bem como os primeiros negros escravizados.

Essa navegação ocorreu primeiramente através de canoas, gaiolas e barcas, embarcações criadas artesanalmente pelos pescadores e artesões locais, que foram se tornando mais complexas até à utilização das embarcações a vapor.

Antes da introdução da navegação a vapor, o comércio fluvial no São Francisco era realizado em grandes barcas manuais que traziam produtos industrializados e importados da capital baiana. Chegavam em carros de boi e eram embarcados rio acima. Nas regiões salineiras, entre Xique-Xique e Juazeiro, abasteciam-se de sal; em Januária, parte dessas mercadorias supria o comércio local, o restante seguia em mulas e carros de boi pela Estrada Real, pelos caminhos que levam aos sertões de Goiás e Bahia.³¹

As práticas coronelísticas em Januária, a troca de favores, está intimamente ligada às maneiras como administradores acusados de corrupção continuam sucessivamente sendo eleitos para a administração do município, como se pode observar na reportagem no link que segue:

<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL880208-5601,00-JANUARIAMG+TROCA+DE+PREFEITO+PELA+VEZ+EM+ANOS.html>.

³⁰ PEREIRA, Antônio Emílio. *Memorial Januária: Terra, Rios e Gente*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.474.

³¹ PEREIRA, Antônio Emílio. *Memorial Januária: Terra, Rios e Gente*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.475.

As estradas fluviais e a proximidade com a província do atual estado da Bahia gerou um frutífero comércio, que fora se tornando cada vez mais intenso, o que levou ao enriquecimento das famílias que povoavam os casarões no centro de Januária.

(...) A duas margens do Rio S. Francisco apresentam vastos terrenos impregnados de sal. Os homens dessas regiões sabem extraí-lo e dele fazem um importante objeto de comércio. Suas terras, arenosas e muito secas, não produzem quase nenhum dos gêneros de primeira necessidade; têm falta de milho, feijão, açúcar etc... sua riqueza; sobem o rio deixam o sal nas povoações situadas às margens do Rio S. Francisco recebem em troca os gêneros de que tem necessidade e vão assim até a confluência do Rio das Velhas [...] O açúcar e a aguardente são os principais gêneros que Salgado oferece em troca aos mercadores de sal, e é fácil compreender que vantagens devem fruir desse comércio uma localidade que, por sua lavoura constitui no deserto uma espécie de oásis.³²

Sobre as margens do rio, desmataram-se regiões extensas com o propósito da prática da agricultura e pecuária desde a chegada dos bandeirantes na região, no fim do século XVII³³. Após a chegada dos bandeirantes, formaram-se as primeiras comunidades, a partir desse período, a agricultura e a pecuária começaram a ser exploradas na região, essas, eram nômades na região do Médio São Francisco, em tempos de cheias os agricultores se instalavam no cerrado para derrubar os matos e fazer as roças. Durante a estiagem, voltavam para as regiões ribeirinhas e praticavam agricultura de vazante. Januária foi um município agricultor por excelência e, tornou-se o centro produtor e distribuidor de alimentos para todo o vale do Médio São Francisco. Como descreve Anastasia:

Brejo do Salgado foi considerado no século XVIII, o maior empório comercial entre o Alto e Médio São Francisco, de onde saiam boiadas para a região do Rio das Velhas. A importância de Barra do Rio das Velhas foi

³² SAINT- HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 346-347.

³³ Segundo o memorialista Antônio Emílio Pereira e o historiador Diogo de Vasconcelos os primeiros bandeirantes chegaram à região da Bahia e à região que atualmente é o Norte de Minas, por volta de 1680, com a exploração do comércio pelos mesmos, foram criadas as primeiras comunidades às margens do São Francisco.

assinalada por João Emmanuel Pohl- “o arraial tem grande fama pelo seu amplo tráfego comercial.³⁴

O comércio fluvial gerou, do século XVIII até as últimas décadas do século XIX, a dinamização econômica e intensificou o povoamento das comunidades ribeirinhas. Possibilitando ainda o contato com regiões que anteriormente viviam isoladas.

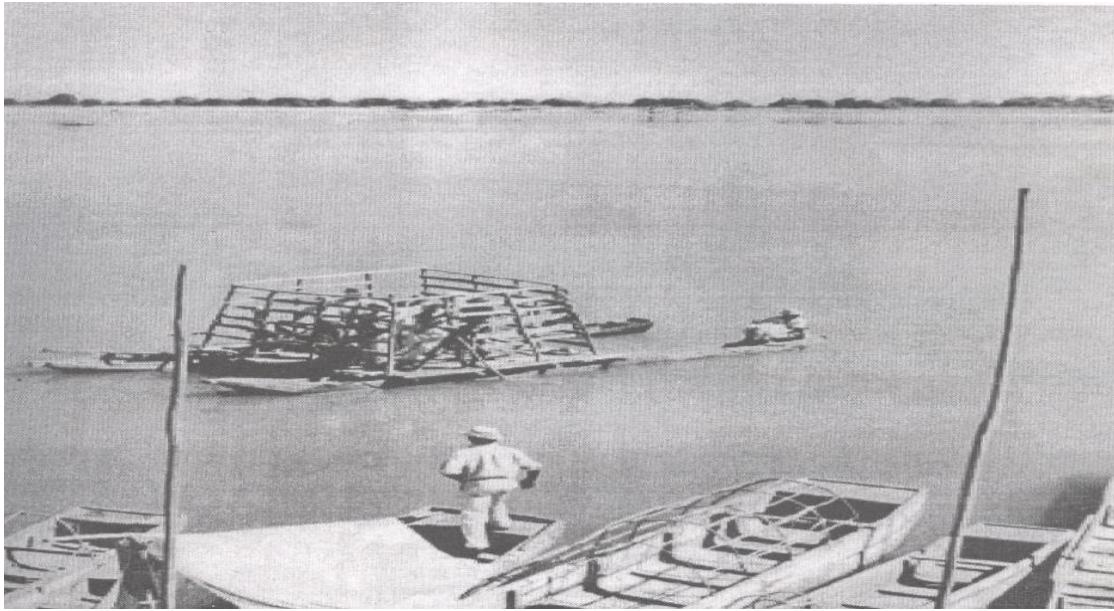
Poderíamos discorrer extensamente sobre a navegação no São Francisco e suas demandas políticas e econômicas, mas esse não é o nosso objetivo, o que nos interessa aqui é analisar como o intenso tráfego e o comércio fluvial imprimiram nessas regiões algumas marcas e como tiveram uma expressiva contribuição na formação social e cultural das comunidades ribeirinhas. Falemos primeiramente dos aspectos sociais. O memorialista Antônio Emilio Pereira, em seu livro “Memorial de Januária: terra, rios e gente” escreveu:

No século XVII, o elemento negro foi introduzido no Médio São Francisco, como mão-de-obra escrava nos currais. Nessa condição passa a trabalhar também nas barcas. A partir da abolição da escravatura em 1888, continuam exercendo a profissão que lhes confere um status inferiorizado do ponto de vista social... Como remeiros, os negros e mestiços ocuparam uma profissão estigmatizada, socialmente discriminada.³⁵

Os benefícios da dinamização da economia, como já apontamos nos parágrafos anteriores, não atingem a todos. Agremiou-se também sobre as regiões ribeirinhas uma quantidade significativa de comunidade de negros e pobres que foram postos ao largo dos benefícios trazidos pelo comércio fluvial. Servindo como mão de obra, ganhavam pouco para transportar pelo rio as cargas a serem vendidas, como podemos observar na imagem na imagem abaixo: bois sendo transportados pelo rio pelos referidos trabalhadores.

³⁴ ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVII*. Belo Horizonte: Arte, 1998, p.67.

³⁵ PEREIRA, Antônio Emílio. *Memorial Januária: Terra, Rios e Gente*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004. p.476.



Januária – Bois sendo transportados / aloujas e barcos In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 49.)

O antropólogo João Batista de Almeida, por sua vez, ao tratar da identidade e formação das comunidades ribeirinhas e Norte Mineira disse:

O Norte sertanejo tem sua formação histórica vinculada ao bandeirismo preador de índios e exterminador de quilombos e à marcha progressiva das fazendas nordestinas de gado pelo interior do país.

Se há uma lógica capitalista embranquecida e etnicizada do território e do espaço social regional hodierno, opõe-se a ela, resistindo com lógica semelhante, um território e um espaço social não-capitalistas e não-brancos, permitindo aos trabalhadores rurais reafirmarem suas autonomias, ainda que em condições mínimas e descontínuas, frente à dominação imposta.³⁶

A afirmação dessas comunidades se deu principalmente através de redes de solidariedade (o que não as isenta de rachaduras e jogos de poder em seu interior). A religiosidade foi muitas vezes o elemento aglutinador de tais redes de solidariedade que

³⁶ COSTA, João Batista de Almeida. *Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baiano* em Minas Gerais. Acessado em <www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/554/475>

progrediram, em muitos casos, para posicionamentos políticos e criação de instituições que melhorariam as condições de sobrevivência. Nessa perspectiva os líderes religiosos, os Imperadores das folias eram também os líderes comunitários.

Podemos fundamentar esse argumento tomando como exemplo um dos principais responsáveis pela criação do Terno dos Temerosos. Norberto Gonçalves ou Berto Preto como se costumou chamá-lo e como doravante o chamaremos, foi líder também da folia de Caixa e da dança de São Gonçalo, exercia o papel de uma liderança, respeitado por todos e tido como um homem sábio. Foi também o fundador da Colônia dos pescadores, principal instituição representante dos pescadores em Januária ainda hoje. Um dos integrantes mais velhos da Rua de Baixo, Binu, antigo pescador e dançador de reis assim disse sobre Berto Preto: “Berto Preto tinha amigos demais, moço! Todo mundo aqui era amigo dele. Berto Preto aqui era querido, era um negão querido, moço...O negão era instruído. Berto Preto era instruído, meu filho.”³⁷

Ao longo do fim do século XIX e até meados da primeira década do século XX as embarcações a vapor povoaram o rio e substituíram as barcas no comércio e o tráfego fluvial. A historiadora Iara Toscano, ao estudar as folias em Januária, discorrendo sobre o tema escreveu em sua tese de doutoramento:

Com a chegada dos vapores, Januária tornou-se um centro comercial ainda mais dinâmico, consolidando-se como um dos portos mais importantes no Médio São Francisco, ao lado de Juazeiro e Xique-Xique na Bahia. Com a prosperidade, comunidades foram se adensando e se espalhando por suas barrancas e ilhas, e mais além, nas cabeceiras dos rios que afluem para o São Francisco e para as terras férteis de suas veredas e alto *Gerais*.³⁸

No cais da cidade, aglomeravam-se viajantes, comerciantes e ambulantes, como na foto da página subsequente que registra o cais de Januária em 1940, indício do constante tráfego por meio dos vapores, que levavam e traziam bens e gente.

³⁷ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

³⁸ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013, p.71.



Januária – Cais/ Entreposto comercial – Navegações a vapor. In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 49.)

Entretanto, esse constante fluxo e sistema de circulação foi gradativamente alterado devido à criação das estradas de ferro que deslocou o fluxo do comércio. A pavimentação das estradas ligando as cidades norte mineiras à Belo Horizonte e às cidades do sudeste fez minar de vez o intenso comércio fluvial. Esse novo contexto político/econômico consolidou Montes Claros como cidade pólo do Norte de Minas.

Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, mais precisamente na década de sessenta, o Norte de Minas foi inserido em uma política nacional desenvolvimentista que criou órgãos com intuito de desenvolvê-lo, como a SUDENE³⁹. Januária, por um conjunto de fatores, mas principalmente devido a alianças e jogos políticos perdeu a centralidade que outrora tivera.

³⁹ Sobre o assunto ver PEREIRA, Laurindo Mékie. *Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político norte-mineiro*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP/PPG, 2007.

Saindo das análises macro da história de Januária, voltemos ao Terno dos Temerosos. Como mencionamos toda a dinamização do mundo do trabalho esteve atrelada a criação de práticas culturais e religiosas. As formas de devoção e sacralização criadas em torno da navegação do São Francisco são dos fatores primordiais para o entendimento do Terno dos Temerosos, posto que, inicialmente o terno era composto apenas por pescadores que em sua maioria eram também católicos. Como nos relata Binu em conversa com o atual Imperador do terno João Damascena: _ “E colocou os pescadores pra fazer o reis. Era só pescador mesmo, né? – Binu:_só pescador.”⁴⁰

A sacralização e práticas da religiosidade popular criadas em torno da navegação do São Francisco podem ser bem entendidas se observarmos as barcas que atravessavam o rio. Na proa de cada barca iam as carrancas. Essas serviam como proteção contra os perigos do rio: os naturais e os míticos.

A frente, no alto da proa, domina estranha e enorme cabeça de aparência hostil, ou estrambótica figura de animal lavrada em madeira. Serve para identificar a embarcação e dá a esta majestade. Seu proprietário dela cuida diariamente, conservando-a sempre limpa e pintada.

Cada barca tem sua cara particular, escolhida pelo dono ou herdada do ancestral parente. O filho do barqueiro adota o fetiche que lhe deixara o finado, por estima e por temor. E quem comprar uma barca não substitui, nunca, a figura da proa, com medo de azar. Acreditam que a carranca tem uma força mágica que defende a embarcação contra os malefícios e atrai a felicidade.⁴¹

Até os dias atuais é possível observar às margens do rio barcos com carrancas em sua proa, a confecção de carrancas tornou-se uma atividade artesanal bastante valorizada no município. Na imagem abaixo, uma barca atracada com a carranca destacando a frente.

⁴⁰ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/ Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

⁴¹ MARTINS, Saul Alves. *Folclore*. In. PREFEITURA MUNICIPAL DE JANUÁRIA, SOCIEDADE DE AMIGOS DO SÃO FRANCISCO. Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte: Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960. p.37.



Januária – Barca com Carranca - In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 49.)

Sobre o rio eram deixados ex-votos e aos santos do rio criaram-se devoções e festas, como é o caso da festa dos Santos Rios que ocorre tradicionalmente no dia cinco de outubro – uma romaria conduzida através das águas na qual as imagens de São Pedro e São Francisco são levadas e acompanhadas por dezenas de barcos que navegam em sentido contrário até se encontrarem. A foto na próxima página registra o encontro dos barcos já no fim da romaria fluvial.



Januária – Festa dos Santos do Rio. In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 49.)

O catolicismo popular nas comunidades ribeirinhas foi e é perpassado por essas formas de devoção ligadas às águas. Como nos relatou Saul Martins:

Entre os barrancos, desliza mansamente o rio, carregando troncos e garranchos, às vezes caixas ensebadas portadoras de ex-votos, ou de níqueis de cruzados, a São Bom Jesus da Lapa, naturalmente atiradas n’água por algum favorecido do Santo.⁴²

Ao falar que as formas de devoção dos ternos e do catolicismo de um modo geral estão ligadas às experiências de trabalho e às navegações sobre o rio não queremos

⁴²MARTINS, Saul Alves. *Folclore*. In. PREFEITURA MUNICIPAL DE JANUÁRIA, SOCIEDADE DE AMIGOS DO SÃO FRANCISCO. Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte: Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960. p.37.

dizer que tais fatores são determinantes ou que as folias são frutos apenas dessa influência. As barcas levavam e traziam produtos, mas também levavam e traziam gente, estes que são os transformadores e criadores das práticas culturais. As trocas e apropriações de práticas culturais feitas pelos pescadores e barqueiros que aportaram em cada região é tese largamente defendida neste trabalho (iremos explorar esse aspecto com mais acuidade ao longo desse capítulo).

Como já apontamos em parágrafos anteriores, ao longo da segunda metade do século XX o comércio fluvial vai diminuindo gradativamente. Entretanto o seu fim desembocou em outro processo histórico importante; foram criadas, através de memorialistas, de jornais, memórias que mitificavam os “áureos tempos de Januária.” José Alberto Granja Falcão, filho de um comandante de navio a vapor, relatou:

Olha, no passado o rio era [...] a esperança das pessoas, porque tudo que você quisesse era ou vinha daquele rio, o rio não tinha as dificuldades que tem hoje. [...] Era a beleza, trazia felicidade pra gente, quantos namoros, quantos casamentos, aconteceram através dos passeios desses vapores.⁴³

Desse passado, através da memória, são excluídas as desigualdades sociais, as dificuldades da navegação, a violência que envolvia as políticas em torno do comércio fluvial. Através dessa memória se constrói também a identidade ribeirinha. Como relatou Dona Maura, coordenadora da Casa da Memória de Januária:

Quem nasce na margem do rio São Francisco, não importa, ele atravessa cinco estados, mas existe uma denominação especial para quem nasce nas margens do rio São Francisco, ele não é baiano, não é mineiro, não é pernambucano, alagoano, nem sergipano ele é barranqueiro, entendeu? Há uma denominação especial, então nós somos barranqueiros, então lá da nascente até Sergipe, onde ele vai o espírito é o mesmo .⁴⁴

⁴³ FALCÃO, José Alberto Granja. Entrevista concedida a Nôila Ferreira Alencar, Januária, 28 de maio de 2011.

⁴⁴ SILVA, Maura Moreira. Entrevista concedida a Nôila Ferreira Alencar, Januária, 28 de maio de 2011.

A dita identidade ribeirinha é construída através de dois aspectos principais. O primeiro deles é através das experiências, da formação de comunidades negras e pobres que por meio de práticas culturais e religiosas criam uma cosmogonia sobre si. O segundo é através da memória, tanto oral (a que recorremos aqui nas citações acima) quanto dos livros e documentos de cunho memorialista (esses produzidos com um cunho elitista). Seria viável tratarmos aqui sobre identidades ribeirinhas, essas, muitas vezes convergem, outras, destoam acerca do que seria o barranqueiro. A trajetória histórica do Terno dos Temerosos nos possibilita entender essas contradições, como analisaremos no próximo tópico.

1.3 O Reis dos Cacetes

O periódico carioca “Suplemento literário”, em três de janeiro de 1960 em coluna intitulada “Folclore” publicou a seguinte nota:

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro está dando início à pesquisa sobre o samba [...] Além dessa iniciativa, a Campanha vai realizar também uma ampla pesquisa sobre o folclore de Januária. Nesse sentido o professor Joaquim Ribeiro já esteve naquela cidade mineira recolhendo informações para a elaboração do plano de trabalho.⁴⁵

A pesquisa mencionada resultou na publicação de um livro intitulado “Folclore de Januária” e em registros fonográficos (cujos áudios se perderam). Apesar de ser uma importante fonte documental, classifica de maneira artificial, dividindo as práticas culturais em temáticas que parecem pré- elaboradas. No livro mencionado Joaquim Ribeiro escreveu sobre o Terno dos Temerosos:

O principal reisado de Januária é o “Terno dos Temerosos” dirigido pelo negro Norberto Gonçalves. Apresentam-se vestidos de marinheiros e armados de pequenos paus. Dançam e cantam fazendo ritmo com os referidos pauzinhos.⁴⁶

⁴⁵ JUNIOR, Manuel Diegues. *Folclore e História*. Suplemento literário. Rio de Janeiro, 1960. p.3.

⁴⁶ RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínia da Cunha Castilho, 2001, p. 170.

Apesar de se deter muito pouco sobre o assunto e utilizar um breve espaço do livro para descrever o terno, Joaquim Ribeiro classifica o grupo como o principal reisado de Januária. Não foi possível saber quais os critérios que levaram o folclorista a fazer tal afirmação, mas talvez possamos afirmar que os pesquisadores não tiveram contato com outros reisados existentes nas áreas rurais e urbana.

Começamos esse tópico tratando da Campanha de Defesa do Folclore porque ela marca a construção de memórias sobre o terno, a descrição feita pelo folclorista é constantemente usada como respaldo para a importância que é atribuída ao terno e para definir sua origem.

A historiadora Iara Correa Toscano e o etnomusicólogo Edilberto Fonseca em suas teses de doutoramento, respectivamente intituladas “(Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) – 1961/2012” e “"Temerosos Reis dos Cacetes": uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária – MG” se detiveram sobre a origem do terno, ainda que de maneira breve. É consenso entre os dois pesquisadores o fato de que as pesquisas orais apontam para uma contradição acerca da origem da criação dos Reis dos Cacetes em Januária.

Em 2003, realizaram uma comemoração de 50 anos de existência. É interessante assinalar que, entre outras referências, o grupo tomou como base de cálculo para a data de sua fundação justamente as gravações realizadas pelo Levantamento, que se deu, no entanto, em 1960. Porém, diversos depoimentos colhidos mostram que o grupo é mais antigo do que afirmou Berto Preto, quase que descompromissadamente, nas gravações do Levantamento. Em uma das gravações, Berto Preto comenta com um entrevistador (que não era Joaquim Ribeiro) sobre a data de reunião do conjunto.

Entrevistador - O senhor já executa essa dança de Reis, essa música de Reis há muito tempo?

Berto - Há cinco anos.

Entrevistador - Há cinco anos, né? O senhor...herdou isso de quem?

Berto - Isso foi nós mesmo que *tiremo* aqui.

Entrevistador - Ah, o senhor mesmo tiraram daqui, né? Quer dizer, o senhor aprendeu como?

Berto - Aprendi de idéia aí, de cabeça, né...⁴⁷

Em nossa pesquisa também percebemos que não há como precisar a data de criação do terno⁴⁸, mas o que nos preocupa aqui não é o debate sobre sua genealogia e sim as apropriações feitas de um registro histórico para definir a origem e influências. O modo como a memória dos antigos foliões acerca da origem do terno é posta de lado⁴⁹ ou esquecida nas narrativas orais, ou mesmo acadêmicas (como é o caso da tese de Edilberto Fonseca) nos leva a crer que há uma tentativa de condução da construção da história dos Reis dos Cacetes pautando-se apenas na pesquisa coordenada por Joaquim Ribeiro.

A memória, estabelecida através do terno não está apenas na nostalgia de um passado abstraído de temporalidades e historicidade. Mas é uma memória em que reside a ação, anseios, dores e paixões dos que lembram, dos que presentificam o passado. “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”, já nos advertiu Manuel de Barros. A representação memorialista não é, pois, um baú de onde se extraem objetos empoeirados, mas o ato de rememorar é passível de (re)significações pelo olhar do que retoma o ausente (o vivido). Os foliões ao rememorar e esquecer retomam as demandas e anseios do presente, desse modo, os jogos políticos, a lembrança de uma vida melhor (ou sua romantização), o desejo ou a insatisfação da mudança, a construção de identidades, busca na lembrança o que lhe é plausível e o presentifica. Nesse sentido, os discursos da memória são construídos, portanto, no limiar do presente que anseia um propósito futuro.

Desse modo, por exemplo, na tentativa de legitimar as mudanças imprimidas no terno, o Imperador João Damascena seleciona e exclui alguns aspectos da história do grupo ao nos contar sobre o mesmo. Bem como os foliões que não

⁴⁷ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.118.

⁴⁸ Nota-se que há contradição na citação, (comemoração dos 50 anos do terno em 2003) isso se deve ao fato que João Damascena define a origem do terno através de um dado impreciso, como relatou ao tratar da entrevista de Berto Preto “eh... Berto Preto diz mais ou menos uns cinco anos.” ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

⁴⁹ Ver FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009.

aceitam tais mudanças, lembram e esquecem elementos do passado. Discutiremos com mais ênfase essas questões ao longo da dissertação.

Assim, as tradições perpetuadas pela memória, seus lugares e seus monumentos são construídos. Eric Hobsbawm e Terence Ranger já nos mostraram a possibilidade de um caráter construtivo e dinâmico que perpassa uma “Invenção das Tradições”, demonstrando como é possível a invenção de uma tradição consolidada em breve espaço de tempo.

Precisamos, entretanto, salientar o caráter fragmentário, lacunar, instável da construção dessas memórias, como assinala Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações.⁵⁰

O estudo sobre a memória que aqui se apresenta busca levar em conta esses aspectos, tendo como principal orientação metodológica a análise da constituição dos vários discursos sobre um mesmo objeto.

Mas não nos apressemos, voltemos aos objetivos do tópico. Esse tópico tem a pretensão de discutir alguns aspectos da história dos Reis dos Cacetes. Não nos interessa escrever e discutir cronologicamente toda sua história. Mas estabelecer algumas problematizações que nos possibilitem pensar, através do terno, o homem januarense da segunda metade do século XX.

Para tal intento recorremos, não só neste tópico, mas em todo o capítulo, às propostas teóricas da micro-história⁵¹. É importante ressaltarmos a importância que a micro-história tem para o tipo de abordagem que pretendemos estabelecer neste primeiro capítulo. A micro - história atenta para as especificidades da história e, através da adoção de análises microscópicas, elabora perguntas gerais. Não se trata de entender

⁵⁰ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 9, dezembro de 1993.

⁵¹ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In_____: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 134-161.

minuciosamente a história do terno dos Temerosos, trata-se de tentar entender como se elaboraram na segunda metade do século XX, em Januária e na região do Médio São Francisco, as relações sociais, os modos de crença e vida (trabalho, organização / relações sociais e práticas políticas) através de uma determinada prática cultural e religiosa.

Adotamos ainda, além da proposta metodológica da micro-história, a variação de escalas, explicitada por Paul Ricoeur⁵². Segundo o autor:

A vantagem da variação de escalas é poder deslocar a ênfase para as estratégias individuais, familiares ou de grupos, que questionam a presunção de submissão dos atores sociais da classe mais baixa às pressões sociais de todo tipo e principalmente àquelas exercidas no plano simbólico. Com efeito, tal presunção não deixa de ter ligação com a escolha de escala macro-histórica. Nos modelos dependentes dessa escolha, não apenas as durações parecem hierarquizadas e encaixadas, mas também as representações que regem os comportamentos e práticas. Na medida em que uma presunção de submissão dos agentes sociais parece solidária com uma escolha macro-histórica de escala, a escolha micro-histórica induz uma expectativa inversa, a de estratégias aleatórias, nas quais são valorizados conflitos e negociações, sob o signo da incerteza.⁵³

O autor salienta que ao mudar de escala, não vemos as mesmas coisas, maiores ou menores, adquirimos pontos de vistas diferenciados, encadeamentos diferentes em configuração e em causalidade. O passeio entre o micro e o macro possibilita ao historiador ampliar as formas de compreensão do passado.

Desse modo, nesse capítulo ora analisamos de um modo geral alguns aspectos da história de Januária e do Norte de Minas, ora estudamos as práticas culturais dos foliões que residem na Rua de Baixo, transitando entre o micro e o macro, ou vice-versa.

⁵² Ver também REVEL, Jacques. (Org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

⁵³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François [et. Al.]. Campinas: Editora da Unicamp. 2007, p. 230.

Em nossas pesquisas foi possível perceber através dos relatos orais que a inspiração para a criação do terno veio da Bahia, embora haja algumas contradições acerca de quem tenha trazido o terno para Januária. O morador da Rua de Baixo, Irônio, artesão e antigo folião, argumenta que o Reis foi trazido da Bahia por Durval* e não por Berto Preto, como reiteram a maioria dos foliões mais velhos como Binu, Dona Olegária e o próprio Imperador João Damacesna:

Edilberto - Então quer dizer que foi o Durval que trouxe esse Reis pra cá?
 Irônio - Foi Durval que trouxe esse tipo de Reis da Bahia.
 Edilberto - E o senhor conhecia esse Durval, Seu Irônio?
 Irônio - Ele tinha um... um... ele tinha um negócio aí de... dança, negócio de salão de dança aí, depois até ficou pouco tempo, ele foi embora.
 Edilberto - Ah... ele não ficou muito tempo em Januária.
 Irônio - Não, ele não ficou muito tempo não, ele foi embora.
 Edilberto - Ele era pescador também?
 Irônio - Ele tinha um barzinho que enchia de mulher, era aquela coisa toda, gente bebia, mulher da vida mesmo, naquele tempo... naquele tempo ele fez esse Reis.
 Edilberto - Mas ele devia ter aprendido lá na Bahia, né
 Irônio - Lá na Bahia, não foi aqui não.
 Edilberto - Ele trouxe de lá.
 Irônio - Ele trouxe de lá pra cá.⁵⁴

O interessante na fala do Seu Irônio é que contrasta com os foliões que atribuem a Berto Preto a fundação do terno e reiteram a austeridade do mesmo, que não aceitava bebedeiras, ou “bagunça no terno”. E mesmo o terno frequentando a zona do meretrício (que em Januária, durante muito tempo, situou-se na “Rua de Baixo” e intitulava-se “Rua do Bem Bom”), às prostitutas era limitado o acesso à folia, não cabia a essas participarem ativamente de todo seu ritual, mas apenas interagir nas danças durante a formação da roda (como discutiremos no segundo capítulo). É relevante dizermos que Berto Preto era também marcador de São Gonçalo, dança que tem como um dos seus princípios preservar a honra das mulheres. Não é forçado dizer, pautando-se na moralidade do período, que talvez levar a folia às chamadas damas do meretrício

⁵⁴ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.119.

*Os foliões ora se referem ao Imperador que antecedeu a Berto Preto como Durval, ora como Dermeval.

teria a intenção de resgatá-las da vida promíscua. À revelia disso tudo, segundo Seu Irênia, o fundador do terno tinha “um barzinho que enchia de mulher, era aquela coisa toda, gente bebia, mulher da vida mesmo, naquele tempo... naquele tempo ele fez esse Reis”.

O conflito de memórias sobre o terno se traduz na dubiedade entre uma folia que prezava (em sua fundação) pela austerdade e os que acreditam que o terno prezava mais pelo festivo. Essas contradições aparecem não só nos relatos orais sobre a fundação do grupo, mas ao longo de toda sua história. Voltaremos a essa temática. Tratemos agora do consenso. O Reis dos Cacetes é uma modalidade de folia que se praticou originalmente na Bahia e foi trazida para Januária através dos marujos.

Dona Olegária, em entrevista, nos disse: “eu era mocinha e já ouvia falar que Berto trouxe o Reis da Bahia⁵⁵”. O Imperador João Damascena, por sua vez, em entrevista concedida a historiadora Iara Toscano, fala que:

Foi Berto Preto que aprendeu com um marinheiro de vapor, ...um Dermerval que... naquela época a marinha realmente navegava pelo São Francisco, o São Francisco era a grande via de integração.[...] então foi através de um desses vapores que esse marinheiro chamado Dermerval ensinou para Berto Preto, as músicas, os passos das danças e a partir daí ele, Berto Preto, passou para os pescadores dessa comunidade, um grupo de 16, meu pai fazia parte desse primeiro grupo.⁵⁶

No tópico anterior já demonstramos como o comércio fluvial foi um fator importante nas trocas culturais entre as comunidades ribeirinhas e outras regiões. Os foliões corroboraram tal afirmativa ao atribuir a criação do terno à herança de uma região.

Acreditamos que essa não foi a única, nem a última prática religiosa apropriada da dita região, seria coerente falar em uma gama de apropriações e trocas culturais por toda a região do Médio São Francisco. O Reis dos Cacetes, apesar de ser o único terno que integrou dentro do ritual da folia elementos da marujada e resistiu às

⁵⁵ ROCHA, Olegária Nunes. Relato colhido em 02/02/2013.

⁵⁶ ALMEIDA, João Damascena. Entrevista concedida a Iara Toscano Correia, Januária, 28 de dezembro de 2010.

intempéries do tempo, às demandas políticas e econômicas existindo há mais de meio século, não foi o único Terno dos Temerosos a ser constituído no Norte de Minas.

A pesquisadora Clarice Sarmento, no “Boletim de Registro e Divulgação do Folclore do Norte de Minas” escreveu:

A 7º abaixada no modo menor aparece em alguns cantos, indicando o caminho a partir do nordeste até fixar-se nas cidades ribeirinhas: Januária, São Francisco e Pirapora (Buritizeiro), através da Bahia. Humberto Preto era de Salvador e fundou o grupo em Januária. Mais tarde Adão Fernandez de Souza fundou o grupo de São Francisco.

Em São Francisco, calça, gola e casquete branco, blusa de cetim “azul batizado”.⁵⁷

Segundo a pesquisadora, há uma estrutura melódica que pode ser percebida nos ternos em todas as cidades ribeirinhas. A pesquisadora fala ainda da existência dos Reis dos Cacetes em São Francisco, embora não foi possível estabelecer com profundidade como se constituiu o Terno dos Temerosos em São Francisco⁵⁸, devido à falta de documentação e à desarticulação do terno. Conseguimos perceber que com diferenciações no vestuário, nos bastões, ou mesmo nas canções, o terno integrou até meados do fim do século XX o calendário religioso da cidade de São Francisco. Como podemos observar nas imagens na próxima página.

⁵⁷ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.16.

⁵⁸ O Imperador João Damascena nos disse que Berto Preto ensinara o terno em outras regiões como São Francisco, Maria da Cruz, Pirapora e São Romão, entretanto, por a maioria desses ternos estarem desarticulados e pela falta de documentação, não foi possível saber, através dos moradores das ditas cidades, como se deu o processo de formação do Terno dos Temerosos nas mesmas.



São Francisco/ comunidade Quilombola Tabocal – Terno dos Temerosos- 2011

Na imagem é possível perceber que a performance do grupo em São Francisco tem semelhanças com o Terno dos Temerosos em Januária. Na primeira imagem, ao lado esquerdo, está registrado o Canto de Reis, ou Canto de Entrada, na qual os foliões perfilam frente a frente, marcando cadenciadamente o canto com o bater dos bastões para saudar o dono da casa e anunciar a chegada do terno, bem como para anunciar a chegada de Jesus. Na outra imagem podemos perceber a roda, que após o Canto de Reis, executa os sambas e as canções com ritmo mais acelerado, marcando o canto com o bater frenético dos bastões, dançando e cantando.

Em Pedras de Maria da Cruz, cidade que fora distrito de Januária, visitando a comunidade quilombola de Palmeirinha, encontramos em atividade um Terno dos Temerosos, composto principalmente por mulheres. Segundo Dona Judite, o terno que era composto anteriormente por homens mas, “os homi largaram de mão aí a gente teve que continuar”. É preciso ressaltarmos que, segundo a fala de João Damascena, apenas em Januária houve um terno composto por mulheres, já que originalmente os Temerosos seriam integrados por homens.

Já teve aqui o terno das mulheres. E só em Januária que durante um tempo essa folia teve um grupo feminino dançando que era o grupo do clube de mães aqui da colônia de pescadores também era as esposas dos foliões e era as mães dos foliões que dançavam, minha mãe dançou, minha tia dançou várias delas

daqui. Na época tinha o clube de mães daqui da colônia de pescadores e hoje não tem mais.⁵⁹

O terno conduzido por mulheres em Pedras de Maria da Cruz contradiz a fala do Imperador, que acreditamos não ter conhecimento da existência do grupo. É importante destacarmos que as mulheres no Norte de Minas desempenharam importante papel social, muitas delas conduzindo a família e garantindo o sustento, exercendo ainda a função de rezadeiras, benzedeiras e detentoras do conhecimento da medicina tradicional. Desse modo, não constitui um fato extraordinário as mulheres assumirem a liderança do terno em Pedras de Maria da Cruz.

O terno em Pedras de Maria da Cruz é acompanhado por acordeon, violão e triângulo. A dança é bem menos frenética, as mulheres não se vestem com a tradicional farda de marinheiro, mas com roupas do cotidiano. Os Cantos de Reis e os entoados na roda, com algumas variações melódicas, são os mesmos de São Francisco e Januária.



Maria da Cruz – Comunidade Quilombola Palmeirinha- Terno dos Temerosos - imagem retirada do documentário da TVALMG sobre a cidade.

Atentamos nesta pesquisa que em todas as regiões onde foi possível observar a existência do terno são cidades ribeirinhas e com um contingente grande de população negra, sendo possível destacar a existência de comunidades quilombolas. Em

⁵⁹ ALMEIDA, João Damascena. Entrevista concedida a Iara Toscano Correia, Januária, 28 de dezembro de 2010.

São Francisco podemos citar as comunidades quilombolas Brejos dos Criolos e Tabocal, em Pedras de Maria da Cruz a já citada comunidade Palmeirinha. Não seria errôneo lembrar, pautando nos aspectos mencionados, o antropólogo Roger Bastide argumenta que a religião era também uma linguagem política, posto que estabelecia vínculos de solidariedade e comunicação entre os grupos sociais. Nessa perspectiva, acreditamos que as trocas culturais e o estabelecimento de ternos na região cumpriam a função política de ser a linguagem que permite o agrupamento e a formação de identidades das comunidades ribeirinhas.

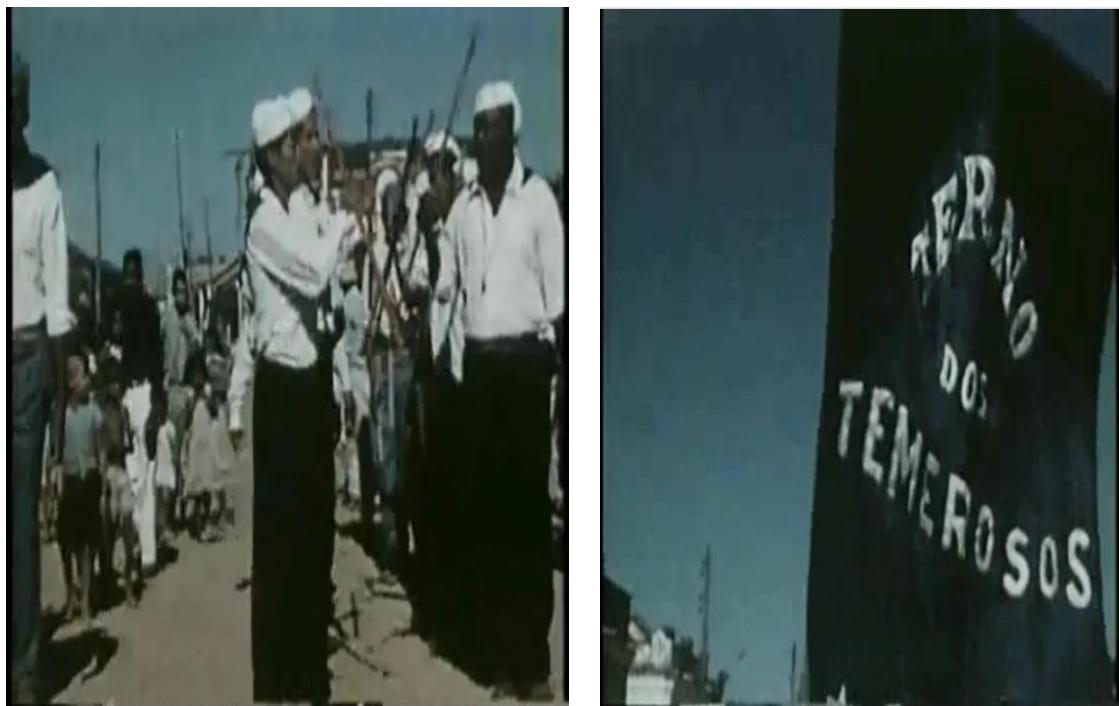
Como mencionamos em parágrafos anteriores, a “Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro” é uma importante fonte documental desta pesquisa, por meio dela e, através dos relatos orais é possível perceber que, sob a coordenação do Imperador Berto Preto, as folias tinham como principal função cumprir os rituais de devoção no ciclo natalino. Muitas dessas folias nasceram de uma promessa, por isso mesmo eram carregadas de austeridade. João Damascena nos relatou que era costume Berto Preto dizer: “não, não minha bandeira é de respeito.”⁶⁰ Entretanto o lado festivo esteve sempre presente na folia, posto que a festa é intrínseca à folia.

O terno era composto por cerca de dezesseis participantes que se vestiam de azul e branco e eram acompanhados por uma pequena banda de metais, violões e instrumentos de percussão. A bandeira indo sempre à frente e posta ao centro da roda durante a execução dos sambas, tinha sobre um tecido azul escuro bordado com o nome do grupo e dois bastões cruzados. Na imagem abaixo, em destaque Berto Preto, nas imagens da página subsequente a bandeira e os foliões perfilados.



Januária – Norberto Gonçalves/ Berto Preto (em destaque) Fonte: Documentário Levantamento Folclórico de Januária, 1960. Acervo CNF/CP/IPHAN

⁶⁰ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.



Januária – Terno dos Temerosos- Canto de Reis e Bandeira- Fonte: Documentário Levantamento Folclórico de Januária, 1960. Acervo CNF/CP/IPHAN



Januária – Terno dos Temerosos – Giro- Fonte: Documentário Levantamento Folclórico de Januária, 1960. Acervo CNF/CP/IPHAN

O terno nas duas primeiras décadas da segunda metade do século XX raramente se apresentava fora do ciclo natalino como nos relata Chico Preto da Viola:

Chico – Não tinha assim: vamos tocar ali, vamos tocar acolá... era só no Reis. Só sai na época. Só em Janeiro.
 Edilberto – Não era igual agora não?
 Chico - Não, não.
 Edilberto – Mas por que não era?
 Chico – É porque o finado Berto era muito enjoado com folia dele. É porque “folia minha, é o seguinte: Eu saio todo o ano, se eu for apresentar ela todo o mês, quase todo mês, enjoa. Aí quando for na época, ninguém dá valor”. E o certo é isso. Bom, pra mim, o certo é isso. É tradição... tradição é tradição. Chegou na época certa...⁶¹

A fala de Chico Preto da Viola nos dá a dimensão de como as mudanças imprimidas pelo Imperador João Damascena não são bem aceitas por alguns foliões, para esses, pautados no costume, as regras da folia (o terno não pode apresentar fora do ciclo natalino) constituem a tradição, não respeitá-las é ferir o saber instituído como legítimo.

Não queremos estabelecer aqui uma dicotomia entre a folia que se apresenta de modo austero, na perspectiva dos foliões - sem bebidas e brigas, por exemplo, e a folia que dá vazão aos seus aspectos festivos. Mas percebemos através das narrativas orais que ao longo da história do terno um aspecto se sobrepõe a outro.

No cd com apresentações e entrevistas do terno, em entrevista ao pesquisador Edilberto Fonseca, João Damascena diz:

O Berto Preto foi o primeiro. O reis ficou um bom tempo sem sair. Aí vieram uns quatro Imperadores, assim sucessivamente. Chico Doce de Coco, Albino, Adalberto, Luizinho das Mangueiras, que tomou conta do reis um tempo. Quando a gente tava no Servir, ainda sobre a coordenação dele. Depois ele

⁶¹ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

não mexeu, aí passou pra mim. Eu estou na coordenação da folia há uns 14, 15 anos.⁶²

No período em que o terno esteve sob a coordenação dos Imperadores Chico Doce de Coco, Albino, Adalberto, Luizinho das Mangueiras parece haver uma lacuna, ou um vazio histórico⁶³. Os registros históricos sobre esse período são escassos ou quase nulos. A explicação para isso, acreditamos se deve ao fato que os foliões não possuíam a preocupação em documentar a história do terno. Quando João Damascena assumiu o terno, o registro da história passou a ser uma das preocupações do grupo. Como salientamos, o Imperador é professor de história, a preocupação com os registros do terno é algo que lhe é intrínseco, como ele mesmo nos relatara.

Sentimos um mal estar quando tentamos falar com os foliões acerca do período em que o terno esteve sob coordenação de outros Imperadores que não foram Berto Preto e João Damascena. Com muita dificuldade, depois de muitas conversas informais, Luizinho das Mangueiras nos disse:

Johnisson: Mas o senhor ficou de quanto tempo no terno, o senhor não lembra não de quando senhor fazia parte?

Luizinho: Tem um bocado de ano, dez anos mais ou menos nós brincamos, fui Imperador. A festa era aqui em casa, saia daqui. E andava por todas essas ruas aqui. Januária toda.

Johnisson: E como que era a festa aqui que fazia depois do terno?

Luizinho: Festa comum, né? Dava comida, dava bebida, e reunia a turma e mandava o cacete.

Johnisson: O Reis dançava aqui também?

Luizinho: Dançava, dançava o Reis e depois do Reis dançava o forró, fazia o forró.

Johnisson: O senhor começou a dançar e virou Imperador por que? Geralmente o povo começa dançar por que fez uma promessa ou por que o senhor gosta mesmo?

⁶² FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

⁶³ Essa lacuna se deve também a questões políticas presentes dentro do terno, de insatisfações diante de mudanças imprimidas após João Damascena assumir a coordenação da folia, os insatisfeitos ou não quiseram gravar seus relatos, ou não foram encontrados. Percebemos haver propositalmente uma recuperação dos documentos e relatos relacionados a Berto Preto, mas um silêncio quanto aos documentos e memórias do terno no período dos Imperadores mencionados. Quando perguntamos a Dona Olegária, João Damascena e outros foliões sobre os outros Imperadores, esses relataram apenas que eles mudaram da Rua de Baixo. De modo que não há como estabelecer um estudo profundo no período que compreende essa lacuna.

Luizinho: Não era porque a gente via o Berto Preto eles faziam bonitinho a gente via aquilo e inventava também, mas não era promessa não, e tem até hoje os Reis dos Cacetes.

Johnisson: E o senhor participa hoje?

Luizinho: Hoje não, parei.

Johnisson: E como era quando o senhor era Imperador? O senhor coordenava?

Luizinho: É mandava na turma, né? Tem que ter o chefe para comandar.

Johnisson: O senhor decidia as ruas que iam passar?

Luizinho: Tinha as ruas que passava, a tarde a gente convidava os dono da casa e a noite nós ia passar com o Reis lá eles mandava “pode vim” e nós passava numas cinco casas, aí entrava, cantava, pegava uma graminha,

John: O pessoal dava as ofertas?

Luizinho: Dava

Johnisson: E o dinheiro era para a festa?

Luizinho: Pra festa! Guardava o dinheiro e no dia da festa comprava as coisas.

Johnisson: e nas casas o povo dava comida, bebida ?

Luizinho: dava e quem não tinha dava dinheirinho, bebida, comida.

Johnisson: E quando é que o senhor saia era geralmente no período de Natal?

Luizinho: era mais ou menos isso, no dia mesmo do Reis né?
Dia 06 de janeiro.

Johnisson: O senhor participou de outro terno além do Reis dos Cacetes?

Luizinho: Não, só Reis dos Cacetes. Era bom eu sei que o movimento naquela época era bem melhor que o de hoje, tinha mais gente, você chegava nas portas assim tinha que ter uma pessoa pra correr na frente e tomar conta da porta e deixar entrar, era bom tinha uma rapaziadinha novo, né? As mininha nova também acompanhavam era bom demais, namorava muito!

Johnisson: No início toma uma cachacinha?

Luizinho: tomava, uma cachacinha, um vinhosinho eles faziam um licorinho pra gente era muito bom!

Johnisson: O senhor lembra o período que o senhor ficou como Imperador?

Luizinho: Lembro direito não, acho que uns dez anos. Comecei molequim, saí depois de grandão, casei. Logo eu bebia muito e você brincar o Reis sem beber nada é problema né? Tava bebendo muito e saí porque senão, não parava de beber cantar numa sala sem beber é assim sem graça, né? ⁶⁴

É importante recuperarmos aqui a fala de João Damascena antes de discutimos o relato de Luizinho das Mangueiras. O Imperador nos disse:

⁶⁴ SANTOS, Luiz. Relato colhido em 10/06/2013.

Era uma praxe anterior a gente todo ano fazer, calça, camisa, gorro, dava sapato chegava, no ano seguinte não tinha nada disso, por que era só terminar a folia os cara tava aqui no forró de Luizinho, com a calça com o sapato, com a camiseta, chegava no outro ano não tinha, então se o prefeito que tava não desse não tinha.⁶⁵

A fala dos dois Imperadores nos dá a dimensão do terno em períodos distintos, para Luizinho das Mangueiras a folia era também sinônimo de namoro, de bebida, de forró, de festa. “Festa comum, né? Dava comida, dava bebida, e reunia a turma e mandava o cassete.” Já segundo a fala de João Damascena a festa era sinônimo de desorganização, de descuido com um importante símbolo do terno; a farda. Sendo inclusive um dos motivos da desarticulação do grupo e da dependência da administração do município.

No texto, “Prece e folia, festa e romaria”, Carlos Rodrigues Brandão escreveu:

O catolicismo é uma religião do padre e da puta, do policial e do bandido, do fiel paroquiano da Renovação carismática e de pessoas que em nome de pessoas e de comunidades deram e seguem dando suas vidas. [...] Pois na prática da vida, o catolicismo –pelo menos aquele que se vive todos os dias, por toda a parte– é uma rara religião que em suas muitas faces permite que você seja uma forma de presença nela.⁶⁶

Assim como Brandão afirma que o catolicismo tem muitas faces, acreditamos que o mesmo ocorre com o catolicismo popular. Legitimar o terno quando este fora invadido pela festa e por meio dele se expressava (aspecto que discutiremos com mais acuidade no terceiro capítulo), ou quando este se torna mais austero, seria esterilizar uma prática que apresenta muitas máscaras para falar de si.

⁶⁵ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

⁶⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia festa e romaria*. São Paulo, Idéias & letras, 2010.p.10.

1.4 Considerações acerca do capítulo

Os reisados na região do Médio São Francisco, nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, tiveram intrínseca relação com a formação das comunidades ribeirinhas e com suas demandas políticas, sociais e econômicas. Desse modo, a religiosidade popular foi preponderante para a integração dessas comunidades, para sua organização e resistência diante da marginalização social.

Com a perda da centralidade econômica de Januária no Norte de Minas, esses reisados continuaram a existir e a cumprirem o papel de devoção. Entretanto, foram construídas narrativas distintas sobre o terno, tanto através da oralidade, como através de trabalhos acadêmicos. Essas narrativas discorrem acerca da origem do grupo, da construção da identidade januarense por meio do mesmo – nesse sentido o Reis dos Cacetes não é mais apenas uma prática religiosa dos negros pobres da Rua de Baixo, mas símbolo da identidade de toda a cidade.

Em meio às memórias construídas em torno do grupo estão em jogo dilemas como tradição e renovação, festividade e austeridade, mas estes são temas que iremos analisar com mais acuidade no segundo e terceiro capítulos.

CAPÍTULO II

Os marujos vão às ruas

Este capítulo envereda na tentativa da compreensão das representações e significações presentes nas cores, nos vestuários, nos gestos, coreografias, danças, ritos e cantos dos Reis dos Cacetes e seus processos de transformação. Procura identificar e analisar apropriações, influências e linguagens veiculadas no ritual. O que esse caleidoscópio de gestos, vozes, impressões, cheiros e cores diz (ainda que de forma cifrada, metafórica, com silêncios e omissões) sobre o homem januarense, negro e pobre da segunda metade do século XX.

As interfaces do sagrado e do profano, as apropriações e (re) significações dos elementos culturais afro-brasileiros, o trato do trabalho com a terra, a vida do pescador e sua cosmologia representada no festejo são focos de estudo neste capítulo.

Para tal intento utilizaremos como fontes principais os registros fonográficos e impressos resultantes da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro realizada em 1960 e fotos, vídeos, áudios registrados ao longo da segunda metade do século XX até os dias atuais, bem como documentos impressos discriminando e analisando os elementos do terno como os estudos de Clarice Sarmento, a tese de Edilberto Fonseca e ainda, os relatos orais.

A memória e impressão dos foliões e devotos foram acessadas por dois processos de pesquisa, através de entrevistas, dos relatos orais, mas também através de “conversas” feitas entre o pesquisador e novos e antigos foliões, devotos de Santos Reis, pessoas que acompanharam o terno, realizadas em sua maioria quando acompanhávamos seu giro. Preocupamo-nos em estar atentos às perspectivas e memórias diversas acerca do terno. Utilizamos ainda relatos orais concedidos a outros pesquisadores como o já citado Edilberto Fonseca, mas que por algum motivo (metodologia ou interesses distintos de discussões) tais relatos não tiveram a mesma abordagem que foi dada aqui.

A fim de tratarmos sobre os caminhos metodológicos deste capítulo, pedimos licença ao leitor para fazermos uma pequena digressão. Há em Januária uma prática que é comum aos pescadores, esses sentam-se na orla do rio, ou no alpendre de suas casas e põem-se a confeccionar redes de pesca. As redes são tecidas geralmente ao entardecer, entre o descanso e a hora de voltar ao rio durante a madrugada. Ao observarmos o modo como os pescadores as tecem percebemos o traço, o gesto que aos poucos vai compondo os nós, as malhas. É um processo longo a tessitura de uma rede, muitas vezes feita por mais de uma mão; os pais, filhos e amigos se revezam na feitura enquanto conversam. Quando por fim terminam, quem não acompanhou o processo não percebe ali o trabalho de várias mãos, cada um que com um gesto e um modo diferenciado de conduzir os fios que se entrelaçam compõe os nós. Terminada, às vezes é até muito difícil distinguir os nós e as malhas que a compõe, posto que é esse também um modo de se fazer uma boa rede de pesca, com nós e tessitura firme, quase imperceptível, para que não a rasguem os peixes e os galhos.

Fizemos essa digressão, porque o modo de produção artesanal de composição das redes em Januária e outras regiões ribeirinhas se assemelha muito à construção das práticas culturais e do que Michel de Certeau chamou de bricolagem. Os agentes da cultura, os homens que a praticam, que dançam a folia, que cantam e sambam e celebram os reis são muitos, e cada um imprime um gesto, uma mudança, uma nuance que, para quem observa “de fora”, parece homogêneo, por isso a classifica a partir dessa impressão; “A folia não é mais a mesma”, “não há nada mais de religioso na folia”. Quem assim faz percebe as mudanças, sem entender os processos por meio dos quais elas ocorreram, as contradições, as transformações impressas por cada folião, cada menino, cada ínfimo elemento que compõe uma prática cultural. Transformam-na no cotidiano, muitas vezes em uma conversa ao entardecer enquanto se compõe uma rede de pesca.

Esse é, pois, o nosso desafio metodológico neste capítulo, analisar e compreender as transformações, as representações simbólicas, sem desconsiderar as contradições, as nuances que as permeiam.

Ao estudarmos e definirmos diretrizes para o que chamamos de “cultura” e de “práticas culturais” corremos o risco de trancafiarmos em uma mesma definição práticas

com sentidos divergentes, ou universalizarmos uma definição que cabe apenas para algumas práticas ou alguns conceitos.

Thompson, na introdução de “Costumes em comum”, ao tratar do costume alerta para o perigo das generalizações, pois o termo cultura e os confortáveis consensos que giram em torno do conceito podem: “distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.”⁶⁷ Thompson diz ainda que:

Cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas históricas específicas das relações sociais e de trabalho.⁶⁸

Nosso caminho metodológico segue, pois, o alerta do historiador citado, consiste principalmente em, com calma, tentar fazer o processo inverso da confecção de redes, desfazer os nós e as malhas, desvelar os feixes.

É importante destacarmos ainda que, ao longo das discussões recorreremos a uma gama variada de conceitos, devido à diversidade dos temas abordados como religião, música, vestuário, entre outros. O trato a tais temas exige uma abordagem interdisciplinar e abrangente. O que nos leva a esclarecer de modo sucinto aqui alguns conceitos imprescindíveis a este trabalho.

Cultura e cultura popular talvez sejam alguns dos conceitos mais recorrentes neste capítulo. O estudo que estabelecemos foi em grande medida pautado, guardadas as peculiaridades do objeto de estudo, nas propostas teóricas acerca da cultura de Michel de Certeau. Nesse sentido, ao analisar as transformações das práticas culturais e religiosa do terno dos Temerosos, pensamos nas propostas teóricas do referido autor ao

⁶⁷ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*; estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

⁶⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*; estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 22.

fazer o caminho inverso dos estudos que tendem a tomar as festas, os cantos e danças populares como algo inerte, preso no passado, buscando sempre sua pureza e sua beleza mítica⁶⁹ e lastimando: a folia (por exemplo) não é mais a mesma. Talvez seja possível responder a esses saudosistas dizendo que a folia não é mais a mesma porque ela nunca foi a mesma. Michel de Certeau no livro “A cultura no plural” diz que a cultura é:

(...) de um lado, ela é aquilo que “permanece”, do outro, aquilo que se inventa. Há por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimuladas nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente a “cultura erudita”. A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas – mas pirilampos e, por vezes, grandes pássaros noturnos atravessam-na; aparições e criações que delineiam a chance de um outro dia.⁷⁰

Imersas na fugacidade rotineira dos eventos cotidianos, as pequenas e grandes mudanças das práticas culturais são produzidas sem que se perceba. É preciso, portanto, estarmos sempre atentos à dinâmica de suas transformações, partindo do pressuposto que tais transformações atendem a um sentido histórico, ao modo como o homem ordinário incorpora, cria e esquece alguns elementos que compõem essas práticas.

Atentar a essa dinâmica de transformação é adotar como abordagem metodológica não uma análise que abstrai e conclui só através do olhar panorâmico seu objeto e supondo que a cultura seja um corpo leve que paira sobre o tempo, subtraído das experiências. Mas é andar entre os homens que fabricam, comem, usam, rezam e, analisar como inventam diariamente a cultura que vivem, é tê-los perto do chão. Nas

⁶⁹ CERTEAU, Michel. *A beleza do morto*. In: _____. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.

⁷⁰ CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995. p.239.

palavras de Michel de Certeau, é observar como os dominados (não dóceis e passivos) inventam no cotidiano “mil maneiras de caça não autorizada”.⁷¹

Outro conceito fundamental proposto por Michel de Certeau para pensarmos as transformações e práticas cotidianas da cultura popular é o de *bricolagem*. O modo como diferentes atores, de diversas formas tecem a colcha de retalhos que é a cultura. Apropriando de modos distintos elementos de outras práticas culturais, recriando muitas outras e compondo um todo plural, é a forma como as práticas culturais se fazem, se reinventam. A noção de bricolagem perpassa nossa análise em todo o capítulo. Em nossa perspectiva, quando os foliões, por exemplo, apropriam de gêneros musicais distintos, transformando letras e subvertendo os ritmos, eles fazem bricolagem.

Quando tratamos aqui de cultura popular, queremos nos referir a um conjunto de práticas que se pautam nas experiências materiais (a pesca, a agricultura, os comércios fluviais), espirituais (a religião, ou o que denominamos de catolicismo popular), afetivas e políticas, em uma gama variada de valores e símbolos, que são construídos e constituídos não como um todo coerente, mas de modo plural, através de contradições, de diálogos, de relações com a história, com as tradições, com as dinâmicas do mundo globalizado. Transformando e se re-inventando cotidianamente. Nesse sentido, Michel de Certeau é o autor que mais se aproxima da nossa compreensão de cultura popular, ao entendê-la não como um corpo morto, estendido sobre a mesa em que os cientistas escrutinam os seus órgãos a fim de entendê-lo, mas como algo que se inventa no cotidiano.

Por outro lado, não podemos deixar de citar aqui a influência teórica de autores como Bakhtin e Clifford Geertz . Bakhtin, no livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, na primeira parte, ao tratar dos festejos populares, discorrendo sobre a comicidade das apresentações em praça pública, em contraste ao tom oficial das cerimônias religiosas e oficiais diz: “Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado”⁷² Os festejos populares, de acordo com Bakhtin, possuem uma lógica própria de manifestação, de devoção, que

⁷¹ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Campinas, Papirus, 1995. p.38.

⁷² BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: EDunb, 1999, p. 5.

foge ao normativo, mas que atende à sua criatividade, aos aspectos presentes em sua imaginação, trabalho, valores, vida.

Clifford Geertz, por sua vez, ao preconizar o entendimento da cultura e a produção de sentidos interligados a um todo social, nos dá subsídios para analisarmos as práticas do terno entendendo os foliões como gestores e produto de sua própria história. Dialogamos com o antropólogo, principalmente ao notarmos que o conceito de “descrição densa”, o ato de tirar grandes conclusões de fatos pequenos, mas de textura muito densamente tecida⁷³, está presente na metodologia utilizada neste capítulo.

Explicadas as concepções de cultura e cultura popular por meio das quais norteamos nossos estudos, passemos a outro conceito de suma importância, o de representação. A noção de representação e apropriação também perpassa todo o capítulo, é para nós de suma importância entender a forma como práticas culturais são apropriadas, as maneiras como os elementos diversos do terno como a música, a bandeira, o vestuário falam (representam) por meio de quem pratica a folia. Desse modo as contribuições teóricas de Roger Chartier são de suma importância para a pesquisa que aqui se propôs.

Chartier, no livro “A História cultural: entre práticas e representações” fala que o historiador que se propõe a trabalhar com história cultural deve ter em vista que o seu objeto de estudo é o homem, e as imagens que ele constrói e reconstrói de si e do meio social em que vive ao longo de sua história. Desse modo, o homem possui uma rede de significados na qual suas ações políticas, econômicas, religiosas e culturais estão ligadas.

Segundo Chartier, ao estudarmos as representações construídas através das manifestações culturais, devemos atentar para o fato de que essas representações estão vinculadas às práticas de significação, aos sistemas simbólicos e aos meios pelos quais os significados são produzidos cotidianamente pelos indivíduos. É necessário, portanto, penetrar nas:

[...]meadas das relações e das tensões que constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas

⁷³ GEERTZ, Glifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.⁷⁴

Pensar as representações afirmadas ou construídas através das manifestações culturais é adentrar em uma rede regular de contradições, clivagens e desvios, visto que um mesmo elemento (um símbolo, um rito, um discurso) que dê sentido a uma prática social, pode ser interpretado, apropriado de diversas formas, por diferentes grupos. Daí a necessidade da atenção às redes de práticas que organizam os sentidos. Centram-se, então nas proposições simbólicas presentes nos reisados e folias que determinam posições, grupos, construções e percepções de si e do meio.

É importante salientar como as apropriações participam do dito processo de representação, partindo do pressuposto que:

Nem as inteligências, nem as ideias são descarnadas, é, contra o pensamento do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas nas descontinuidades das trajetórias históricas.⁷⁵

Ou seja, uma produção cultural pode ser apropriada por diversos grupos ou classes, transformando-se e ganhando novos sentidos.

Lembramos ainda da importante contribuição, para o nosso entendimento de representação do já citado historiador Carlos Ginsburg, no livro “Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância”. Ginsburg diz que a representação muitas vezes evoca uma ausência, outras vezes sugere a presença, nesse jogo de espelhos, o representado é concomitantemente presença e sucedâneo. Essa reflexão foi-nos de suma importância principalmente para entendermos as simbologias presentes na bandeira, por exemplo.

⁷⁴ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, v.5, n.11, p.173-191, jan./abr.1991, p.177.

⁷⁵ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, v.5, n.11, p.173-191, jan./abr.1991, p. 180.

Outro conceito que precisamos destacar é o de identidade, a noção que temos de identidade foi construída em diálogos com estudos do pensador Stuart Hall. Por meio do autor, acreditamos que a identidade, embora muitas vezes seja apresentada de forma homogênea, é construída socialmente por meio de representações culturais.

É construída através de processos classificatórios; o “eu” e o “outro”, o “estrangeiro” e o “brasileiro”, o “pobre” e o “rico”, o “negro” e o “branco”. São diferenciações que também podem ser obscurecidas. No decorrer da afirmação de uma identidade, outras identidades podem ser “suprimidas”, gerando a ilusão da unidade que na verdade, para se afirmar enquanto única, passou por um jogo de negociação e de poder. Nessa perspectiva, Stuart Hall assim escreveu:

Identidade cultural não possui uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final absoluto. [...] Tem suas histórias- e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.⁷⁶

Desse modo, é preferível tratarmos de identidades culturais, cunhadas através de relações e diferenças.

Outro aspecto de suma importância a ser discutido é a relação entre sagrado e profano, costumamos fazer uma distinção entre essas duas categorias quando tratamos das festas populares. Não adotamos aqui uma separação radical entre a vida cotidiana, as regras sociais e o vivido durante os festejos. O trabalho, as demandas políticas, econômicas, os jogos de poder e de interesse também invadem as festas e, este, é um dos motivos por que se pode pensar o social através da festa.

Costumamos separar o sagrado e o profano, o trabalho, a lida diária e suas agruras dos momentos festivos. Quando, como afirma Brandão, “a festa e o jogo, o sagrado e o profano, tão aparentemente separados, são, na verdade, continuamente

⁷⁶ HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.70.

misturados um ao outro, de tal maneira que, por serem opostos, não se possa pensar e viver um lado sem o outro.”⁷⁷

Pensando na relação entre o sagrado e o profano, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib em sua tese de doutoramento, dialogando com Mario Perniola escreveu:

Vale salientar que o mais-que-sagrado e o mais-que-profano, se alicerçam ao cotidiano, é nesse ambiente que os sujeitos são capazes de se movimentarem. Sagrado e profano se inserem numa dimensão, propiciando aos sujeitos vislumbrarem o profano como parte do sagrado e vice-versa, assim transgredindo as regras sociais e religiosas e impondo a fé e festa como práticas significativas na vida dos sujeitos.⁷⁸

Na esteira do pensamento do historiador, acreditamos não ser possível estabelecer categorias que analisem, diferenciem e separem o que se costumou denominar de sagrado e profano, mas é possível estudar suas interfaces, suas práticas.

Estudar os símbolos constituídos nas folias, marujadas e festas, é uma tarefa difícil. Por sua condição mítica, os festejos possuem uma lógica não apreensível pelo quantitativo, pela simples enumeração de causas e efeitos. É uma dimensão da cultura que fala por enigmas, metáforas, por silêncios. O pensamento metódico da academia muitas vezes estranha o que o folião trata como parte da experiência cotidiana. Como diz Brandão: “difícil captar o sentido dessa dimensão da cultura que costuma colocar mitos, máscaras e fantasias tanto no corpo de seus envolvidos como no rosto de seu próprio conceito”.⁷⁹ Estudamos-na em suas transformações, desvios e clivagens, entendendo-a como algo móvel, caleidoscópio de práticas e sentidos.

⁷⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia festa e romaria*. São Paulo, Idéias & letras, 2010. p. 23.

⁷⁸ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib. *Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do congado na festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO - 1940 a 2003)*. Tese. (Doutorado em História), Brasília: UNB/PPG em História, 2009. p.27.

⁷⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia festa e romaria*. São Paulo, Idéias & letras, 2010.p.19.

2.2 O Giro, a performance

Os reis dos Cacetes, durante o ciclo natalino, bem como em outros períodos, no afã de louvar a chegada do menino Jesus, de dançar e brincar os seus sambas, seus cantos, se vestem com as representações do passado e vão às ruas, às casas, aos palcos e, no traço coreográfico dos seus passos contam histórias, representam os atos da memória, presentificam e reinterpretam o passado em uma profusão de cores, gestos e símbolos. Recriam e inventam, se divertem e falam sério.

Este tópico busca descrever de forma densa e analisar alguns traços do giro da folia, através da observação *in locus* desenvolvida no período de 2010 a 2013, das fontes orais, bem como dos registros fonográficos (além das fontes já mencionadas em parágrafos anteriores), desde a reunião na “Casa de Cultura Berto Preto” até o encerramento do giro.

O giro ou função é o percurso que é perfilado pelos foliões durante o trajeto entre as casas que o terno irá visitar até a volta dos foliões para casa. Ele tem como princípio nunca retornar pelo mesmo caminho, mas sempre seguir em frente, posto que represente também o caminho traçado pelos Reis Magos para encontrar Jesus, tem, pois, uma sacralidade presente em todo o giro.

No limiar da tarde, as portas da “Casa de Cultura Berto Preto”⁸⁰ se abrem. Situada na Rua de Baixo, onde residia o atual Imperador do terno João Damascena, é o local onde se reúnem atualmente os foliões antes de iniciarem o giro pelas casas. A irmã do Imperador, Dozinha, a única mulher a participar ativamente das apresentações do grupo, é responsável por conduzir a bandeira, é quem recebe os primeiros foliões, compostos principalmente por adolescentes e jovens, mas integrado também por uma parcela de adultos. Todos esses integrantes são, entretanto, pessoas que têm ligação com a comunidade, os adolescentes, em sua maioria, tiveram familiares, pais, tios ou irmãos mais velhos que fizeram parte do terno.

⁸⁰ A casa de Cultura de Berto Preto surgiu da ideia de se construir um espaço de fomento e articulação de cidadania para moradores da área da Rua de Baixo, na cidade de Januária. Seu nome é uma homenagem ao fundador da folia do terno dos Temerosos, Norberto Gonçalves dos Santos. Sua construção da antiga residência do atual Imperador da folia, João Damascena de Almeida, foi possível graças ao Ministério da Cultura, que concedeu o Prêmio Mestre Duda – 100 anos de frevo. Assim, inaugurada em junho de 2008, a Casa pretende se transformar em um local onde sejam ministrados cursos e aulas, e realizados encontros e eventos ligados à área da cultura e da educação formal e informal. Além disso, passando a ser a sede do terno de Reis dos Temerosos, servirá de local de guarda das vestimentas e dos instrumentos musicais do grupo. (FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/ Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.)

Muitos desses adolescentes são integrantes novos do terno, fato perceptível devido a estes se esmerarem, antes do giro, a ensaiarem e procurarem aprender corretamente os passos e letras das canções do terno com os integrantes mais velhos. Entretanto, ressaltamos que, embora sejam jovens e adolescentes, há uma identificação desses com o terno, posto que, segundo os mesmos, dançar folia é um aprendizado inerente ao processo de suas formações na Rua de Baixo. Exemplo disso são as danças com os bastões, a ginga ao dançar é algo que não é ensaiado. A identidade, nesse sentido, se dá através do pertencimento.

Quando sob a liderança dos Imperadores anteriores a João Damascena, os adolescentes não participavam do terno. Isso se deveu a alguns fatores fundamentais para entendermos as mudanças ocorridas nos Reis dos Cacetes. Os foliões mais velhos entendiam que a entrada de crianças e adolescentes no terno feria a tradição. O segundo aspecto é que alguns devotos não achavam que as crianças seriam capazes de encarar com seriedade o ritual sagrado da folia, como veremos na fala de Dona Olegária, nos parágrafos abaixo e no terceiro capítulo.

Já ao anoitecer o Imperador chega à casa e faz ressoar fogos de artifício (como na imagem na página subsequente), convocando os foliões atrasados e anunciando à comunidade a saída do terno. Feito isso o Imperador usa o apito- único elemento estético que distingue o Imperador dos demais foliões - para convocá-los a se reunirem no interior da casa para rezarem e ouvirem as instruções do Imperador.



Januária/ Rua de baixo- Chamada dos foliões e anúncio da saída do terno. 2013.

Em círculo, se aquietava toda euforia dos foliões, se antes esses se esmeravam em histórias e em apresentar uns aos outros a ginga e destreza com os bastões, agora se apresentam sérios e comedidos. O Imperador inicia a sua fala exortando os participantes acerca do uso dos bastões e de outras questões sobre a conduta durante a dança, incitando-os a cantarem e não apenas “dançarem o samba”. Esse é o momento em que o Imperador, exercendo o caráter de liderança que lhe cabe, fala aos foliões sobre o cuidado com o vestuário, lembrando-os da importância do terno, da manifestação que lhes foi entregue:

Pelos nossos antepassados, pelo meu pai, pelo pai dele, pelo avô dele e tantos outro que não estão mais no nosso meio, então não podemos nós agora, deixar que essa nossa manifestação, que talvez vocês não estejam atentos, mas hoje é o maior cartão

postal de patrimônio imaterial da cidade de Januária, está aqui fincado na rua de baixo, tá aqui na colônia dos pescadores.⁸¹

Por fim, antes de iniciar a reza, imbuídos de seriedade pedem proteção para iniciarem o giro:

Vamos pedir a Santos Reis que nos proteja, que todos nós possamos retornar bem, nós vamos rezar pedindo proteção a todos os amigos, aqueles que já dançaram a nossa folia e hoje não estão, vamos rezar pedindo proteção para toda nossa comunidade, pedindo saúde para aqueles que nos ajudam manter viva a nossa tradição, vamos rezar especialmente hoje para todas as famílias que vão nos receber.⁸²

É importante destacarmos algumas questões. Através da fala do Imperador, é evocada a importância de uma tradição, que agora não é só da Rua de Baixo, mas é também de Januária. A folia se apresenta, segundo sua fala, como elemento definidor da identidade do januarense. Percebemos ainda que a exortação acerca do cuidado com o vestuário, com a forma como se apresenta a folia, posto que ela é, na fala do Imperador, um traço da identidade, um cartão postal de Januária, é feita em momento oportuno, momento em que a reza traz ao ambiente certa sacralidade. Eis que a sua fala se apresenta não como um simples conselho aos foliões, mas há a nítida tentativa de afirmar uma tradição e uma identidade. Hobsbawm e Ranger, ao discutirem a legitimação das tradições, já nos alertaram que a tradição pode também ser uma invenção, podendo conter elementos do presente imbuídos de sentidos que remetem ao passado, portanto o tradicional é passível de invenção e reinvenção, de sofrer inovações.⁸³ Notemos que a tentativa de afirmação do terno enquanto pertencente à identidade do município, no sentido atribuído por Hobsbawm e Ranger, é uma invenção. A identificação dos foliões mais jovens com a folia e com a Rua de Baixo é a tradição que se reinventa.

⁸¹ ALMEIDA, João Damascena. Discurso colhido em 06/01/2011.

⁸² ALMEIDA, João Damascena. Discurso colhido em 06/01/2011.

⁸³ HOBSBAWM, Eric; RANGER Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

É rezado então um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Terminada a reza os mais velhos bebericam uma dose de cachaça na cuia⁸⁴ - costume que comumente é chamado de “esquenta”⁸⁵ -, é checada a afinação da viola, plugando-a na caixa de som movida à bateria e carregada sobre uma bicicleta cargueira. É também plugado à caixa de som um microfone, no qual junto aos músicos, Dozinha “puxa” as canções. Por fim, os foliões fazem duas filas paralelas para darem início ao giro.

O ritual para o início do giro descrito acima não sofreu grandes mudanças ao longo do tempo, não difere muito também de outros ternos existentes na Rua de Baixo e em Januária. O giro é previamente definido pelo Imperador de acordo com os pedidos feitos por familiares a ele, embora não seja incomum, ao passarem pelas ruas, surgirem mais pedidos de visitas e os foliões alterarem o giro previamente definido.

Os músicos fazem ressoar os primeiros acordes ao sinal do apito do Imperador, os foliões acompanham os músicos cantando as marchinhas, em duas filas paralelas, o terno segue pelas ruas com a bandeira dos Temerosos levada sempre à frente. Durante todo o trajeto, os moradores da comunidade saem à porta de suas casas para verem o terno passar, alguns acompanham-no durante o restante do trajeto.

Ao chegar à casa visitada os foliões ordenam-se frente a frente, a bandeira é entregue ao dono da casa, e é entoado então o Canto de Entrada, também chamado de Canto dos Reis. (Como demonstrado na figura abaixo).

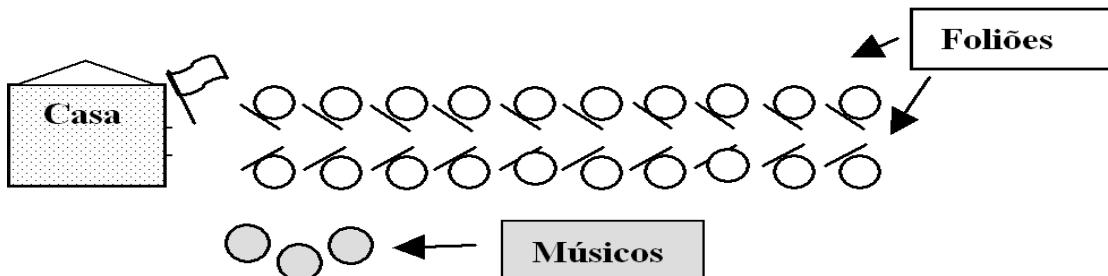


FIGURA 1 – A disposição dos foliões na saudação ao Menino Jesus. Fonte: FONSECA, Edilberto José de Macedo. 2009, p. 138.

⁸⁴ Vasilhame feito de cabaça, muito usado no norte de Minas Gerais para beber água dos potes.

⁸⁵ Januária foi durante muito tempo, até meados do século XX, a melhor produtora de cachaça artesanal do Brasil, o consumo da bebida tem uma intrínseca relação com as práticas religiosas e culturais na região, fato visível em um relato a nós dado por Cida Nagual. “Tem lugar que a mãe tira menino do peito e põe o dedo molhado, fala que se não dá a cachaça pro menino ele “água”. Ele ainda tá no peito, então a relação com a cachaça começa de muito pequeno”.

Nessa parte do giro, são apresentados os Cantos de Entrada e de Saudação, esses louvam a chegada do Menino Jesus, os três Reis Magos e saúdam o dono da casa. Os cantos de entrada possuem ritmo andante, com cadência morosa e melancólica. Canta-se também, durante a saudação ao dono da casa, a canção “Nós chegamos aqui nessa casa”:

Nós chegamos aqui nessa casa
Quem mandou foi São Sebastião
Visitar o dono da casa olelê
Com grande satisfação.⁸⁶

Essa é a única canção que traz o nome de outro santo, além dos Santos Reis. Entretanto, podemos observar ao acompanhar o grupo em seu giro, que os foliões carregam consigo escapulários, correntes com devoção a santos diversos como Maria, Santo Antônio. Na casa de cultura, local onde se reúne o grupo antes de iniciar o giro, há um pequeno santuário a “Nossa Senhora das Dores”. O atual Imperador, João Damascena se diz devoto de São Jorge. Essas nuances refletem o caráter plural da devoção dos foliões, a devoção a Santos Reis congrega uma parte significativa da fé e devoção dos foliões, mas não é seu único meio de expressão.

Essas primeiras músicas são entoadas de modo lento e cadenciado, sem coreografias, o ritmo é marcado pelo bater dos bastões e pela viola, executado em sintonia com a expressão comedida dos foliões. Cantam e contam a chegada do Menino Jesus, por isso mesmo, sóbrios. A saudação e a retirada são os únicos momentos em que o repertório das canções não é alterado. Edilberto Fonseca descreve o canto de entrada, ou canto de Reis, como ele prefere denominar, com as seguintes caracterizações:

No canto de Reis não há dança, e a solenidade da performance musical e coreográfica guarda estreita relação com a importância da chegada da folia nas casas visitadas. Nesse caso, o caráter do canto de Reis, inserido em um sistema ideológico e simbólico, é determinado pela sua função mediadora de “abrir as portas para a chegada dos Reis Magos”. Assim, a interação

⁸⁶ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

entre audiência, dançadores e os músicos acontece tendo como base uma certa sobriedade respeitosa pedida pela ocasião.⁸⁷

A sobriedade dos cantos de saudação, como mencionado na citação, cumpre o mesmo papel que a bandeira, abrir caminhos para a chegada dos Santos Reis, e ainda a sacralização do espaço onde vai ser cantada a chegada do Menino Jesus.

Cumprimentado o dono da casa e saudada a chegada do Menino Jesus, as duas filas são desfeitas e os foliões fazem um círculo para execução das marchas e dos sambas e demais canções (Como demonstrado na figura abaixo).

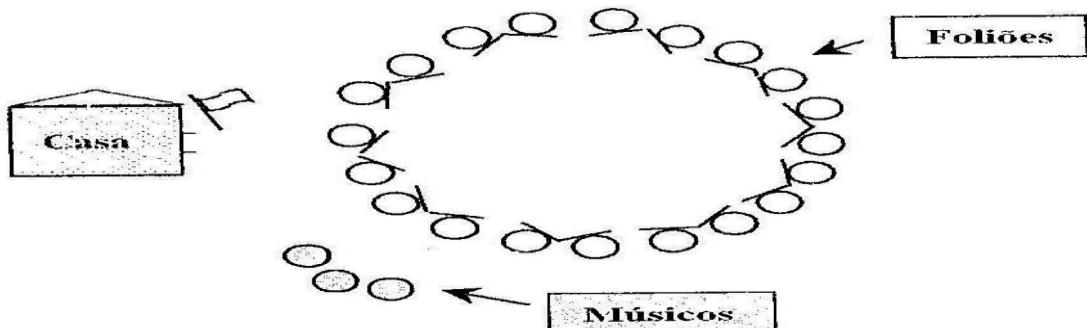


FIGURA 2 – A disposição dos foliões durante a roda e execução dos sambas e outras canções populares.
Fonte: FONSECA, Edilberto José de Macedo. 2009, p. 138.

A sequência das músicas não obedece, nesse momento, uma ordem estabelecida, varia de acordo com o pedido dos músicos, dos foliões ou expectadores, modifica em cada casa em que o terno apresenta durante o giro.

Agrupados em um círculo, ou em dois círculos (Como demonstrado na figura da página subsequente), quando o número dos integrantes tem um aumento significativo, sendo o primeiro círculo composto por foliões mais velhos e o segundo composto pelos mais jovens, os foliões se põem a cantar, marcando o canto com a batida dos bastões, sincronizando desse modo a batida e o canto.

⁸⁷ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009, p.159.

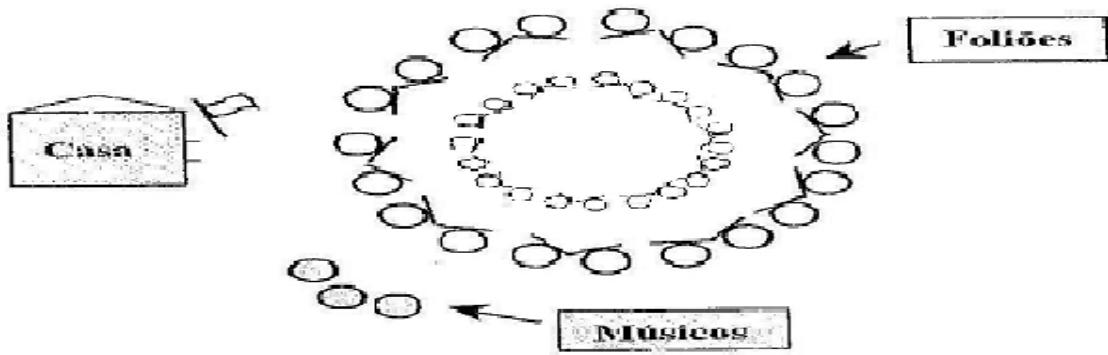


FIGURA 3 – A disposição dos foliões durante a roda e execução dos sambas e outras canções populares.

Começam então a girar em sentido horário, vão batendo os bastões, executando cada um a sua ginga. João Damascena nos relata que:

Os primeiros que entram na folia ficam assim meio presos, é no gingado e tal, mas, à medida que ele vai dançando, ele vai vendo o outro, daqui a pouco ele ta imitando o passo de um, o passo de outro... Daqui a pouco ele cria o dele. Se observar cada um tem uma ginga, e o que eu falo é que essa ginga misturada é que dá aquela.⁸⁸

A ginga é, pois, um elemento importante na performance do grupo, ela é que dá o tom, a beleza estética da apresentação. Seguindo o ritmo imprimido pela viola, os foliões vão acelerando gradativamente o ritmo da coreografia. Se anteriormente à formação da roda, a interação dos devotos de Santos Reis era restrita, agora a alegria efusiva marcada pelo som dos bastões, dos instrumentos de percussão e pelos cantos dos foliões é, de certo modo, um convite para os devotos e observadores do terno integrarem a apresentação, seja cantando junto com os foliões, seja dançando, ou ainda entrando na roda e batendo também os bastões.

Edilberto Fonseca aponta em sua tese, baseando-se na apresentação gravada na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1960, que o ritmo das primeiras apresentações era mais comedido, argumenta que por ser o grupo, no início da segunda metade do século XX, composto por foliões mais velhos e hoje composto por foliões

⁸⁸ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 08/01/2012.

mais jovens, mais bem dispostos fisicamente, as apresentações da segunda metade do século XX eram feitas em ritmo menos acelerado.

É notável a mudança na cadência das músicas dos dois períodos, mas em relato cedido por Dona Olegária podemos perceber que esse era também composto por jovens:

Meus pais eram dos Reis de caixa, só que a gente quando vai crescendo, a gente participa das duas partes né, [...] a gente deixavam a influência dos Reis de Caixa, a gente queria ver o Reis dos Temerosos por que eram rapais.⁸⁹

Em nossa perspectiva, a mudança na cadência rítmica se deve mais às transformações na sonoridade, como mudança de músicos e instrumentos, bem como à crescente ênfase dada aos elementos festivos da folia através da música.

Por vezes, em meio ao desenvolver da coreografia, um integrante do grupo, se coloca no meio da roda, abaixa levantando o bastão acima da cabeça, os integrantes vão girando e batendo os bastões com o folião no centro da roda, essa é uma das inovações ou mudanças de passos que ocorreram após João Damascena se tornar Imperador do terno.

É também comum que o Imperador chame alguém que esteja observando a apresentação do grupo para participar da roda, muitas dessas pessoas chamadas são antigos participantes do grupo ou o acompanham há algum tempo, mas geralmente chama-se algum integrante da casa visitada.

Ao soar do apito do Imperador a dança se encerra e a roda é desfeita, os foliões tornam a criar duas filas paralelas, dar-se-á início, então, a retirada. Embora a ordem de agrupamento dos foliões seja a mesma da entrada, a música é apresentada agora em um ritmo mais alegre:

Retirada meu bem, retirada
Acabou-se a nossa função
Se a morte não me matar olêlê
Ora Deus até para o ano.⁹⁰

⁸⁹ ROCHA, Olegária Nunes. Relato colhido em 02/02/2013.

⁹⁰ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

A retirada, ao mesmo tempo em que se despede do dono da casa, reitera a continuidade da folia e da devoção a Santos Reis; “se a morte não me matar olêlê / ora Deus até para o ano”. Os versos da retirada são, pois, um apontamento de que a fé e os modos em que ela é expressada, através da folia, permanecerão apesar das intempéries e das mudanças, sendo aparentemente a morte a única que pode impedir o folião de praticá-la.

Os foliões retornam à rua e continuam seu giro até à última casa a ser visitada. Como dito anteriormente, as casas a serem visitadas são previamente definidas de acordo com as solicitações recebidas pelo Imperador, o que não significa que o giro vai seguir ortodoxamente o caminho previsto, muitas vezes o caminho da folia é alterado devido a pedidos dos moradores durante a marcha do terno pelas ruas. Dona Olegária nos relatou que anteriormente o terno passava por todas as casas da região:

Dona Olegária: Hoje é convidado, tem as casas de cantá. O povo manda chamá!

Johnisson: Antigamente não era assim?

Antigamente você não faltava uma casa, todo mundo recebia, então não faltava uma casa, a gente saia cedo tinha vez que três horas, quatro horas a folia já estava na rua

Johnisson: A senhora sabe me dizer o porquê da mudança, talvez porque nem todos são católicos hoje?

Dona Olegária: Não né não, porque as coisas mudaram muito meu fio, até mesmo a religião, o povo mudou muito, tem vez que o Reis sai e canta em quatro casas e volta para casa, uns fecham a porta, tá lá dentro fecha na hora, dizem: evem o Reis, porque tem muita gente, é muito menino, você sabe que o menino só faz baderna, nem todo mundo aceita.⁹¹

O que podemos inferir sobre a fala de Dona Olegária é que houve uma mudança significativa nas formas de devoção, se o giro hoje é, na perspectiva de Dona Olegária, um pálido reflexo do que fora, “visita apenas quatro casas”, se deve às transformações no terno que ainda hoje não são bem aceitas por uma parcela da população, como a entrada de crianças. Mas também há questões mais amplas, as formas de devoção no período atual não se manifestam mais hegemonicamente através da devoção aos Santos e das folias.

⁹¹ ROCHA, Olegária Nunes. Relato colhido em 02/02/2013.

Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, havia um contingente maior de folias, de reisados. Exemplo disso era que Berto Preto coordenava três reisados: o Terno dos Temerosos, o Reis de Caixa, o Reis de Boi e ainda a dança de São Gonçalo. As folias eram conhecidas pelas famílias que as coordenavam: a folia dos Bandeiras, dos Figueredos e etc. Segundo Dona Olegária e Luizinho das Mangueiras, as casas recebiam várias folias em uma mesma noite, essas, se aglomeravam pelas ruas migrando de casa em casa como se uma grande festa ali estivesse acontecendo e de fato, podemos entendê-la como uma festa (como discutiremos no próximo capítulo).

Atualmente, no centro urbano e na Rua de Baixo, o número de folias vem diminuindo gradativamente, os grupos vêm encontrando dificuldades para achar integrantes, músicos e mesmo sustentarem os custos da folia. O que nos leva a crer que a folia que outrora era elemento de suma importância para as interações sociais, perdeu espaço para novas formas de sociabilidade e devoção.

É comum os visitados servirem refeições e bebidas aos foliões. Essa é uma prática que ocorre na maioria das folias, é feita como agradecimento aos foliões ou como forma de pagamento de uma promessa. Dona Olegária nos fala que:

Ali tem um açougue né Edimilson, todo ano é uma promessa que ele fez, ele falou para mim que é uma promessa que ele fez para Santos Reis porque a situação dele tava muito para baixo, então ele pediu os três Reis Magos que se eles abençoassem o açougue que tinha, então todo dia seis ele chama o Reis para cantá lá dentro do açougue dele e dava uma janta. [...] Depois que termina aí agora tem o refrigerante, para quem gosta de beber pinga, a pinguinha está reservada, e para as crianças tem o refrigerante, farofa bastante, bastante de nego trazer para casa, picado de arroz com pequi, lá dentro do açougue que ele faz, isso é uma promessa que ele fez, então é provável que ainda existe fé!⁹²

Entretanto, nem toda casa visitada oferece refeições aos foliões, esse também não é um requisito para a visita do terno em uma casa em detrimento à outra. João Damascena nos relatou que “cada devoto de Santos Reis oferece o que pode”.⁹³ Como podemos observar na fala de Dona Olegária, a comida e a bebida são fartas, mesmo entre os devotos mais pobres.

⁹² ROCHA, Olegária Nunes. Relato colhido em 02/02/2013.

⁹³ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 08/01/2012.

Não pudemos observar, entretanto, uma prática que foi muito comum e ainda é, principalmente nas regiões rurais, a doação de esmolas. Embora o atual Imperador tenha nos dito que isso ainda é algo que ocorre costumeiramente, ao acompanharmos o grupo não percebemos o exercício dessa prática. Acreditamos que embora ainda exista, a doação de esmolas a Santos Reis tem reduzido nos dias atuais de maneira significativa. Se a doação de esmolas recebida ao fim da apresentação dos ternos era o que sustentava o custeio do pagamento dos músicos, das vestimentas e da bandeira, hoje o sustento do terno se dá mais através de alianças políticas, de ações coletivas como bingos, entre outras formas de custear as despesas do terno.

O que nos leva a voltar a um aspecto da fala de Dona Olegária, as transformações nas formas de devoção: “porque as coisas mudaram muito meu fio, até mesmo a religião”. Percebemos, ao longo desta pesquisa que os ritos católicos populares as folias, romarias e novenas, que nas primeiras décadas do século XX integravam de maneira mais significativa o cotidiano do homem januarense, se tornaram, nos espaços urbanos, cada vez menos frequentes. Dona Olegária nos dá claro indício disso ao nos relatar que a folia passava em todas as casas. Se em tempos atuais o terno visita poucas casas, isso se deve principalmente às mudanças de manifestação da fé que são cada vez mais individuais e menos coletivas. Entretanto, não podemos com isto dizer que as práticas religiosas populares estão em franca decadência, visto que essas também se transformam a fim de sobreviverem e resistirem. Ao nos falar sobre uma promessa que vem sendo cumprida regularmente todos os anos, ela nos remete às resistências dos modos coletivos de expressão da fé, principalmente ao argumentar: “então é provável que ainda existe fé!”

Discutimos nos parágrafos anteriores o giro do terno durante o ciclo natalino, mas é preciso que falemos sobre as apresentações do grupo em outros períodos. O terno é chamado a eventos de cunho político, a eventos culturais, onde geralmente é anunciado como representante da identidade e do folclore de Januária e Norte de Minas. Nesses casos, a apresentação do terno se dá de maneira fragmentada. Após a fala do Imperador descrevendo o terno e aspectos de sua história, são apresentados apenas os principais elementos como o Canto de entrada ou Canto de Reis, alguns poucos sambas e a Retirada. Essas apresentações são feitas geralmente de modo menos efusivo que as coreografias desenvolvidas durante o ciclo natalino. As mesmas são deslocadas do ritual da folia têm primeiramente um caráter pedagógico, mas não

podemos dizer que a religiosidade é posta de lado em tais performances, posto que a religiosidade popular não tem lugar definido para se manifestar.

Pudemos perceber ao longo desta análise que os Temerosos tiveram em suas performances, e ainda têm, um caráter teatral, voltado para o público. O espetáculo flerta com o sagrado, tendo ora uma relação de animosidade, ora lhe dando a mão. Edilberto Fonseca registrou em sua tese o relato de Narcisa, viúva de Geraldo Farias, músico que acompanhou a folia durante muito tempo. O relato se revela útil para entendermos um pouco das performances e apresentações do terno:

Narcisa - Eu andava com ele pra rua... que ia até nesse mundo! Até em cabaré eu fui. Só vivia de representação pra esses lugares tudo! Em muitos lugares! Que tirasse a licença hein? Eu tirava a licença pra sair com o Reis de caixa, na delegacia. Aonde eu ia com o Reis com aquela licença. Qualquer briga que tivesse, era só apresentar.

Edilberto - O pessoal não gostava não, por que é que tinha que tirar licença?

Narcisa – É bagunça... bagunça! Agora não, tá muito diferente. Era bagunceiro, nossa...

Edilberto – Eles iam até aonde?

Narcisa – Até pra os cabaré, lá na beira do Rio. Tudo eles ia.

Edilberto – E o pessoal que mora lá no centro gostava?

Narcisa – Gostava do Reis, mas só que aquelas mulheres do cabaré. Elas não entrava no meio não. Elas ficava encostada na parede, porque não podia. Porque o Reis era de família, e elas não podia entrar. Agora depois que o Reis sambava tudo, aí agora ia formar um batuque, igual formou aqui, aí elas dançavam.

Edilberto – Aí elas entravam na roda.

Narcisa – Aí a gente ganhava uma nota boa.*⁹⁴

Segundo o relato de Narcisa, os cantos de saudação e entrada, por anunciar a peregrinação dos Reis Magos e o nascimento de Jesus, carregavam uma austeridade que não permitia às prostitutas participarem dessa parte do rito. João Damascena nos disse que Berto Preto sempre falava: “não, não, minha bandeira é de

⁹⁴ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.123.

*Arrecadou uma grande quantidade de dinheiro durante a esmolagem.

respeito”, ou seja, havia certo esmero em manter o caráter ortodoxo em parte do rito que cumpre o terno.

Entretanto, ao soar do apito anunciando a roda, eram chamadas a participar do terno e à sua festa, deixavam de ser apenas “espectadoras”. É preciso ressaltar ainda que, como espectadoras, as prostitutas também faziam parte do espetáculo, como já apontamos o terno teve desde o início um caráter público, teatral. Essa teatralidade subtende uma relação entre quem apresenta e quem assiste, o espectador faz parte do espetáculo. É importante destacarmos que embora se divida em momentos distintos, um mais ceremonial e outro mais festivo, o espetáculo compõe parte importante dos rituais da folia, sendo errado estabelecer uma separação drástica entre os dois momentos, posto que estão integrados.

Cabe aqui explicarmos que os cabarés se situavam às margens do rio, por ali ser a região de entrepostos comerciais, portanto, continham maior fluxo de capitais. Os pescadores e os ditos marujos, bem como os comerciantes, ao término das atividades visitavam os cabarés.

Podemos dizer ainda que uma parcela desses trabalhadores que frequentavam o meretrício fazia parte também da folia, como espectadores, devotos ou foliões. Não podemos inferir através do relato de Narcisa que havia uma separação entre o sagrado e o profano, mas que estes mantinham uma relação tensa (o que é também uma representação das tensões sociais, inclusive as tensões relativas à moralidade), ora excluindo as damas do meretrício, ora incluindo-as.

Outro ponto que precisamos destacar é a necessidade de obtenção de alvará para sair com terno, devido “a bagunça” gerada pela folia. Joaquim Ribeiro, no livro Folclore de Januária, ao falar das romarias e festas religiosas da região já havia destacado seus aspectos festivos, efusões do ato religioso que progridem para briga (como relatado por Narcisa):

É sabido que em torno da profunda manifestação de misticismo [...] observam-se nesses dois núcleos curiosos e divertidos folguedos. É o que se pode chamar de misticismo lúdico, tão comum no interior do Brasil. Orações e danças se misturam. Hóstia e cachaça se entremeiam. Unção religiosa e folguedos se ajustam sem atritos, [...] a fé dos romeiros não os isenta de bebedeira e estripulias. A

promiscuidade nesses instantes de intensa aglomeração facilita esse abastardamento da religiosidade dos sertanejos.⁹⁵

É perceptível na fala de Narcisa e no texto de Joaquim Ribeiro que a festa, caracterizada por Narcisa como bagunça, por Joaquim Ribeiro como promiscuidade, integra o Terno dos Temerosos, as folias e festas religiosas de Januária de modo geral.

A religiosidade popular, os folguedos e folias são tratados por Joaquim Ribeiro como lúdicos, rústicos e simples, de maneira quase romântica, como algo folclórico que difere do oficial⁹⁶ e permite a promiscuidade. Poderíamos dizer que as festas religiosas populares não são oficiais, portanto são destituídas das ortodoxias dos rituais católicos oficiais; nem são inferiores, nem promíscuas, mas são a linguagem em que o sentido da fé popular é vinculada, portanto, não estão entre o oficial e o normativo, nem são promíscuas, mas dotadas de linguagem e características próprias. A sacralidade habita espaços onde era inadmissível supor que habitaria, em meio a “bagunça”.

2.3 A bandeira

A bandeira do Terno dos Temerosos não é adornada com pompas, como ocorre em muitos ternos no Norte de Minas e no Brasil⁹⁷. Quando em período de sua fundação era constituída apenas de um tecido azul escuro ao fundo com o nome do terno e bastões cruzados bordados em branco no tecido (ver primeiro capítulo).

Atualmente, a bandeira tem as seguintes características: sobre um fundo azul escuro, estão cinco estrelas e dois bastões pintados nos cantos superiores e inferiores, ao centro um círculo com uma âncora com o nome do terno: “Terno dos Temerosos”, fora do círculo, na parte superior com a descrição “Januária –MG” e, inferior: “Brasil”. Sobriedade quebrada apenas por algumas fitas coloridas postas ao

⁹⁵ RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínia da Cunha Castilho, 2001, p. 104.

⁹⁶ Estamos nos referindo às maneiras como folcloristas classificavam as manifestações populares de devoção, como prática religiosa distante do Catolicismo tido como oficial, por serem praticadas originalmente nas regiões onde a instituição religiosa ou seus representantes não iriam.

⁹⁷ Nas congadas em Montes Claros, durante as Festas de agosto, há um ritual intitulado levantamento e arriamento da bandeira que marca o início e o fim da festa. A bandeira com imagens do santo padroeiro é toda adornada com fitas, flores e cores.

lado no bastão. Essas mudanças na bandeira ocorreram no início da década de noventa, quando João Damascena assumiu a coordenação do terno.

Acreditamos que os símbolos da bandeira atentam a alguns sentidos, o primeiro é a clara ligação ou a apropriação que o terno fez das marujadas⁹⁸, exemplo disso é que costumeiramente o terno é chamado pelos foliões (principalmente os mais velhos) de marujada de água doce. O segundo, intrinsecamente ligado ao primeiro, a tentativa de reafirmar, intensificar a relação do terno com o rio, com a pesca e o período de intensa troca comercial e cultural através dos vapores.



Januária – Bandeira (Arquivo pessoal de João Damascena).

A relação do terno com o rio pode ser entendida pelo fato já mencionado que a maioria dos foliões foram, e ainda são, pescadores ou descendentes de pescadores. A Rua de Baixo se localiza às margens do rio São Francisco, onde reside também a Colônia dos pescadores fundada por Berto Preto, primeiro Imperador do terno. Há, pois, aspectos significativos que influem na criação ou ressignificação de símbolos marítimos na bandeira. Essa relação, o modo como a vivência na orla do rio e a pesca influenciam a criação dessas representações podem ser bem entendidas através da música “O homem do São Francisco”, canção muito popular em Januária e que, por vezes, é executada também pelo Terno dos Temerosos:

⁹⁸ O jornal publicado pela Comissão mineira de folclore, intitulado de “Aroeira”, assim descreveu os marujos em Minas Gerais: “o figurante marujo se veste de marinheiro. Com relação a cobertura, há duas alternativas; boina ou boné. Ficando a escolha a critério do grupo. (...) Há versos que falam das atividades próprias de navio.” Percebemos que há, pois, vários elementos das marujadas que foram apropriados pelo Terno dos Temerosos.

Quem lançar seu olhar sobre as águas do meu São Francisco
 Bem verá sobre ondas tranquilas um barco a vagar
 Leva um homem que tem sua pele bastante curtida
 Pelo sol e também pelo vento daquele lugar
 O seu barco, seu remo e sua rede são seus três amigos
 Quando juntos se empenham na luta em busca do pão
 Mas, às vezes, o vento ou a chuva que surge tão forte
 Faz dos três uma gigante cruz que lhe pesa nas mãos
 Navegante, o vagar pelas águas te deu braços fortes
 Uma crença, mil lendas e voz para sempre cantar.
 Todas cores brilhantes do rio com o sol ao nascente
 Ou a triste lembrança que às vezes te nubla o olhar
 Quantas vezes, em noites bem claras, do alto, as estrelas
 Contemplaram o homem fazendo da praia seu leito?
 Quantas vezes os pingos da chuva cobriram seu rosto,
 Ocultando o pranto nascido de coisas do peito?
 Certa vez o cansaço envolveu sua mente e seu corpo
 Resolveu esquecer sua vida de navegador
 Mas, o sangue que corre nas veias do bom pescador
 Não achou ambiente igual e o homem voltou
 Navegante.⁹⁹

O rio São Francisco, portanto, não dá apenas o sustento, mas é de onde se evoca e se criam crenças. Onde o vazanteiro, o pescador encontram os componentes culturais para reinventarem os tradicionais folguedos católicos.

Durante o giro, a bandeira vai sempre à frente dos foliões, abrindo caminho para o terno. Chegando à casa visitada a bandeira é entregue ao dono da casa e com ele permanece até a hora da retirada. A entrega da bandeira tem alguns aspectos simbólicos importantes. Ela tem a função primeira de representar a peregrinação dos Santos Reis e a chegada de Jesus, assume, pois, o sentido de presentificação. Quando a bandeira passa, são os Santos Reis que vão à frente do Terno durante todo o caminho, ou ainda é o próprio Menino Jesus que é entregue ao dono da casa, quando lhe é entregue a bandeira. Durante a entrega, em alguns casos, ela é beijada e reverenciada pelos devotos, como se estivessem perante os santos, tocando-os, sentido-os:

A bandeira, é nela que a gente expressa a religiosidade, é nela que a gente expressa a peregrinação que os Magos, os Reis

⁹⁹ SILVA, Jorge. *Sob o olhar januarense; o Velho Chico, histórias, poesias, músicas*, v. 1 – 2012.

Magos fizeram em busca desse Menino Deus, né? Então, por isso que ela vai a frente por isso que a gente tem que reverenciá-la e é por isso que a gente entrega pro dono da casa para mostrá para ele: tamo trazendo o nosso Menino Jesus, o nosso Menino Jesus que a gente crê que tá aqui nessa folia tá visitando a sua casa.¹⁰⁰

Observamos um fato peculiar em uma das apresentações do terno durante o ciclo natalino de 2011, na visita à casa de Dona Carminha. Cabe aqui uma pequena digressão para situarmos o leitor acerca dos sentidos do uso da bandeira. Dona Carminha, que tem uma família devota a Santos Reis, segundo relato dos foliões, havia passado há um tempo recente por um evento trágico: sua filha havia sido assassinada pelo enteado.

Após a chegada do terno e do Canto dos Reis, ao receber a bandeira, Dona Carminha segurou-a junto ao rosto e pôs-se a rezar e percorrer toda a casa, ao sinal do Imperador os foliões acompanharam-na por todos os cômodos da casa. A bandeira cumpria o papel de abençoar cada cômodo da casa, sendo balançada e colocada sobre os objetos. O último cômodo visitado pela bandeira foi o quarto da filha falecida, posta sobre a cama, ali, as preces aos santos Reis se prolongaram. Em êxtase Dona Carminha beijava ora a foto da filha, ora a bandeira pedindo sempre aos Santos Reis por ela. Por fim, a bandeira retorna ao quintal da casa onde, ao sinal do apito do Imperador, se dá início à roda.

É perceptível que através da bandeira, a casa se torna um espaço ritualizado e é sacralizado por ela¹⁰¹, como o ritual traçado por Dona Carminha que, segundo relatos do imperador, é um costume comum entre alguns dos foliões mais antigos: “Então na hora que recebe a bandeira, que vai dar a volta na casa dela entrar em todos

¹⁰⁰ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹⁰¹ No ritual descrito a bandeira é instrumento de sacralização, se em outros rituais os foliões circulavam pelos cantos da casa cantando e louvando, neste, a bandeira cumpre esse papel, (os foliões se calam e acompanham a bandeira em silêncio.) Nesse sentido a bandeira “toma” o papel da folia e representa a presentificação dos Santos Reis. Esse ritual difere dos outros que ocorreram durante o giro pelo seu caráter fúnebre. Em algumas regiões do Norte de Minas, nas áreas rurais de Januária, práticas semelhantes ainda existem. Caso durante os meses que precedem o ciclo natalino algum folião tenha morrido, a folia antes de iniciar o giro passa primeiramente na sua casa ou no túmulo do folião morto. Mais discussões acerca da temática ver “CHAVES, Wagner Neves Diniz. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas e presentificação do santo nas folias de reis e de São José*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacioal/PPG-Antropologia Social. 2009.”

os quartos, salas, quintal, pedindo a essa bandeira pedindo a Santos Reis que dê vida longa, dê saúde, dê fartura, dê harmonia é nessa hora.”¹⁰² Esse ritual lembra em muitos aspectos o processo de sacralização da casa e objetos durante as novenas e folias em que o santo é levado por toda a casa, abençoando-a e por lá permanecendo durante algum tempo.¹⁰³



Januária / Casa de Dona Carminha – Bandeira do terno posta sobre a cama de filha falecida. 2011.

Outro ponto importante a ser discutido nesse processo é que a bandeira durante a visita não teve a função apenas de abençoar a casa, mas teve também um papel maior, o de abençoar a alma da filha morta, bem como de consolar e dirimir as dores de Dona Carminha e seus familiares; a folia, além do seu papel devocional tradicional, exerce também um ritual fúnebre. A bandeira é o instrumento de presentificação dos Santos Reis, representados pela mesma redimem a dor e a morte, posto que após a aclamação a Santos Reis, o som insurgente da viola, dos bastões e da voz dos foliões se levantem não mais em choro, mas em alegria, dirimem a dor e trazem a festa. A bandeira agora tremula nas mãos dançantes de Dona Carminha.

¹⁰² ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹⁰³ As novenas são os encontros de grupo ou comunidades católicas que se reúnem em uma casa ou na igreja para rezar, remetem aos nove dias em que, junto com Maria rezou-se durante o entremeio da morte e a ascensão de Jesus ao céu. No Norte de Minas as novenas têm temas e datas diversas, os dias de um determinado santo ou no natal.

A entrega da bandeira, no terno dos Temerosos, adquire outros sentidos além dos expostos acima. Em algumas ocasiões o terno muda o seu giro habitual e a apresentação que tinha um sentido sacro passa a ter também um sentido político.

É necessário fazer aqui outra digressão para melhor compreensão do leitor, durante o giro do terno nos anos de 2012/2013. Neste último ano de eleição no município, foi o ano em que o atual Imperador assumiu o cargo de secretário de cultura e turismo. Os foliões guiados pelo Imperador saem da Rua de Baixo, região onde comumente o giro tem sua rota, e vão em direção ao centro da cidade, à casa do prefeito eleito. Chegando lá entregam a bandeira ao prefeito (como ilustrado na imagem na próxima página). Os músicos, de maneira não habitual, tocam o hino da cidade e de Minas Gerais antes de tocarem os cantos de Reis e de saudação, como é feito em outras casas visitadas. Em outros capítulos discutiremos essa mudança no giro com mais acuidade, mas o que queremos ressaltar aqui é o fato que a entrega da bandeira, nesse caso, já não é apenas o veículo de presentificação do santo, mas representa também uma aliança entre as políticas públicas a serem desenvolvidas pela gestão eleita e o terno. A entrega da bandeira tem, pois, uma clara conotação política, uma tática do terno para estabelecerem caminhos para a construção de um diálogo entre os representantes das políticas públicas e o grupo.



Januária/ Casa do prefeito Manuel Jorge- Apresentação do terno. 2013.

2.4 Vestuário, bastões e apito

O vestuário do Terno dos Temerosos, assim como a bandeira, faz referência aos marinheiros, ou aos chamados marujos de água doce. Muitos dos antigos habitantes da Rua de Baixo e foliões chamam a vestimenta do terno de farda, a mesma foi assim representada, em nossa perspectiva, devido a fatores já apontados quando discorremos sobre a bandeira, como a relação histórica que os vapores e marujos tinham com o desenvolvimento cultural e econômico da cidade:

A farda que a gente usa ela é em tons azul, azul e branco, cê pode ver que vestida como marinheiro. Porque como eu te disse no passado ela foi trazida pra Januária através de um marinheiro de vapor, certo? Na época foi pedido uma permissão pra capitania dos portos que tinha aqui e foi autorizado e se você

observar também a folia ela canta muito o rio, ela canta muito o mar!¹⁰⁴

O comércio fluvial era um agente de intercâmbio de bens comerciais e culturais entre Januária e Bahia, bem como com outras regiões. De acordo com os foliões veio de lá uma parte significativa da inspiração para criação do terno e de outras práticas culturais e religiosas. Por exercer um papel significativo na economia da cidade, os vaporzeiros eram bastante respeitados, exerciam uma espécie de liderança na comunidade em que viviam. Havia ainda uma notória ligação com o militarismo e com a marinha, daí a representação do vestuário do terno como “farda”, sua importância e a invocação nostálgica de um passado mitificado.

No período de sua fundação e quando era liderado por Berto Preto, como podemos observar no documentário do centenário da cidade, os foliões se vestiam com calça preta, blusa branca, gola azul marinho e na cabeça a boina ou boné. Assim como faz referência uma das letras cantadas: “lá evém, lá evém / como vem faceiro / vestido de branco / com seu bonezim”¹⁰⁵. Atualmente João Damascena vem imprimindo algumas mudanças, alternando o uso pelos foliões de uns em completo azul escuro e outros todos vestidos de branco.

Pudemos observar durante as apresentações do terno e em relatórios dos atuais participantes do grupo que há uma preocupação com as fardas, os foliões são incentivados a mantê-las sempre limpas e impecáveis; “vou continuar exigindo de vocês fardas limpas”, ou ainda, “vocês precisam mostrar que são dignos de estar usando essa farda”. Os foliões mais velhos e o Imperador incentivam os mais novos a cuidarem do vestuário, posto que este represente um símbolo cultural, estão portanto levando o nome do terno e da Rua de Baixo quando passam fardados. A farda tem, pois, a função de ser uma vitrine da prática cultural/religiosa representante da identidade do januarense.

Entretanto, nem sempre esse cuidado com o vestuário foi uma constante, como já apontamos no primeiro capítulo, João Damascena nos disse que:

¹⁰⁴ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹⁰⁵ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.20.

Era uma praxe anterior a gente, todo ano fazer calça, camisa, gorro, dava sapato. Chegava no ano seguinte não tinha nada disso, porque era só terminar a folia os caras que estavam iam para o forró de Luizinho, com a calça, com o sapato, com a camiseta então se o prefeito que tava não desse não saia.¹⁰⁶

Não havia, segundo João Damascena, quando o terno estava sob comando dos Imperadores anteriores, a preocupação com a forma em que os símbolos do terno (a bandeira, a farda) se apresentavam. Podemos inferir que os foliões não se preocupavam com a construção de uma “imagem”, ou não havia a conotação política que hoje o terno possui: a tentativa de afirmar o terno e suas simbologias como pertencentes à identidade não só da Rua de Baixo, mas também de Januária.

Dona Olegária, por sua vez nos fala que em seu tempo de moça, “na influência de namoro”, deixava de acompanhar a folia de caixa a qual os seus pais pertenciam para ir ver o Terno dos Temerosos, pois era cheio de “moço bonito vestido de branco”.

Percebemos, pois, que os sentidos atribuídos ao vestuário foram (re)significados, se antes ele era instrumento apenas de diversão, sociabilidade, devocão e atração, (as moças que iriam ver os jovens fardados, os sambas e a folia em si) agora ganhou também um sentido político, elemento aglutinador dos sentimentos de pertencimento. Há uma clara tentativa de afirmar os símbolos do terno também como símbolos da identidade do januarense, como já afirmado.

Os bastões possuem por volta de um metro de comprimento e são furados nas duas extremidades, nas quais são colocadas tampinhas de garrafa achatadas para que produzam um som semelhante ao pandeiro. São usados para marcar o ritmo durante as performances, funcionando como instrumentos de percussão.

Em apresentações extemporâneas ao ciclo natalino o atual Imperador, ao apresentar o terno ao público, de forma pedagógica, costuma resgatar como influência ou como constituinte da história do terno a luta entre mouros e cristãos. Nessa luta os

¹⁰⁶ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

temerosos seriam os guerreiros menos abastados e, que carregavam como armas apenas bastões.

Clarice Sarmento, no Boletim de registro e divulgação do folclore do Norte de Minas, intitulado “Januária Canta: folclore do município de Januária” escreve:

Todas as simulações de combates ou danças com bastões tem, provavelmente, origem moura. Os mouros dominaram a península ibérica do VII ao XII. Influenciaram e deram origem a várias danças folclóricas brasileiras, com bastões ou varas ternos, entre outras, dança dos cacetes, bate- pau, vilão de varas, Reis dos Temerosos.¹⁰⁷

Segundo a pesquisadora, é notória a influência da história europeia na constituição dos ternos no Brasil, embora não possamos discriminá-la com precisão como se deu essa influência no Norte de Minas e em que aspectos ela é uma construção, não podemos desprezá-la em nossa análise. A invocação de um passado mitificado para explicar uma prática atual nos dá elementos para fazermos análises importantes.¹⁰⁸

Como descrevemos nos capítulos anteriores, o terno é constituído por negros pobres, formado em sua maioria por pescadores ou descendentes de pescadores, que vivem em condições precárias. Em tempos atuais, devido às políticas públicas do governo federal, essa realidade vem mudando gradativamente, entretanto, a Rua de Baixo, local onde reside a maioria dos foliões, ainda é uma região com um nível de carência altíssima e que ainda hoje sofre discriminações.

Torna-se notório que a explicação histórica dada para o uso dos bastões seja relacionada à parte menos abastada dos guerreiros medievais, inteiramente ligada, em nossa perspectiva, às condições de pobreza vividas pela maioria dos integrantes do terno.

¹⁰⁷ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.16.

¹⁰⁸ Em Januária há outra prática religiosa que narra a luta entre mouros e cristãos: a Cavalhada. Nessa, cristãos vestidos ricamente de vermelho, e do outro, mouros vestidos de azul lutam. Entretanto a encenação da luta é feita a cavalo e com espadas. Acreditamos ser arriscado afirmar que o uso dos bastões foi uma influência europeia, posto que haja várias trocas culturais e transformações nas folias no Norte de Minas, de modo que fica difícil precisar a origem dos símbolos da folia.

Podemos inferir ainda que o uso dos bastões têm uma significação ainda maior, o bater dos bastões é um dos modos dos homens negros e pobres se imporem como “perigosos e temerosos”. Michel de Certeau, em “A invenção do cotidiano”, ao tratar do culto a Frei Damião, nos diz sobre como, através dos relatos dos milagres os pobres que não ousavam levantar a voz contra seus algozes eram redimidos e seus inimigos castigados. Em um espaço onde impera a lei do mais forte e ao lavrador cabe calar e obedecer, a análise de Michel de Certeau é pertinente:

No que dizia respeito a relação efetiva das forças, o discurso de lucidez trapaceava com as palavras falsificadas e também com a proibição de dizer, para mostrar em toda parte uma injustiça: não só a dos poderes estabelecidos mas, a da história: reconhecia nessa injustiça uma ordem das coisas, em que nada autorizava a esperança de mudança.¹⁰⁹

Onde impera, nas relações de força, os desmandos e “a lei do mais forte”, na qual a injustiça é legitimada historicamente e contra ela nada se pode dizer, o religioso, ou o exercício da política por meio do religioso, é o lugar onde essa ordem “natural” pode ser criticada, onde a voz pode se levantar em reza e protesto, posto que usa o campo do milagre como veículo de sua insatisfação.

Mas para afirmar a não coincidência entre fatos e sentido, era necessário um outro cenário, religioso, que reintroduzisse, ao modo de acontecimentos sobrenaturais, a contingência histórica dessa “natureza” e, com referenciais celestes, um lugar para esse protesto.¹¹⁰

Assim, por meio da religiosidade, também em Januária e no Norte de Minas, região em que imperaram os desmandos das práticas coronelistas, ainda hoje perpetuam tais práticas. Aos negros, pobres, pescadores, dentro da “ordem natural”, era resguardado o direito de calar e obedecer. O bater de bastões era, e ainda é, o gesto por

¹⁰⁹ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Campinas, Papirus, 1995. p. 72.

¹¹⁰ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Campinas, Papirus, 1995. p. 72-73.

onde, na fala do atual Imperador dos Temerosos, João Damascena, “os negões da Rua de Baixo podiam levantar os seus cacetes e dizer”¹¹¹:

Os reis dos Temerosos que já vai brigar
 Os reis dos Temerosos que já vai brigar
 Rebate companheiro onde o pau pegar
 Rebate companheiro onde o pau pegar

Segura, segura, segura a vida
 Segura, segura, segura a vida
 Segura a pancada quem não tem guarida
 Segura a pancada quem não tem guarida
 Chamando o salvador para nos salvar
 Chamando o salvador para nos salvar
 É o Reis dos Temerosos que já vão brigar
 É o Reis dos Temerosos que já vão brigar¹¹²

O uso dos bastões simboliza, pois, a imposição de um respeito em meio às arbitrariedades e desigualdades que sofrem os integrantes do terno e aos moradores da Rua de Baixo.

O apito é, como já mencionamos, o único elemento estético que distingue o Imperador dos demais foliões, é por meio dele que sua liderança é exercida. Por meio do apito ele agrupa os foliões para início do giro, ou para término de uma música, ou da roda. Por meio do apito o Imperador anuncia a retirada, pede silêncio, exerce sua autoridade.

2.5 Música, músicos, instrumentos

¹¹¹ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹¹² SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.19.

A música, no Terno dos Temerosos e nos demais ternos da região do Norte de Minas, é elemento aglutinador de sentidos múltiplos de fé, festa e protesto. Presente no giro, desde a chegada dos foliões até a retirada e na volta para a Rua de Baixo. A música, em suas variações de ritmo e expressão, em cada momento do giro traz, tanto nas letras como na forma em que é executada, uma simbologia. Ela se apresenta como veículo primeiro das sensibilidades dos foliões. Como condutor de expressões múltiplas é capaz de exercer, como caleidoscópio, ao soar os primeiros acordes da viola, ao soar do bumbo, ao toque ritmado dos bastões, ao mesmo tempo, é o meio em que se expressa a fé e a festa dos espectadores, dos foliões, dos donos da casa, das prostitutas e dos bêbados. Todo esse amálgama de sentidos em uma mesma prática cultural.

É preciso, pois, estarmos atentos às multiplicidades de apropriações e às formas como as canções, em uma dança de sentidos, vão adquirindo conotações diferentes, fluindo entre a seriedade e a brincadeira. Como nos advertiu Adalberto Paranhos:

[...] um signo musical [...] não equivale a uma peça fria apropriada de forma neutra pelos sujeitos que a lêem. Não ocorre aí a imposição uniforme de um padrão de leitura, execução ou audição, como se fora uma via de mão única. Adentramos, isso sim, um campo relacional, banhado de historicidade. Distintas experiências históricas [...] – tendem a gerar modos de apropriação variados de uma canção.¹¹³

As maneiras com que uma prática cultural e religiosa são aprendidas de forma diferenciada por diversos agentes podem ser bem percebidas quando os Temerosos se apresentam, durante o ciclo natalino, ou fora dele, em lugares públicos e em praças. Durante a execução dos sambas, quando se forma a roda, há em torno do grupo uma multidão que ali se aglomera, ali estão os acompanhantes habituais do grupo, os devotos de Santos Reis, os curiosos que vão para ver o espetáculo, os bêbados. O terno, como bem sabemos, teatraliza a chegada do Menino Jesus, entretanto o modo como tais expectadores apreendem o que se canta e dança ali vai muito além de apenas

¹¹³ PARANHOS, Adalberto. *A música popular e a dança dos sentidos: distintas faces do mesmo.* ArtCultura. v.6, n.9, 2004. p.30.

louvar o nascimento de Jesus, atende a outros sentidos além desse primeiro mencionado. É comum observarmos durante essas apresentações grupos de pessoas dançando efusivamente as músicas entoadas pelo grupo.

Foi possível perceber como as canções do terno são apreendidas de formas diferenciadas pelo público durante a roda, através da apresentação do grupo nos Festejos de Santa Cruz”¹¹⁴, enquanto o terno cantava:

Larga seu marido muié
vem morar mais eu
Seu marido é ruim muié
Que é bom sou eu¹¹⁵

Um casal de bêbados protagonizava um espetáculo a parte, dançando de forma caricata a música, enquanto um grupo de pessoas os cercava. Não é atoa que a canção faz parte do cancioneiro popular do Norte de Minas, faz parte do rol das canções cantadas nas festas populares, nos bailes e forró, talvez por isso a identificação do casal que ali protagonizou a performance. Mas o que nos importa aqui é que não só a apresentação do terno é passível de pesquisa e compõe a festa, a folia, mas os espectadores que ali apreendem as músicas e através delas interagem, como o casal mencionado, fazem parte da performance do grupo, posto que a festa não é composta apenas pelo terno, mas também pelos espectadores. O exemplo afirma o nosso argumento que a música cria um elo de identificação com o terno e suas práticas, sejam elas religiosas ou não, sendo elas apropriadas por meio dos aspectos religiosos, do festivo, ou de ambos ao mesmo tempo. Desse modo, a música se apresenta como condutor das sensibilidades múltiplas e veículo de interação entre os fieis e o terno.

¹¹⁴ Os Festejos de Santa Cruz ocorrem tradicionalmente na primeira semana de maio, em Januária, têm desde apresentação de ternos; terno das Ciganas, terno dos Figueiredos e etc., barracas com comidas típicas e bebidas. Tem ainda apresentações culturais que vão de músicos regionais, violeiros, poetas a grupos de axé, funk e forró.

¹¹⁵ Arquivo do autor, registrado em maio de 2012.



Januária/ Festejos de Santa Cruz - Apresentação do terno. 2012.

A música no Terno dos Temerosos também pode ser entendida como voz ou como um posicionamento político. Há uma recorrência de canções que falam sobre as desigualdades sociais e raciais, sobre o trabalho do pescador e sua imposição enquanto guerreiro temeroso. De modo que há uma exploração muito grande dos aspectos políticos que permeiam a vida dos foliões. A maioria dessas canções são sambas e são entoadas em um ritmo alegre, podemos, pois, afirmar que em meio a festividade o terno trata de questões sérias relacionadas às demandas e anseios políticos.

Ao observarmos as mudanças no repertório do Terno dos Temerosos, podemos perceber que é na música que ocorreram com mais constância as transformações, posto que apesar de haver canções que fazem parte quase que permanente do repertório do terno- as músicas que não sofrem muitas alterações são as que fazem parte do ceremonial de louvor à chegada de Jesus: os Cantos de Entrada, os Cantos de Reis, a retirada, ainda assim é possível perceber ao longo da história do terno pequenas mudanças nas letras dessas canções- outras tantas são incluídas. Há significativas mudanças também nos instrumentos, nos músicos (aspecto que iremos debater com mais acuidade nas próximas páginas) e nas letras.

Sobre as mudanças no repertório, na execução das músicas, nos instrumentos e nas transformações de forma geral, João Damascena nos fala que:

A gente vai adequando ao tempo. No primeiro momento a folia era tocada por banda de música, partitura, instrumentos de sopros, mas era o da época. Isso era o da época, em Januária era muito forte né? As bandas de músicas essa coisa toda, o trabalho dos maestros, depois de um tempo isso perdeu a força e então, o que ganhou força? Nos trouxemos Geraldo Farias, Geraldo Farias foi dançar com essa turma que eu falei que assumiu a folia depois de Berto Preto com Adalberto, Chico Doce de Coco, Albino, Luizinho das Mangueiras, certo? Depois desses dez anos Geraldo Farias estava velho não aguentava mais sair e, quando eu assumi eu tive que encontrar outro meio. E aí o meio que eu encontrei foi com Chico, foi colocar a viola, instrumentos de percussão.

Johnisson: E quanto às músicas, as músicas são as mesmas?

João Damasceno: Ó as músicas são as mesmas, as mudanças nas letras é que vai passando de geração para geração, um canta assim e, é de acordo como vai sendo ensinado para os meninos.

Hoje a gente tem colocado músicas e cantores que enquadram dentro do ritmo. A gente tem conseguido fazer um trabalho junto a minha mãe, Dona Olegária, com as pessoas que são de mais de idade e acompanhou a folia durante muito tempo, que sabem muito sambas de roda e, a gente tem trazido muito samba de roda que elas têm nos passado para dentro da folia, como por exemplo:

Vô tirar Maria da beira da lagoa

De dia não tenho tempo sinhá

de noite não tem canoa

Oh Maria veio, não veio não

porque não veio, não sei não

e por aí vai, cada marujo joga seu verso, então tem toda uma mistura, não é a gente, é a própria necessidade do tempo que vai fazendo a gente adaptar essas coisas para que a folia continue existindo.¹¹⁶

Por meio do relato podemos inferir que as mudanças dos músicos e dos instrumentos não se devem a um motivo estético, mas a uma necessidade. Expliquemos, há um contingente muito pequeno de músicos profissionais no município, esta não é uma atividade rentável na cidade. Quando tratamos dos músicos que acompanham os

¹¹⁶ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

ternos e conhecem o repertório, essas dificuldades aumentam em progressões geométricas, portanto a mudança nos instrumentos se dá mais a uma necessidade de encontrar músicos com tais qualidades. Como nos explicou João Damascena “a gente vai adequando ao tempo”. Se nas primeiras décadas da segunda metade do século XX havia um grande contingente de músicos, de bandas que se apresentavam também nos carnavais, essa prática foi aos poucos minguando e as folias se adaptaram às mudanças, algumas chegando até a contratar músicos para tocar apenas no ciclo natalino.

Outro aspecto que precisamos destacar na fala de João Damascena é o processo de transformação procedente das necessidades de adequação às mudanças históricas, esse, visto não como algo depreciativo, mas como forma de revitalização. Não podemos deixar de destacar que nem sempre essas mudanças são bem vindas. Dona Narcisa, viúva de Berto Preto, em entrevista cedida a Edilberto Fonseca nos diz que: “Ah!Porque esse reis naquela época era muito diferente, não era de sanfona nem de viola, era de música! Tinha os músicos que tocava”¹¹⁷. Dona Narcisa, ao nos dizer: “não era de sanfona, nem de viola, era de música” demonstra certa estranheza ao não identificar nas canções atuais a mesma sonoridade que lhe povoava a memória, a estranheza advém da não identificação com a sonoridade atual. “Narciso acha feio o que não é espelho”.

Precisamos destacar ainda que essas mudanças não são feitas somente ao sabor das necessidades de adequação, mas são também imprimidas de forma consciente pelos Imperadores e foliões. A recuperação de sambas de rodas é um bom exemplo disso.

Há também alterações, em nossa perspectiva, que ocorrem através da inventividade da arte popular, ora, as mudanças nas letras de acordo com o passar do tempo ocorrem, muitas vezes, devido às lacunas na memória que levam à reinvenção das letras no processo de ensino dos foliões mais jovens.

Por fim, precisamos destacar que há (principalmente após João Damascena se tornar Imperador) uma (re)significação das trocas culturais, uma recuperação intencional da ligação do terno com as práticas culturais do Recôncavo Baiano, a

¹¹⁷ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.130.

caracterização de algumas canções como “sambas de rodas¹¹⁸” ou “sambas de jogar verso¹¹⁹”, gêneros característicos da região mencionada, são exemplos disso. Há uma intenção de marcar a Bahia como principal influência no desenvolvimento do terno, um desejo de marcar as origens. Isso não se mostra somente através da música, mas na narrativa dos foliões acerca do surgimento do terno. Embora seja visível a tentativa de marcar a origem das canções, determinando seu lugar de surgimento como sendo a Bahia, não podemos fugir aos aparentes parentescos musicais que muitas das canções do terno têm com os sambas de roda e outras práticas culturais surgidas ou desenvolvidas na Bahia. Talvez fosse viável caracterizarmos tais influências primeiramente como uma herança africana que está notadamente mais perceptível na Bahia, mas que também está presente no Norte de Minas com manifestações distintas.¹²⁰

Há um processo de apropriação de muitas canções advindas da região. O que nos remete aos aspectos já mencionados acima, relativos às formas de apropriações de práticas culturais através do terno. É o caso de canções como “Marinheiro só”, identificada por João Damascena como pertence ao Recôncavo Baiano¹²¹. Sabemos que o samba pertence ao conjunto de músicas populares em que a autoria se perdeu e que, de acordo com que vai sendo apropriada, vai ganhando elementos diferentes, como mudanças nas letras. Esse samba foi gravado por cantores como Caetano Veloso e

¹¹⁸ O samba de roda é uma manifestação poética, musical, coreográfica, intitulada também de umbigada, presente no Recôncavo Baiano, mas difundido por outras regiões do Brasil. Como o próprio nome diz, forma-se uma roda, acompanhada por cantos e palmas, por um conjunto de pandeiro, atabaque, berimbau, viola e chocalho. Dança-se aos pares em meio a roda.

¹¹⁹ A expressão “samba de jogar verso” dita pelo entrevistado remete às formas de improviso presente no samba em que há um duelo entre os sambistas onde cada um cria um verso com o intuito de “derrotar” o outro. A improvisação é um elemento comum nas folias do Norte de Minas, em algumas delas cria-se versos sobre o dono da casa visitada ou sobre algum folião.

¹²⁰ Há vários aspectos que apontam para influência da cultura afro-brasileira, o primeiro deles é a formação de uma roda, característica de formação das performances no samba desde o período colonial com os chamados batuques. O segundo é que, não só o Terno dos Temerosos, mas boa parte dos ternos de Januária apresenta influência afro-brasileira. Podemos citar como exemplo dois ternos: os Calunzeiros, grupo de reisado existente em uma comunidade quilombola de Januária chamada Riacho da Cruz. Os calunzeiros executam uma dança, muito comum nos sambas de roda do Recôncavo Baiano; a dança da formiga- modalidade em que os foliões dentro de uma roda, enquanto se entoam os cantos, dançam simulando estar com o corpo coberto por formigas. O segundo terno, intitula-se também Terno dos Temerosos (falamos dele no primeiro capítulo), é originário também de uma comunidade quilombola chamada Palmeirinha, localizada em um município que fora distrito de Januária – Pedras de Maria da Cruz. Esse terno é composto por mulheres e tem uma musicalidade marcada por percussões que se assemelha muito com a sonoridade dos rituais religiosos afro-brasileiros.

¹²¹ “Nós cantamos aqui: quem te ensinou a nadar / Foi, foi marinheiro / Foi o balanço do mar / Eu não sou daqui marinheiro só. É do Recôncavo Baiano”. - ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

Clementina de Jesus, Marisa Monte, entre tantos outros. Usado ainda com algumas variações nos versos, nas rodas de capoeiras e nos cultos da umbanda, o samba diz:

Eu não sou daqui
Marinheiro só
Eu não tenho amor
Marinheiro só
Eu sou da Bahia
Marinheiro só
De são salvador
Marinheiro só
Lá vem, lá vem
Marinheiro só
Como ele vem faceiro
Marinheiro só
Todo de branco
Marinheiro só
Com o seu bonezinho
Marinheiro só
Ô, marinheiro, marinheiro
Marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar
Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só¹²²

É importante notarmos que a pesquisadora Clarice Sarmento registrou junto com um conjunto de cancioneiros infantis e de brinquedo, uma versão do samba em Januária intitulada “Marinheiro – Samba”, com pequenas modificações nos versos mas com a mesma estrutura melódica:

Ô marinheiro, marinheiro, samba
Quem te ensinou a nada marinheiro samba

¹²² FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

Foi o tombo da jangada, marinheiro samba
 Ou foi as ondas do mar, marinheiro Samba¹²³

À primeira vista podemos estranhar como uma música pode ser apropriada por vários atores, mas se atentarmos como o samba tem um elemento de identificação com cada culto ou ator que dele se apropria, se atentarmos ainda para a forma como ele é (re)significado, o modo que é cantado, como se acrescentam e tiram versos de acordo com cada apropriação, poderemos entender que um canção, um rito, um culto não é vivido, nem é praticado isoladamente, mas sempre em relação. Os músicos, bem como os foliões desempenham, pois, um papel importante na criação, apropriação e resignificação de canções. Desse modo, por meio da música é possível entender as interações culturais construídas entre Norte de Minas e Bahia.

As canções apresentam em sua maioria compassos binários ou quaternários¹²⁴, muitas delas, principalmente as marchas e os sambas usam constantemente de sincopas¹²⁵, entretanto, apesar de apresentarem a estrutura melódica descrita acima, de acordo com o ânimo ou sobriedade pedida durante a execução da música, tais estruturas são modificadas.

Quase todas as músicas são de autoria coletiva, sem perspectiva comercial, exemplo disso é que não possuem em suas letras a mesma estrutura que geralmente as canções feitas com intuito comercial têm. Em sua maioria, tiveram e têm apenas uma parte, com estrofes pequenas e versos repetitivos. Muitas das canções podem ser encontradas em outras regiões do Brasil, em outras festas religiosas, com outras temáticas, versos modificados, com mesma melodia ou com extrema semelhança. Possuem, ainda, uma rítmica marcada e refrões simples e fáceis de cantar. Isto porque, feitos para serem cantados em coro por várias pessoas ao mesmo tempo, ao falarem da própria atividade que acompanham, traçam uma espécie de crônica sobre seus modos de

¹²³ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.19.

¹²⁴ O compasso é o que possibilita organizar o ritmo de uma música. Através dos compassos é possível agrupar de acordo com o tempo e características as notas musicais. O compasso binário é formado por dois tempos e o quaternário formado por quatro tempos.

¹²⁵ Síncopa é o padrão rítmico em que um som é articulado na parte fraca do tempo ou compasso, prolongando-se pela parte forte seguinte.

vida e aspectos de seu trabalho. É o caso de canções como “Venceslau”, que remete ao trabalho da pesca e às dificuldades financeiras dos pescadores:

Oh Venceslau olha o peixe na lagoa
 Quem tem rede pega peixe
 Quem não tem vende a canoa¹²⁶

Todos esses aspectos mencionados nos tópicos acima, nos apontam para as características dos cancioneiros populares, introjetados no terno principalmente através das transmissões orais. Berto Preto, em entrevista concedida à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro disse:

Maestro: E as músicas que vocês executam aqui? Tem autor?

Berto: O autor fui eu mesmo.

Maestro: não tem nada de antigo que os senhores cantam aqui, por hipótese, o reis antigamente, que isso é uma coisa que se conhece há muitos anos aqui em Januária, né? Todo mundo conhece aqui, o senhor era pequeno, já sabia disso, né? Já cantavam o Reis aqui, né?

Berto: Já cantavam o Reis.

Maestro: As músicas de Reis, quais são os autores? São desconhecidos completamente?

Berto: É desconhecido.

Maestro: É que os senhores vão herdando isso de pai para filho, vão juntando tudo, né?

Berto: É, sim, senhor. (...)

Maestro: vamos ouvir a marcha dos temerosos. De quem é?

Berto: É nossa, é nossa.

Maestro: do conjunto, marcha do conjunto.

¹²⁶ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.26.

Entrevistador: E prosseguimento, qual música vocês vão apresentar?

Berto: os pintores

Entrevistador: O que é isso?

Berto: um samba de autoria nossa mesmo¹²⁷

Apesar das indagações do entrevistador intitulado no registro como Maestro, Berto Preto é enfático ao dizer que as músicas são de “autoria nossa mesmo”. Bem sabemos que a maioria das canções é de domínio público, entretanto, ao afirmar que essas são do grupo, no nosso entender, Berto Preto não quer afirmar que são composições suas, mas que estão arraigadas ao terno, fazem parte de sua identidade, são elementos de devoção dos foliões, dizem sobre eles e por meio deles narram a chegada de Jesus ao mundo.

O repertório do Terno dos Temerosos é geralmente classificado por estudiosos como Edilberto Fonseca e Clarice Sarmento em: canto de Reis ou de Entrada (cantos que são entoados durante o louvor a Santos Reis e a chegada de Jesus), sambas, retirada (executadas durante a roda) e marchas de rua (entoadas durante a marcha da rua e durante a roda). Embora os estudiosos tenham sido muito felizes em suas análises, em nossa perspectiva, o repertório das canções não pode ser caracterizado apenas dessa forma, posto que há uma profusão de canções que são entoadas durante a roda, essas canções são acionadas muitas vezes de acordo com a memória afetiva, o ânimo dos foliões, e nem sempre são sambas, marchinhas ou canto de Reis. Percebemos que samba é usado pelos foliões não apenas para apontar um gênero, mas para caracterizar qualquer canção que seja mais festiva. Samba nessa perspectiva tem o sentido de festa, de folia, entretanto não podemos negar que um contingente muito grande das canções que integram o repertório podem ser classificadas como samba.

A pesquisadora Clarice Sarmento, por exemplo, registrou uma canção que tem aspectos característicos dos “sambas de jogar verso” mencionados por João Damascena em citação acima, a música em ritmo andante e compasso binário parece descrever o modo como os músicos e cantores improvisam na invenção dos versos:

¹²⁷ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

Eu tano mais Valdozim
 Valdozim tano mais eu
 Na segunda canta ele
 Na primeira canta eu
 olé Balbina, olé Balbina
 seu coração deu no meu
 tinha dois anéis de ouro
 foi Balbina que me deu.¹²⁸

Os gêneros musicais mais recorrentes no terno, portanto, são o Canto de Reis ou de Entrada, sambas, retirada e marchas de rua e, mais uma profusão de canções populares que são reinventadas e apropriados pelo terno.

As temáticas das canções, além do tema mais recorrente, a chegada do Menino Jesus, os Cantos dos Reis, apresentam temas comuns à vida cotidiana, trabalho, relações sociais e afetivas dos foliões como é o caso da já citada “Ô Venceslau”, “Minha namorada”, “Mariquinha”, “Juazeiro”, “Arroz empreteceu” e “Eu sou pintor”. Muitas canções remetem ao trabalho dos marujos e marinheiros, como é o caso de “Marinheiro tá, tá”, “Marinheiros chegantes”, “Marinheiro”, “O pau rodou”, “Vamos Marinheiro”, outras remetem a um passado escravista ou estão ligados a questões raciais como é o caso do “2º canto de entrada”:

Eu te pego mulata
 Eu te pego neguinha
 Sinhá tá te chamando pra ir pra conzinha¹²⁹

¹²⁸ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹²⁹ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.17.

Algumas das canções, em alguns trechos remetem a problemas e demandas sociais como diferenças sociais, é o caso da já citada “Minha namorada”:

Se não me ama porque eu sou pobre
Se me despreza neste mundo além
Talvez um dia sua riqueza acabe
E você fica pobre como eu também¹³⁰

Algumas letras das canções de acordo com as temáticas descritas acima estão relacionadas na tabela abaixo.

¹³⁰ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.25.

Cantos de Reis , Cantos de Saudação e Retirada	Relacionados a vida cotidiana/ trabalho e relações sociais	Remetem ao passado escravista e as questões raciais
<p>CANTO DE REIS</p> <p>Nós pastores, lentamente, Boas novas viemos dar Que nasceu em um presépio Que nasceu em um presépio Veio ao mundo nos salvar</p> <p>Oriente da minh' alma Três Reis Magos vêm guiar Que Jesus recém – nascido Que Jesus recém – nascido Su' homenagem vem prestar.</p> <p>NÓS CHEGAMOS AQUI NESSA CASA</p> <p>Nós chegamos aqui nessa casa Quem mandou foi São Sebastião Visitar o dono da casa, olelê Com grande Satisfação</p> <p>É o reis dos Temerosos E cantamos com tanta alegria Em louvor ao menino Jesus, olelê Ele é o filho da Virgem Maria</p> <p>Lá vai a garça voando E no bico leva uma flor Vai voando e vai dizendo, olelê Viva o nosso Imperador</p> <p>RETIRADA</p> <p>Retirada, meu bem, retirada Acabou-se a nossa canção Se a morte não me matar, olêlê Ora Deus até para o ano</p> <p>A primeira chama Antônia, A segunda Ana Isabel A terceira Ana do Porto, olêlê Com seu laço de fita amarela.</p>	<p>EU SOU PINTOR</p> <p>Eu sou pintor Pinto aqui, pinto acolá Pinto na casca do ovo No caroço do juá Morena, eu sou solteiro Com você quero casar</p> <p>MARIQUINHA</p> <p>Mariquinha foi pra serra Foi pegar beija fulô Só não quero que ela pega meu canário cantador. Olé Balbina olé Balbina seu coração deu no meu Eu tinha dois anel de ouro foi Balbina quem me deu</p> <p>JUAZEIRO</p> <p>Juazeiro juazeiro Prá que foi que me deu joá Prá cair - me na cabeça Prá cabar de me matar .</p> <p>ARROZ EMPRETECEU</p> <p>Arroz, arroz empreteceu Capim amarelou E viado comeu.</p> <p>Ô VENCESLAU!</p> <p>Ô Venceslau Olha o peixe na lagoa Quem tem rede pega peixe Quem não tem vende a canoa</p>	<p>2º CANTO DE ENTRADA</p> <p>Eu te pego mulata Eu te pego neguinha Sinhá tá te chamando pra ir pra cozinha.</p> <p>DÁ NO NÊGO</p> <p>Dá no négo, Dá no négo, No négo você não dá, Você diz que dá na bola, Você diz que dá na bola, No négo você não dá.</p>

Relacionados ao trabalho dos marujos e marinheiros	Relacionadas às demandas e desigualdades sociais
<p>MARCHA DOS TEMEROSOS</p> <p>Os reis dos Temerosos que já vai brigar Os reis dos Temerosos que já vai brigar Rebate companheiro onde o pau pegar Rebate companheiro onde o pau pegar</p> <p>Segura, segura, segura a vida Segura, segura, segura a vida Segura a pancada quem não tem guardia Segura a pancada quem não tem guardia Chamando o salvador para nos salvar Chamando o salvador para nos salvar É o reis dos Temerosos que já vão brigar É o reis dos Temerosos que já vão brigar</p> <p>MARINHEIRO SÓ</p> <p>Eu não sou daqui Marinheiro só Eu não tenho amor Marinheiro só Eu sou da Bahia Marinheiro só De são salvador Marinheiro só Lá vem, lá vem Marinheiro só Como ele vem faceiro Marinheiro só Todo de branco Marinheiro só Com o seu bonezinho Marinheiro só Ô, marinheiro, marinheiro Marinheiro só Ô, quem te ensinou a nadar Marinheiro só Ou foi o tombo do navio Marinheiro só Ou foi o balanço do mar Marinheiro só</p> <p>VAMOS MARINHEIRO</p> <p>Vamos, marinheiro À rua passear Levar a nossa barca Pra jogar no mar</p> <p>Vamos, marinheiro Vamo alegremente No reis acompanhado Com bastante gente</p> <p>MARINHEIRO TÁ, TÁ</p> <p>Marinheiro tá, tá, tá Marinheiro tá me chamando</p>	<p>MINHA NAMORADA</p> <p>Minha namorada é um moça linda Os olhos dela é como os da sereia O nome dela trago retratado Trago iluminado com a lua cheia</p> <p>Dancei com ela no salão dourado Depois veio outra que me apaixonou Entrou pra dentro, não me disse nada Nossa amizade já se acabou</p> <p>Se não me ama porque eu sou pobre Se me despreza neste mundo além Talvez um dia sua riqueza acabe E você fica pobre como eu também</p>

É importante lembrarmos que a tabela apenas relaciona as canções que são mais recorrentes, mas muitas delas ganham pequenas mudanças nas letras e no ritmo durante a apresentação do terno. De modo que não podemos afirmar que esse seja o repertório fixo do grupo.

Como já mencionamos, há uma intrínseca relação entre as temáticas exploradas pelo terno e o local de seu surgimento, bem como com trabalho dos foliões. A música do terno é também profundamente influenciada por essa relação. A Rua de Baixo é povoada por um contingente de negros, pescadores, vazanteiros e agricultores, essa é também uma das regiões com maiores índices de pobreza. Não nos assusta que no terno, mais que em outros ternos da região, nas músicas estejam presentes temáticas que discorrem sobre as demandas sociais, pobreza, trabalho e diferenças sociais. A música é nesse sentido uma representação das demandas, das contradições, dos jogos sociais e econômicos.

Na segunda metade do século XX, o terno era acompanhado por uma pequena banda, como é possível perceber em entrevista cedida a Campanha de Folclore em 1960, constituída principalmente por metais: trombone, saxofone, clarinete e trompete; cordas: viola e violão, sanfona; percussão: caixa, reco-reco, tamborim, pandeiros. O número de instrumentos e músicos podia variar. Como pudemos perceber não havia uma regularidade dos músicos que acompanhavam a folia, como é perceptível na entrevista abaixo:

Maestro: quantos instrumentos compõe o conjunto de reis?

Mané Leite: Sempre cinco instrumentos... violão, pandeiro, sax, trombone, clarineta, outra hora varia.

Maestro: e caixa também

Mané Leite: Não, ultimamente não tem. Sempre a gente toca com um tamborim, mas as vezes não encontra tamborim que dá de acordo com o ritmo, ai fica pandeiro, violão, horas que é um banjo também com pandeiro, o trombone, o sax, uma hora clarineta, outra hora trombone... é o que dá certo.... é revezado

Maestro: um pistão...é o que aparece, né?

Mané Leite: é o que dá na hora.¹³¹

Talvez pudéssemos acrescentar na descrição dos instrumentos o bastão, posto que esse não faz parte apenas da coreografia, mas compõe também a melodia, as tampinhas de garrafa não são postas na ponta dos bastões gratuitamente, não apenas para fazerem barulho, mas para marcarem o ritmo, funcionando como instrumentos de percussão. Como menciona o entrevistador intitulado de Maestro na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: “os barulhos que se ouvem a seguir são os paus furados com chapinhas para bater o ritmo. Isso é muito importante na dança de Reis”.¹³²

A caracterização dos sons dos bastões como barulho reflete, de certo modo, a visão que os entrevistadores na década de sessenta do século XX tinham da música e da arte popular, sendo incapazes ou omissos em assumir o bastão como instrumento musical (os instrumentos legítimos eram sax, trombone, clarineta e etc.) e de notar a influência africana na rítmica dada pelos bastões.

Ainda no fim do século XX, o terno era acompanhado por Geraldo Farias e os músicos que tocavam percussão, sanfoneiro bastante respeitado na região por suas habilidades com o instrumento e por ser exímio conhecedor do repertório que compõe o cancioneiro popular e religioso das folias de reis.

Atualmente os instrumentos que são usados no terno são: a viola de dez cordas, tocada por Francisco Pinto dos Santos, conhecido como Chico Preto da viola. Os músicos que com ele tocam são Manuel Gonçalves da Silva, pedreiro e conhecido como Pingo, toca o bongô e Paulo Afonso dos Santos, que é marceneiro e também lavrador, toca o bumbo.

Chico Preto é pescador na atualidade, anteriormente exerceu a profissão de vaqueiro. Ele tem um modo peculiar de tocar, com aprendizado totalmente informal. É dos músicos populares que inventam técnicas próprias na ausência de um ensino formal sobre música.

¹³¹ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

¹³² FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

Chico nos relata que fora companheiro de Geraldo Farias, com ele tocava pandeiro, com a morte de Geraldo Farias e na ausência de músico que tocasse nas folias e nas festas populares como nos forrós, apreendeu a tocar viola:

Eu comecei tocando na folia de santos Reis, São Gonçalo, aí eu comecei né, treinando, treinando, treinando. Eu chegava numa casa com folia de Reis, pra mim tocar uma viola dava um trabalho, com vergonha do povo.¹³³

Em um curta-metragem intitulado “Som da rua- Chico Preto”, o músico ainda nos relata:

:

Eu tô nele direto tocando. Só que na época eu tocava pandeiro, e agora, sanfoneiro não tem quem toque os reis dos cacetes aqui, não tem sanfoneiro, então eu tocando de viola. Então tamos aí até o final, até que Deus der um bom tempo pra nós. Fala assim: Chico, vamos parar! Vamos parar. Enquanto Deus me der saúde, eu tô tocando nos Reis dos cacetes. Por que eu gosto do reis dos cacetes, da folia.

Quando eu comprei a viola aí o povo disse assim, Chico vamos botar um nome na viola sua falei assim tá certo. Qual o nome que você quer que eu ponha? Então põe violeiro da região. Por que praticamente aqui é difícil, então o único violeiro daqui da região, é eu.¹³⁴

O nome escolhido para a viola é emblemático por dois motivos; o primeiro é o que o próprio Chico Preto nos revela e nós já mencionamos, há um contingente muito pequeno de músicos, por isso ele se sente confortável em dizer que é um dos únicos, senão o único violeiro da região. Mas mais importante é o fato dele se identificar como agente integrante e perpetuador das músicas e canções populares e religiosas. Há uma clara relação de identidade com a região, com o espaço vivido, com o sertão Norte Mineiro.

¹³³ BERLINER, ROBERTO. *Som da rua – Chico Preto*. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=som_da_rua_chico_preto>, 2013.

¹³⁴ BERLINER, Roberto. *Som da Rua - Chico Preto*. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=som_da_rua_chico_preto>, 2013.

Como Chico Preto, a grande maioria dos músicos que tocam nas folias não são músicos profissionais, embora sejam pagos para tocar na folia, são muitos deles pescadores, lavradores, vaqueiros que não tiveram aprendizado formal e se aventuraram nos instrumentos por meio do talento e do aprendizado adquirido nas vivências, nas folias, nas festas, observando e acompanhando outros músicos, fazendo releituras, bem como através de inúmeros outros fatores. Identificam-se e perpetuam o rol de práticas culturais da região por intermédio da música.

Zé velho, vazanteiro e pescador, no documentário mencionado, nos relata que: “Eu cantava porque gostava de ler romance, né. Naquele tempo eu lia essas músicas, eu cantava essas músicas de romance. A boa música pra mim é uma beleza.”¹³⁵. Observemos que no relato é possível inferir sobre aspectos importantes da música popular e religiosa em Januária. Primeiro, estamos falando não apenas do processo de perpetuação e (re) invenção das canções populares através da memória, mas também do processo contínuo de composição de músicas populares, que alimentam os ternos, por compositores como o mencionado Zé Velho, o próprio Chico Preto da viola e o Geraldo Farias. Segundo, no processo de composições das canções, há um processo de apropriação de produções culturais, como a literatura, a releitura dos romances. A leitura, nessa perspectiva, deve ser entendida dentro de uma prática cultural e portanto social e historicamente dada. A leitura como prática significa, portanto:

[...]dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse entre o sentido desejado e o sentido percebido.¹³⁶

A releitura se dá também no âmbito da sonoridade. Como destacamos nos parágrafos anteriores houve uma mudança significativa nos instrumentos ao longo da história do terno, como consequência a sonoridade também se diversificou bastante.

¹³⁵ BERLINER, Roberto. *Som da Rua - Chico Preto*. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=som_da_rua_chico_preto>, 2013.

¹³⁶ GOULEMOT, Jean Marie. *Da leitura como produção de sentidos*. In_CHARTIER, Roger (Org). Práticas de leitura. p.108.

Atualmente, um leigo que não sabe discernir os sons dos instrumentos de cordas tensionadas (viola, violão, guitarra) ou familiarizado com as canções do terno, identificaria no mesmo, não o som de uma viola, mas de um violão ou uma guitarra eletrificada. Isso se deve à eletrificação da viola e o uso de uma caixa amplificadora de som, bem como devido ao modo peculiar de Chico Preto tocar as músicas.

Essa transformação na sonoridade em nosso entendimento é sinal dos diálogos que o terno faz com a contemporaneidade. Poderíamos dizer que Chico Preto toca o atual com sabor do tradicional (algumas canções cantadas no terno são músicas popularizadas: indo do forró ao brega) e o tradicional com sabor do atual.

2. 6 Considerações acerca do capítulo

A representação da chegada de Jesus ao mundo, pelo Terno dos Temerosos, é uma peça de muitos atos e muitas vozes. Há uma gama variada de sentidos em transformação, muitos deles de difícil apreensão. Mas destacamos aqui alguns aspectos dessas mudanças e atribuições de sentido à prática religiosa. Elas convergem primeiramente através de uma dinâmica social e política: as apropriações e releituras da história e de práticas culturais se pautam em muitos aspectos nas experiências construídas através do trabalho, a pesca e a agricultura.

As demandas raciais, as diferenças sociais são, como já apontamos em tópicos anteriores, uma constante nas letras, nas coreografias. Nesse sentido, o terno se apresenta também como um símbolo de resistência e questionamento às ordens sociais estabelecidas.

A tentativa de afirmação do terno como símbolo da identidade do januarense é um bom exemplo de que as folias não são apenas autos de devoção, mas também exercício da política. Ora, se a Rua de Baixo era vista como bairro de pobres, negros e pescadores, portanto, marginalizados, a afirmação do terno como símbolo cultural é, em nossa perspectiva, o meio em que os foliões possam “inteirar” com os seguimentos sociais que anteriormente os marginalizaram, e também uma forma de sobrevivência. Vale ressaltar que, com nuances históricas e políticas diferenciadas, um processo semelhante já ocorreu com outras práticas culturais populares, como o samba.

Há no terno uma porção de atores, sejam os foliões, os devotos, ou os espectadores, esses, integram e imprimem no terno uma cor, um gesto que ressignifica uma prática. Os símbolos, as construções de sentidos, apesar de serem influenciados por experiências sociais coletivas, como apontamos no parágrafo acima, não são determinados apenas por elas. Há também uma constante renovação das práticas culturais e religiosas pela arte e pela prática individual. Desse modo, as transformações e ressignificações do terno se dão no âmbito coletivo, mas também através das intervenções dos foliões que imprimem no terno novos gestos, novas cores.

Outra convergência, nos sentidos das transformações ou construção dos símbolos, são as mudanças nas formas de devoção. As folias não povoam as ruas com seus sons, suas brincadeiras como outrora povoaram, mas as formas de devoção feitas através das folias resistem às intempéries, às dinâmicas sociais contemporâneas.

CAPÍTULO III

Fé, festa e transformação

Este capítulo analisa as relações entre festividade, sacralidade e austeridade que permeiam a folia, bem como os conceitos de folia, reis, marujadas e os sentidos que os mesmos adquirem no exercício da devoção. Discute ainda as dimensões das práticas políticas feitas por meio do terno. Estudamos as formas como as dimensões da chamada modernidade líquida¹³⁷ atingem e estão ligadas às transformações do Terno dos Temerosos.

Todas essas discussões estão vinculadas às transformações significativas que o terno sofreu a partir da década de noventa do século XX, quando João Damascena, atual Imperador, assumiu a coordenação do terno, mas não se atêm a esse período visto que as mudanças no terno são algo que perpassa toda sua história.

3.2 A viola eletrificada e os sons inaudíveis

Januária foi durante boa parte de sua história uma cidade provinciana, ou ao menos, assim foi representada. Os memorialistas¹³⁸, as fotografias, os pesquisadores se esmeram em destacar como ao cair da tarde as pessoas saíam às portas das suas casas para contarem histórias, conversarem sobre as novidades e sobre a vida alheia. Aos finais de semana, ao sair da missa passeavam ao redor da praça central os namorados, as famílias que olhavam os seus filhos à distância enquanto comiam os quitutes das

¹³⁷ Segundo Zygmunt Bauman a modernidade líquida consiste na fluidez dos laços coletivos e o aumento da individualização, nas palavras do sociólogo: “O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadiño e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro”. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. In. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.12.

¹³⁸ As obras dos memorialistas nas quais nos baseamos para as análises neste capítulo são as já apontadas nos capítulos anteriores: a revista de Comemoração do 1º Centenário, que em seus artigos conta com vários memorialistas, como Saul Martins; o livro: “Memorial Januária: Terra, Rios e Gente” de autoria Antônio Emilio Pereira; “Januária no Tempo e... no Espaço”, de autoria de Vera Matos. Essas obras, de um modo geral apresentam a história da cidade através dos eventos tidos como significativos para seus autores, não é raro figurarem nas mesmas listas dos grandes nomes da história da cidade, os prefeitos e grandes comerciantes. Os autores não são escritores ou pesquisadores, mas engenheiros, professores, prefeitos, que tomaram para si a tarefa de registrar a história da cidade.

barracas. Os eventos públicos organizados pela administração do município eram a principal atração para as pessoas do local, que vestiam suas melhores roupas para prestigiar as bandas, os desfiles e etc¹³⁹. Abaixo, na foto que registra um evento cívico em 1941, é possível imaginar a descrição feita acima.



Januária, 1941: Antiga Praça Getúlio Vargas- In: PEREIRA, A. E. (2008, p. 23)

Na praça central da cidade, ao centro, no Coreto estão as autoridades, abaixo os militares e a banda e ao redor os cidadãos, as crianças observam e brincam ao longe. Essa estrutura se repete nos dias atuais, principalmente em datas comemorativas como o desfile da independência do Brasil.

Os pesquisadores, por sua vez, também destacam o caráter bucólico e provinciano da cidade. Clarice Sarmento, na apresentação do Boletim de Registro e Divulgação do Folclore do Norte de Minas escreveu: “Januária é uma cidade simpática, de tradições, alegre, de gente festeira cantadeira e hospitaleira.”¹⁴⁰

¹³⁹ Essa descrição foi elaborada de acordo com as análises dos Jornais Tribuna do Vale, com as obras memorialistas mencionadas acima.

¹⁴⁰ SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994. p.7.

A empresa mineira de turismo – TURMINAS¹⁴¹, ao elaborar um inventário da oferta turística do município de Januária, com a intenção de produzir um mapeamento de suas potencialidades escreveu, após discorrer sobre os recursos naturais e culturais da cidade: “Por fim destacamos que o maior atrativo da região encontra-se justamente na originalidade da cultura de seu povo, na hospitalidade, no prazer em receber e no calor humano que impera na região.”¹⁴²

Se por um lado a área urbana assim foi representada, a área rural foi e é caracterizada como lugar atrasado, perpassado por arcaísmo e ignorância. A área rural é onde os sujeitos viviam em condições precárias, destituídos de informações, as lonjuras existentes entre uma e outra casa de adobe, o isolamento, na perspectiva dos memorialistas e até mesmo dos pesquisadores, como Joaquim Ribeiro, é o empecilho para o desenvolvimento das regiões rurais.

O isolamento é também o argumento para justificar o atraso da cidade e a manutenção dos costumes tradicionais. Joaquim Ribeiro, acerca do assunto, assim escreveu:

A população de Januária, segregada pela distância, manteve-se mais ou menos homogênea. Do resíduo ameríndio, os caiapós que, outrora ocuparam a região, sobreviveram tipos de mamelucos, sobretudo no interior, adaptados ao pastoreio. Na lavoura e na pescaria, negros e mulatos predominam. O elemento branco é o agente catalisador dessa mestiçagem generalizada.

No campo social, o analfabetismo é o responsável pelo baixo nível cultural, pelo fanatismo religioso e pelas supertições numerosas.

Usos e costumes, tradições, mitos e lendas, hábitos e linguajar retratam a profunda feição arcaizante, própria de população segregada. O insulamento e o analfabetismo explicam a permanência dessa herança secular. Quanto mais penetra no sertão, maior é a fisionomia arcaica.¹⁴³

¹⁴¹ A produção do inventário foi coordenada pelo departamento de Ciências Humanas da Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros.

¹⁴² TURMINAS. Inventário da oferta turística do município de Januária. 1996, p.22.

¹⁴³ RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínia da Cunha Castilho, 2001.p.21.

A historiadora Iara Toscano já questionara a falha tese do isolamento¹⁴⁴. Justificar a permanência das práticas culturais e religiosas através do analfabetismo e isolamento é suprimir aos que a praticam, a ação, é tê-los como meras marionetes controladas pelas intempéries dos jogos políticos/econômicos e das adversidades geográficas. Discorremos no primeiro capítulo sobre as intensas trocas culturais feitas através da navegação, esse é o primeiro indício que, mesmo em condições adversas, a cultura não vive e não é praticada isoladamente, mas em relação, é uma construção móvel, instável, conflituosa.¹⁴⁵

Precisamos destacar ainda que para o autor o branco é o catalisador, o mentor da formação social das comunidades que se formaram em torno do rio São Francisco. Essa perspectiva de análise histórica não é privilégio de Joaquim Ribeiro, mas também dos memorialistas, que partem do pressuposto que há grupos sociais, pobres, analfabetos, vivendo isoladamente, formados por negros e “tipos de mamelecos”¹⁴⁶. Essa representação é subsídio para as análises que fazem dos meios urbanos e rurais, bem como dos grupos de reisados. A cidade é lugar do diálogo, provinciana e agradável de viver, a área rural e a periférica são espaços de gente pobre e inculta (sem educação formal), mas rica em atividades folclóricas. Nessas análises são excluídas as problematizações políticas, os jogos de poder.

Aqui é preciso lembrar das propostas teóricas do historiador Roger Chartier¹⁴⁷, que nos aponta que as representações são construídas a partir das contradições, dos confrontos. A representação é constituída também por um lugar de fala, que cria a imagem do outro a partir de elementos culturais, ideológicos pré-determinados.

Essas representações se tornam mais complexas com o advento dos processos de globalização. Paralelo à noção de atraso e provincianismo, difundiu-se a

¹⁴⁴ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013.p.22.

¹⁴⁵ CHARTIER, Roger. A “nova” história cultural existe?. In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M.P. e PESAVENTO, S. J. (Org.) *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Letras, 2006, p. 29.

¹⁴⁶ O Norte de Minas foi povoado por tribos indígenas que foram dizimadas com a chegada dos bandeirantes e o início da economia agropecuária. Na atualidade a única tribo existente na região é o povo Xacriabá situados em São João das Missões- Manga- MG.

¹⁴⁷ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, v.5, n.11.

ideia que há, com o surgimento da pós-modernidade e o aprimoramento das tecnologias de informação, uma crescente decadência das tradições e costumes. Nessa perspectiva, a praça que era o lugar dos diálogos, dos namoros, das brincadeiras e dos eventos cívicos, agora é o espaço da “baderna”, de “música barulhenta” com letras “escandalosas”.

Aqui é preciso abrir parênteses para fazer uma observação: em Januária, na atualidade, como em outras regiões, há o hábito dos jovens se aglomerarem em torno de carros de som que, estrondosos, competem para ver quem tem o som mais alto, a ponto de ficar difícil discernir o que reproduzem as vibrações sonoras emitidas dos auto-falantes. Podemos inferir, com o paradoxo intencional, que os sons que reverberam nas praças são inaudíveis.

A própria folia não é mais a mesma na perspectiva dos antigos foliões, posto que perdeu espaço para outras formas de diversão, os jovens não se interessam por ela. Seu Irênia, artesão e antigo folião, músico do Terno das Ciganas e dançador no Reis dos Cacetes, assim nos fala:

Os reis que saiam já morreram tudo, já morreram tudo, era o finado Chiquinho, era o povo dos Bandeira que saiam com os Reis, esses morreram, acabô.

Agora ficou essa mocidade de hoje que ... nem Reis mais tá saindo, esse ano não teve Reis. Perdeu o interesse.

As coisas modificou tudo, não era mais como era aquele tempo antigamente, hoje em dia ninguém quer mais saber de reis não, porque o povo tá querendo é a desordem de forró, funk, essas bestajadas. Antigamente todo mundo tinha influência, gostava de fazer os Reis, hoje não, essa mocidade não quer nada com o tempo, essa mocidade de hoje cabô. Fala numa maconha, numa cocaína, nessas danças que falta ... óia menino. Agora fala num brinquedo que todo mundo pode divertir não tem nenhum! Aquele tempo bom acabô!¹⁴⁸

Precisamos destacar alguns pontos da fala de Seu Irênia. O primeiro é a identificação por meio das práticas culturais, feita por intermédio da coletividade, através das famílias, “o povo dos Bandeira”. Formas de identificação que mudaram

¹⁴⁸ Irênia. Relato registrado em junho de 2012.

com o transcorrer do tempo, os indivíduos são conhecidos pelos seus feitos, seus bens, seus cargos, mas quase nunca pela linhagem familiar. Essa forma de identificação, entretanto, persiste, como é possível perceber no relato de Seu Irênia. O segundo, é que as folias são caracterizadas como uma forma de sociabilidade, essas, intituladas pelo mesmo de “brinquedo”, estão sendo preteridas pelas festividades atuais.

Miguel Figueredo, Imperador do Terno dos Figueredo, terno que segundo o mesmo existe há mais de um século coordenado por sua família, na apresentação de seu grupo no Festival de Cultura Popular do Vale do São Francisco/2013, organizado pelo Sesc - MG (Serviço Social do Comércio), falou:

Estamos perdendo a nossa identidade de folião, a nossa juventude já não quer mais participar das tradições da nossa cultura, os nossos filhos estão sendo motivados para dar sequência, mas a televisão, mas a mídia, mas essas modas, o funk, essas modas da bundinha pra cá, da bundinha para lá está deturpando a mentalidade da juventude do Brasil.¹⁴⁹

Precisamos destacar que a insatisfação com as mudanças nas formas de crença e diversão pelos antigos foliões também foi notada quando discorremos sobre as mudanças na sonoridade do Terno dos Temerosos e quando falamos sobre o giro das folias no segundo capítulo.

Segundo Seu Irênia e Miguel Figueredo, a efervescência das mídias, a criação de novos valores voláteis, dirimem as relações humanas que se pautam na coletividade, essas perderam a consistência e a estabilidade. As insatisfações de Seu Irênia e Miguel Figueredo podem muito bem ser entendidas através do que Zygmunt Bauman denominou de modernidade líquida. Apesar de serem notório os avanços dos ditos processos da individualidade e da perda da solidez das relações sociais, é preciso olhar com ressalva para as generalizações que pregam o fim das tradições e das manifestações culturais e religiosas coletivas.

Desse modo, através das obras de memorialistas, dos pesquisadores e dos relatos dos foliões mais velhos percebemos que se construiu através das memórias duas

¹⁴⁹ Arquivo do autor, registrado em outubro de 2013.

representações sobre o passado de Januária: a primeira atenta para o cosmopolitismo e provincianismo, a outra para a crença da perda dos costumes e tradições devido às mudanças encaradas como fruto da modernidade: “aquele tempo bom acabô”, como nos disse Seu Irênia.

Para melhor entendermos os processos de transformações sociais, culturais e as representações construídas acerca deles, recorremos a uma mudança ocorrida no Terno dos Temerosos que foi apontada no segundo capítulo.

No início da segunda metade do século XX, as folias percorriam as ruas, acompanhadas com os sons da viola, dos acordeons, das bandas. No ciclo natalino e mesmo em folias que faziam o giro fora do ciclo natalino, as ruas eram preenchidas pelos cantos e pelas músicas. Como ressaltamos no segundo capítulo, o Terno dos Temerosos era acompanhado por uma pequena banda, as músicas narravam não só a chegada do Menino Jesus, mas o próprio percurso e história do homem januarense, era um constante diálogo entre os foliões e os devotos, entre os foliões e suas experiências sociais. Nessa perspectiva podemos dizer que as músicas e suas letras eram e são uma forma de narrativa, mas também de conversa.

O que foi possível perceber através desta pesquisa é que os diálogos e as formas de sociabilização feitas através da devoção dos foliões perderam espaços, os ditos diálogos foram abafados pelos ruídos constantes de outras vozes, outros sons, outros “brinquedos”. Entretanto, contrário aos memorialistas e aos relatos de alguns foliões, acreditamos não ser possível inferir que tais mudanças foram capazes de silenciar e calar os sons das violas, dos Cantos de Reis, esses resistem.

Nesse ponto, para explicitarmos melhor o nosso argumento, é preciso fazer duas digressões. A primeira é teórica. Cremos, pautados nos estudos de Stuart Hall¹⁵⁰, que é preciso olhar com ressalvas para as análises superficiais acerca dos processos de globalização e da pós-modernidade. Essas análises creem no poder miraculoso da globalização, que integra e homogeneiza a tudo e todos. O que está em jogo aqui são as tensões entre o local e o global. Segundo Hall, é preciso atentar para as novas articulações entre o local e o global, para as identidades particulares e as universais.

¹⁵⁰ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Tendo em vista, ainda, que com os processos de globalização reacenderam os interesses sobre as práticas culturais locais, uma “fascinação pela diferença”.

Nessa perspectiva há uma atenção maior aos artesanatos, culinária, festas religiosas, um interesse pelos produtos populares ou regionais. As práticas populares são perpassadas pelas clivagens entre modernidade e tradição, as tensões entre o global e o local (ou regional). A historiadora Iara Toscano percebeu isso ao se mudar de um centro urbano com feições metropolitanas – Uberlândia/MG, para Januária:

A persistência dessa temática à minha volta tornou-se ainda mais forte depois de minha mudança para o município de Januária, no interior de Minas Gerais, em 2004, na condição de professora do Curso de História de uma instituição privada. Ali, as relações cotidianas me pareciam inegavelmente submetidas a essa clivagem entre tradição e modernidade. A vida cotidiana, numa cidade do interior como esta, está balizada por uma série de rituais construídos em várias gerações, que se defrontam com diversas outras manifestações culturais da contemporaneidade e ora recriam, ora (re)significam ou mesmo impõem maneiras outras, nesse espaço cultural. Todavia, observa-se um crescente esforço de manutenção e de visibilidade, por parte da sociedade civil organizada, em cristalizar algumas dessas tradições enquanto marca de uma identidade, que tanto pode ser januarense/barranqueira/sanfranciscana. Januária me impressionou tanto pela variedade de eventos ligados ao universo das folias de reis, quanto pela diversidade dos grupos (comunidades, famílias, bairros), envolvidos e comprometidos com os reis. São diferentes sujeitos envolvidos que se apropriam do passado, das tradições, por motivos e interesses distintos.¹⁵¹

Fica perceptível que as folias, as manifestações culturais populares, não são praticadas isoladamente, como assim entendiam os pesquisadores e memorialistas mencionados nos parágrafos acima, mas dentro do processo de globalização são articuladas às dinâmicas da vida social, apropriadas e ressignificadas por um número variado de grupos sociais. Exemplo disso em Januária é o Centro de Artesanato¹⁵², que

¹⁵¹ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013.p.17.

¹⁵² O Centro de Artesanato da Região de Januária foi aprovado como Ponto de Cultura em 2005. O projeto visa a valorização, manutenção, preservação e divulgação das expressões de cultura popular,

além de comercializar os produtos artesanais da região, organiza anualmente o que se costumou denominar de Rua da Cultura, evento que demonstra o trabalho do Centro e tem apresentação de vários grupos de folia, bem como de manifestações culturais da região. Com o argumento de resgatar e manter as tradições vivas, o Centro de Artesanato recria um novo sentido para a arte popular, com o fim de “vendê-la” para os turistas que visitam a cidade. O Centro de Artesanato, de certo modo, relega a si o direito de dizer, para “os de fora”, o que é arte popular em Januária, selecionando e agrupando o que será mostrado aos turistas.

Percebemos ainda que são nas brechas da dinâmica entre o global e o local que as práticas culturais são ressignificadas, apropriadas, reinventadas. Mas voltemos agora para a segunda digressão. Discorremos anteriormente sobre o modo como as folias tomavam as ruas e as preenchiam com os seus sons, suas brincadeiras, suas rezas. Dissemos ainda que não há mais a predominância desse tipo de prática, mas isso não significa que a mesma deixou de existir e resistir às intempéries do tempo e às mudanças sociais. Exemplo dessa relação tensa entre a tradição e a modernidade está justamente em um dos elementos principais da folia, a viola. Já mencionamos no segundo capítulo que a viola, ao iniciar o giro, é plugada em uma caixa de som movida à bateria e carregada em uma bicicleta cargueira. (Como pode ser observado na próxima página: a cargueira com a caixa de som sendo empurrada enquanto Chico Preto toca e os foliões batem o bastão na rua calçada por paralelepípedos – o que produz sons semelhantes ao de percussão – ao mesmo tempo que entoam os cantos). Essa, ao olhar desatento, parece uma mudança insignificante, mas se olharmos com mais acuidade veremos que estão implicadas aí algumas questões importantes para pensarmos as brechas entre as dinâmicas dos processos de globalização.

prioritariamente nas áreas do artesanato, culinária e música tradicional, fomentando a geração de renda e o protagonismo, contribuindo assim para o reconhecimento, a salvaguarda e a divulgação do patrimônio imaterial da região. Acessado em <
http://www.cidadesinvisiveis.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21:ponto-de-cultura-centro-de-artesanato-&catid=9:participantes-pontos-de-cultura&Itemid=42>



Januária, 2013: Giro do terno dos Temerosos.

O aspecto mais perceptível da eletrificação da viola é a mudança da sonoridade. Muitas vezes, ao acompanharmos a folia, o som da viola soou como um som de guitarra, os sambas entoados durante a roda tinham um toque de regionalidade característica do Norte de Minas, mas também de samba-rock¹⁵³, tudo isso harmonizado pelo modo próprio do Chico Preto tocar viola. Os Cantos de Reis, músicas com ritmo menos frenético, mais cadenciado, dedilhadas por Chico Preto soavam como distorções de guitarra. Edilberto Fonseca chega a comparar a sonoridade produzida por Chico Preto com a do cantor e compositor de rock Chuck Berry¹⁵⁴.

Vale ressaltar que já apontamos no capítulo anterior que está grafada na viola do referido músico a inscrição: “violeiro da região”. Apontamos também que seu aprendizado, como de muitos músicos da região, foi dentro da própria folia, acompanhando e observando os músicos mais velhos e mais experientes. Eis que nos

¹⁵³ Estilo e dança que surgiu da criatividade dos frequentadores dos bailes em casas de família e salões da periferia de São Paulo no final da década de sessenta e começo da década de setenta mesclando-se os movimentos do rock and roll com os passos do samba ao som das equipes a despeito deste ou daquele ritmo, importando tão somente o tempo da música em relação à dança.

¹⁵⁴ Chuck Berry, nome artístico de Charles Edward Anderson Berry (Saint Louis, 18 de outubro de 1926) é um compositor, cantor e guitarrista Americano. É apontado por muitos como um dos pioneiros do rock and roll.

apresenta, portanto, o dilema entre a tradição e a modernidade, o local e o global, mas ao contrário de pensar que essas duas categorias se rivalizam e se anulam, ou que uma predomina sobre a outra, acreditamos que houve uma ressignificação dos elementos tidos como tradicionais (a folia que era tocada e cantada sem os recursos tecnológicos) e a viola eletrificada (que transforma o som e dá uma nova “cor” as músicas). A essa nova sonoridade, acreditamos que caiba muito bem o conceito proposto por Michel de Certeau de bricolagem.

O que chamamos de bricolagem, pautados nos estudos de Michel de Certeau, foi também percebido em Januária na pesquisa da já mencionada historiadora Iara Toscano. Ao analisar as lapinhas¹⁵⁵, encontrou junto com as imagens sagradas bonecos de índios, ETs e super-heróis. Nas palavras da historiadora: “Ali as imagens seculares de santos se harmonizam entre bonecas, índios, super-heróis, e diversos ícones do universo de consumo contemporâneo.”¹⁵⁶ A profusão harmônica de cores, artefatos sagrados e os tidos como não sagrados, pode parecer erroneamente uma ofensa ao tradicional ato de louvor à chegada de Jesus, mas para a pesquisadora:

As lapinhas funcionam como sinais, pedaços do cotidiano, que trazem de volta antigas recordações. A memória que esse sinais evocam tem um lugar especial no cenário sagrado do Nascimento.¹⁵⁷

Desse modo, os ícones do universo de consumo estão postos nas lapinhas, não como sinal de desvirtuamento da tradição, mas como uma maneira de evocar uma memória afetiva. A bricolagem dá novos sentidos ao que seria apenas um objeto de consumo. Do mesmo modo, o uso dos recursos tecnológicos modifica, mas não desqualifica os sentidos e a sonoridade da viola, da folia.

¹⁵⁵ As lapinhas são uma espécie popular de presépio, as folias durante o giro, caso a casa tenha uma lapinha, primeiro a reverencia, depois canta para o dono da casa. João Damascena produziu na Casa de Cultura uma lapinha, na qual a todo ano, durante o período de Natal, é reverenciada antes da saída para o giro.

¹⁵⁶ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013.p. 223.

¹⁵⁷ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013.p.227.

Entretanto, nem toda mudança é bem quista. Edilberto Fonseca analisou em sua tese o relato de Augusto, para ele o uso da caixa de som: “saiu fora da tradição, pois entrou o aparelho eletrônico no meio... que a tradição não tem eletrônico no meio, é natural mesmo, é todo mundo cantando, não é uma pessoa só”¹⁵⁸. Já apontamos no segundo capítulo o fato de alguns foliões, principalmente os mais velhos, estranharem a sonoridade atual do grupo, salientamos que isso se deve às formas como os foliões lembram do terno: sempre acompanhados por bandas. Mas é preciso dizer também que há demandas políticas aqui, as mudanças impressas pelo Imperador, como o uso da viola eletrificada, não são bem vistas por muitos dos foliões.

Não acreditamos que os processos de mudança e as relações entre as produções culturais populares e o mundo globalizado, bem como os produtos da dita chamada sociedade de consumo, sejam o motivo da perda de espaço dos brinquedos e das formas de devoção praticados através da folia. Mas não temos a ilusão de que a invenção da tradição não tenha implicações políticas e tensões. Dessa maneira, a bricolagem ou as ressignificações das práticas culturais atentam para apropriações e demandas políticas e não apenas para processos inventivos da arte popular.

Outro aspecto do uso dos recursos tecnológicos que precisamos atentar é que a caixa de som é um modo de propagação de vozes. Um meio para que as narrativas feitas através da folia e de suas músicas atinjam um número maior de pessoas (à caixa de som também é plugado um microfone, para que o Imperador ou um dos foliões “puxe” as músicas a ser entoadas), ou ainda, um meio para que os sons da viola não sejam abafados por outros sons, pelos auto-falantes dos carros, pela conversa da rua, ou mesmo pelo canto dos foliões. Chico Preto nos relatou que quando começou a tocar com o terno: “o primeiro ano nós foi tocar. Mas nós toquemo assim: singelo. O singelo é o seguinte: sem caixa [de som], sem nada. Só tocar”¹⁵⁹. Utilizando a própria terminologia de Chico Preto, o som singelo da viola e do canto dos foliões era quase inaudível diante da orquestra de metais que é o burburinho dos sons da cidade.

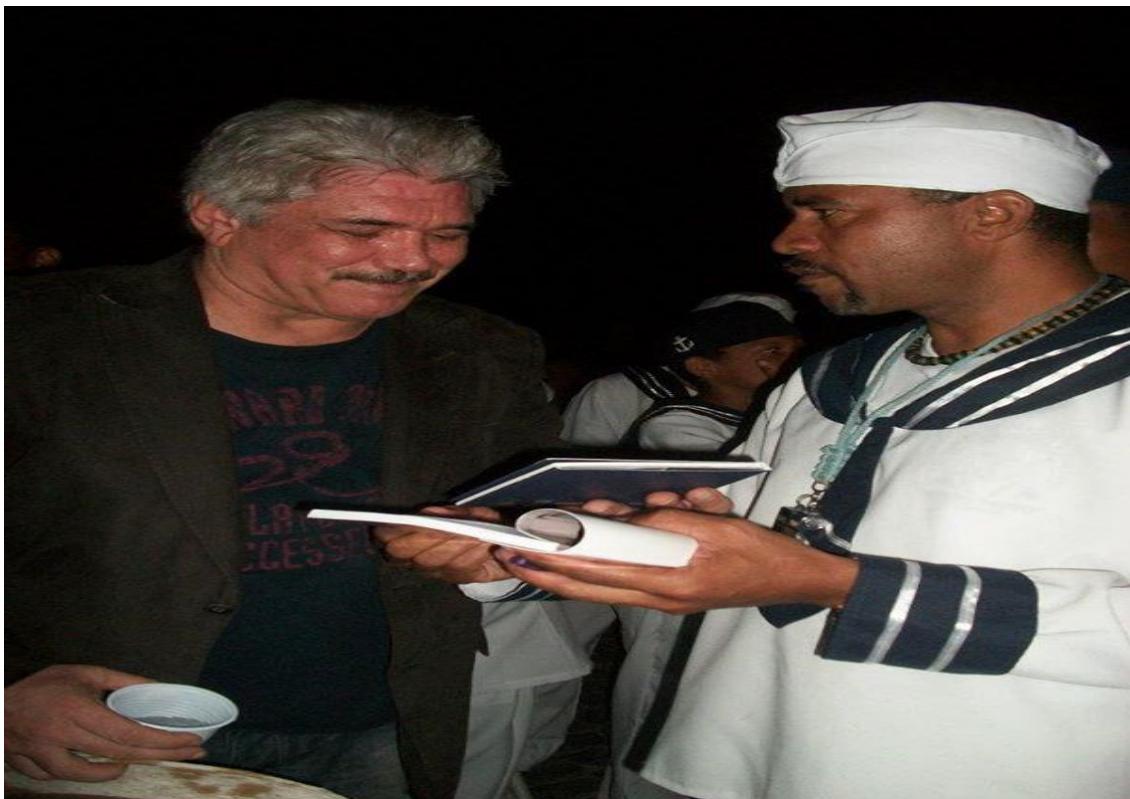
¹⁵⁸ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.135.

¹⁵⁹ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG*. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009. p.135.

Não seria forçado dizer ainda que a propagação das vozes leva às ruas, às casas, as mensagens das canções que dizem acerca da valorização do negro: os temerosos que vão à rua brigar, os negros pobres não só cantam, mas “gritam” através dos auto-falantes da caixa de som: Eu sou temeroso!

Esse processo de eletrificação se assemelha ao que passaram os vendedores ambulantes nas cidades do interior do Norte de Minas, nelas, os vendedores traziam da zona rural seus produtos e a plenos pulmões gritavam pelas ruas e nas feiras, anunciando produtos como queijo, pequi, mandioca, tapioca, entre tantos outros. Esse tipo de prática comercial, embora ainda existente, foi gradativamente substituída pela venda através de caixas de som acopladas em carros, motos, bicicletas cargueiras que anunciam pelas ruas tanto as promoções do comércio como os produtos trazidos da zona rural.

Podemos inferir acerca do uso da caixa de som e de outros recursos tecnológicos pelo terno – durante as apresentações extemporâneas ao ciclo natalino, o Imperador faz uso das gravações das músicas para se apresentar em eventos a que são chamados, o uso da tecnologia também é uma constante no registro da história do grupo, bem como para a propagação da história do mesmo (como se pode observar na foto abaixo, João Damascena doando o cd dos Temerosos para o ator Jackson Antunes). A tecnologia é, pois, usada em benefício do terno e da preservação de sua história, ou como diria Michel de Certeau são “maneiras de caça não autorizada”, o que seria um modo de perda da identidade do terno e sua entrada na lógica da sociedade midiática, se transforma em um recurso para sobrevivência do mesmo.



Januária, 2013: Ator Jackson Antunes recebendo cd do terno dos Temerosos.

Reiteramos, através dos estudos aqui estabelecidos, que não podemos dizer que Januária é uma cidade alheia aos processos de globalização, mas seria errôneo também apregoar que todas as práticas culturais, as tradições foram silenciadas diante dos sons da modernidade: as tecnologias, as mídias, a liquidez dos valores. Ao contrário, devemos reiterar que as trocas culturais sempre ocorreram e, muitas vezes, os ternos se apropriam de elementos da sociedade pós-moderna para sobreviverem à mesma.

3.3A noite dos mestres ou a memória em conflito

Ao acompanharmos o Terno dos Temerosos durante o seu giro nos anos de 2010 a 2013, um dos primeiros aspectos que nos chamou atenção foi o fato de o grupo ser composto principalmente por jovens, adolescentes e por uma parcela pequena de adultos. Ao indagarmos o atual Imperador sobre o motivo do referido aspecto, ele nos falou que esse foi um processo de renovação do terno, que fora necessário devido ao fato do terno ter ficado um longo período sem se apresentar. A entrada de adolescentes e jovens no grupo foi acompanhada de um trabalho social feito pelo Imperador, com o intuito de tirá-los dos riscos da marginalidade social. O Imperador nos falou ainda sobre

o intento de introduzir meninas: “trazer as meninas para dançar Reis”. Intento que não foi concretizado ainda, mas já notamos que em algumas apresentações as meninas são chamadas a entrar na roda para dançar.

Entretanto, tal medida, causou um impasse e fez com que a maioria dos foliões adultos deixassem de participar do terno e, mesmo algumas casas deixaram de receber a folia. Ficou perceptível durante os relatos orais que a entrada dos adolescentes foi encarada como a perda do sentido da folia, os adolescentes se preocupam mais com a diversão do que com a devoção de acordo com uma parcela dos foliões.¹⁶⁰

Mas o que nos chamou mais atenção foi o termo usado para a explicação das mudanças, João Damascena nos disse: “como diria Dil, a folia passou por uma revitalização.”¹⁶¹ Dil, trata-se do etnomusicólogo Edilberto Fonseca, cuja tese já mencionamos nessa dissertação inúmeras vezes. Ao acompanharmos outras folias e em outros estudos acerca do mesmo tema, as explicações dadas às mudanças, às permanências e aos sentidos da folia se davam através dos conhecimentos tradicionais ou eram apresentados como sendo próprios do conhecimento tradicional. Eis que João Damascena nos dá, portanto, outra forma da relação entre o saber produzido na academia e os saberes tradicionais. Não seria errôneo lembrar aqui do conceito de circularidade que o historiador Carlo Ginzburg apropriou dos estudos de Mikhail Bakhtin¹⁶².

O modo como o Imperador nos fala sobre as mudanças de sentidos e práticas do terno, segundo ele, necessárias para a sobrevivência do mesmo, nos leva a crer que os conceitos não são produzidos hermeticamente em espaços fechados, sem que possam circular. Nessa perspectiva, revitalizar, para João Damascena, não é ferir e acabar com os antigos costumes da folia, mas fazer com que a partir das mudanças os mesmos possam viver.

A revitalização do Terno nos leva a pensar alguns aspectos importantes do Terno dos Temerosos, o primeiro deles é que ele implica um processo de construção de

¹⁶⁰ Isso se torna perceptível através dos relatos orais de Dona Olegária, que analisamos no segundo capítulo. Nas entrevistas feitas com João Damascena, fica perceptível também um incômodo ao tratar do assunto, que apenas nos disse: “alguns deles até não gostaram dos meninos entrar na folia”.

¹⁶¹ ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

¹⁶² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Introdução à edição italiana. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

uma narrativa sobre a história do Terno, a construção de uma memória. Isso pode ser bem percebido com a construção da Casa de Cultura Berto Preto. A construção da Casa de Cultura nos dá subsídio para pensarmos vários pontos importantes, tratemos de sua construção antes de falarmos sobre as narrativas e memórias elaboradas sobre o Terno dos Temerosos.

A Casa de Cultura Berto Preto funciona como ponto de partida do giro, local onde se reúnem os integrantes do grupo antes de qualquer apresentação. No cd organizado por Edilberto Fonseca e que contém uma introdução à história do terno, suas músicas e entrevistas com os foliões, a Casa de Cultura é assim caracterizada:

A casa de cultura Berto Preto surgiu com a ideia de se construir um espaço de fomento e articulação de cidadania para os moradores da Rua de Baixo, na cidade de Januária. Seu nome é uma homenagem ao fundador da folia do Terno dos Temerosos, Norberto Gonçalves dos Santos. Sua construção, na antiga residência do atual Imperador da folia, João Damascena de Almeida, foi possível graças ao Ministério da cultura, que concedeu ao grupo o Prêmio Mestre Duda- 100 anos de frevo.

Assim, inaugurada em junho de 2008, a Casa pretende se transformar em um local onde sejam ministrados cursos e aulas, e realizados encontros e eventos ligados à área de cultura e da educação formal e informal. Além disso, passando a ser sede do terno de Reis dos Temerosos, servirá de local de guarda das vestimentas e dos instrumentos musicais do grupo. A ideia é que o espaço possibilite à moradores de todas as faixas etárias desenvolver aptidões, habilidades e dons com vista a geração de emprego e renda, aumentando a autoestima da comunidade. Nele, pretende-se oferecer, também, cursos ligados às práticas musicais, artesanais, culinária, de informática, assim como a realização de atividades educacionais de modo geral.

A Casa objetiva trabalhar especialmente com os jovens mais vulneráveis ao contexto de violência e ilegalidade. Todavia, pais e mães também fazem parte de seu público-alvo, a fim de que toda comunidade se engaje em torno de propostas que possam ser implementadas e conduzidas dentro desse novo espaço sociocultural.¹⁶³

¹⁶³ FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

Através da descrição é notório que à folia foi também atribuído um sentido além do devocional (salientamos que esse não foi o único momento em que houve uma clara relação entre o terno e a criação de medidas para dirimir as desigualdades e riscos sociais, a criação da Colônia dos Pescadores por Berto Preto, é exemplo disso). Está presente nas atribuições do terno, não só a devoção a Santos Reis, mas uma preocupação com as demandas sociais da Rua de Baixo. Como se pode observar na imagem abaixo, a apresentação do grupo de Maculêlê na frente da Casa de Cultura, grupo que foi recuperado pelos incentivos do Imperador.



Januária, 2008: Apresentação Maculêlê em frente a Casa de cultura Berto Preto.

Outro ponto importante a ser analisado é que, como mencionamos nos capítulos anteriores, boa parte dos subsídios que sustentam os ternos, que pagam os músicos (os músicos, em Januária, na maioria das folias, são pagos para tocar), que compram as vestimentas, são angariados com as arrecadações, as chamadas esmolas que são doadas aos foliões, amarradas à bandeira, lenços, ou arrecadadas em um chapéu.

Essa prática da esmola nas apresentações do grupo, embora ainda exista, é feita com uma regularidade muito pequena. De modo que a maioria dos subsídios que sustentam o terno é feita por organizações de eventos como bingos, feijoadas e, de alianças políticas. Um exemplo acerca disso já foi dado no segundo capítulo quando discorremos sobre as simbologias presentes na bandeira, quando através de táticas com

intuito de estabelecer alianças políticas com a nova administração do município, o grupo se deslocou do seu giro habitual para se apresentar em frente à casa do prefeito empossado.

Mas o que queremos ressaltar aqui é que o grupo tem uma estrutura bem organizada com vestimentas impecáveis, com um local construído para reuniões e atividades culturais, com CDs que trazem a história e a música do terno.

Se olharmos atentamente, ao andarmos pelas ruas de Januária durante o chamado ciclo natalino, ou mesmo fora dele, veremos uma porção de grupos de reis que existem há quase ou mais de um século, mas que tem dificuldades enormes para conseguir as vestimentas do grupo, quiçá as outras despesas como pagamento dos músicos, adornos e etc. O que queremos dizer com isso é que o processo de revitalização usa de maneiras menos comuns que a maioria dos ternos de Januária para sua sobrevivência, utilizando-se de relações com políticos, com programas de incentivos à cultura do governo federal e outras táticas. Como nos fala João Damascena:

O meu Reis sobrevive... a gente não tem muita coisa para fazer os Reis, por exemplo, eu vou aqui, como eu te falei eu consegui umas fardas em 2003, quando foi feito aquela cavalhada no Brejo, e aí o Ministro do Turismo veio aqui, na época era o Mares Guias, consegui através do deputado Cleuber, ele conseguiu um recurso, eu não pego em dinheiro, “ah João eu consegui um recurso para fazer umas fardas, então o senhor autoriza, eu vou na costureira, ela faz e o senhor paga para ela”, eu nunca pego em dinheiro desse povo porque eu não quero. Então nós fizemos 20 fardas.¹⁶⁴

¹⁶⁴ ALMEIDA, João Damascena. Entrevista concedida a Iara Toscano Correia, Januária, 28 de dezembro de 2010.

As dimensões políticas desse processo de revitalização têm aspectos importantes para analisarmos, o primeiro é que essa é uma via de mão dupla, posto que o terno é chamado constantemente para se apresentar em eventos culturais e políticos, sendo propagado como símbolo da identidade cultural do município, do barranqueiro, por isso facilitando os caminhos das alianças, ou trocas que facilitam a sobrevivência do grupo. Ao mesmo tempo, muitas vezes o mesmo é apreciado apenas pelas suas feições teatrais, visto de modo folclorizado, ou mesmo sendo utilizado como elemento de paternalismo político, em que prefeitos, vereadores, deputados se põem como benfeiteiros das manifestações culturais. Por outro lado, essas trocas dão subsídios para o terno se manter e, para se prefigurar como principal grupo de reisado, definidor da identidade do barranqueiro, do januarense.

Se notarmos também que o terno é composto por grupos de negros e pobres, vivendo em uma região periférica (como salientamos no primeiro capítulo) tais táticas são caminhos de resistência, na qual o grupo se apresenta orgulhosamente em espaço que não era possível sequer habitar!

Podemos analisar as dimensões políticas que permeiam o terno e sua sobrevivência também à luz do que o historiador Thompson, no capítulo “Patrícios e Plebeus”, do livro “Costumes em comum”, chamou de teatro e contra-teatro¹⁶⁵. No texto, o historiador discorre como gestos adornados de artificialidade da *gentry* encenavam o teatro que subsidiava a hegemonia cultural. Mas, entretanto, devido às exigências de reciprocidade, permitia-se aos plebeus criar o contra-teatro. Thompson nos ensina que a teatralidade é algo presente no exercício cotidiano da política. Nesse sentido, acreditamos que como ocorre em outros âmbitos da vida social, os Temerosos encenam uma obediência ao paternalismo da política Norte Mineira em benefício próprio.

Voltemos à citação, notemos na fala do Imperador que embora ele receba o recurso do Ministro do turismo através da mediação do deputado Cleuber Carneiro, ele fala: “eu não pego dinheiro desse povo”. Essa é uma inferência que também pode ser entendida à luz do conceito proposto por Thompson. Ser beneficiado com as alianças políticas e ao mesmo tempo desvalorizá-las nos levar a acreditar que o Imperador

¹⁶⁵ THOMPSON, Edward P. Patrícios e plebeus. In: _____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 25-85.

encena uma fidelidade aos políticos para deles se beneficiar, mas ao mesmo tempo encana um desconforto com tais alianças para o entrevistador e a comunidade que não ver com bons olhos a aproximação do terno com os jogos políticos.

A Casa de Cultura foi construída nessa lógica, na utilização das brechas nos jogos de poder presentes na política, se beneficiando de programas governamentais para promover a sobrevivência do terno, bem como para propagar os trabalhos relacionados à cultura e luta pelas melhorias sociais.

A relação intrínseca com a prática da política, seja como meio de resistência, seja como caminho para legitimar ações e a conquista de espaços políticos, pode ser bem percebida no “santinho”¹⁶⁶ confeccionado pelo atual Imperador na última eleição de 2012, na qual pleiteava o cargo de vereador. À frente, vestido com a farda dos Temerosos os dizeres: Vereador João Damascena, em defesa da educação, do esporte e da cultura. Ao fundo, junto com uma breve história da vida do Imperador, a frase: Incentivador da Cultura, do Desporto, da Literatura, das Folias de Reis e é coordenador do Terno dos Temerosos há mais de 20 anos.

¹⁶⁶ Panfleto doado aos eleitores durante a vigência do período eleitoral. No Santinho abaixo o nome do Imperador está grafado como **João Damasceno**, isso ocorreu, segundo João Damascena, devido a um erro de grafia da empresa que confeccionou o material de campanha.



**VEREADOR
PROF. JOÃO
DAMASCENO**

**EM DEFESA
DA EDUCAÇÃO,
DO ESPORTE
E DA CULTURA.**

PPS

23456

Coligação: JANUÁRIA PARA TODOS - PT-PDT-PPS-PSB-PTB-PSC-DEM-PP
COLIGAÇÃO: JANUÁRIA É POSSÍVEL - PT-PPS-PSB-PSC-PDT

João Damasceno de Almeida, Ex.aluno do SERVIR, foi membro ativo da Pastoral da Juventude do Brasil em Januária por mais de 15 anos, participou dos grupos de Jovens (UIAD/UVA/UVA Jr.), foi primeiro suplente de vereador 1997-2000 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Cursou as séries iniciais na Escola Estadual PIO XII e Anos Finais do fundamental e Ensino Médio na Escola Estadual Olegário Maciel. É formado em História pela Pontifícia Universidade Católica MG (PUC-BH). É Professor desde 1988, trabalhou nas Escolas Estaduais de Januária: Princesa Januária, Caio Martins, Olegário Maciel, Bias Fortes, Simão Viana da Cunha (Cerâmica) e Pio XII onde é hoje professor efetivo por concurso e foi Diretor e Vice-diretor. Trabalhou na rede privada nas Escolas: Betel, CEIVA, Pequeno Príncipe e Colégio Caciquinho e no CEMEI Joana Porto (CAIC). É Poeta com três livros publicados, é ativista Cultural desde 1984, incentivador da Cultura, do Desporto, da Literatura, das Folias de Reis e é coordenador do Terno dos Temerosos a mais de 20 anos.

Sou candidato a vereador pela 4ª Vez e venho colocar-me a sua disposição para defender renovação com Transparência e Ética na Política.

Quero ser os seus olhos e ouvidos no Legislativo Municipal.

Quero ser a voz em defesa da Educação, do Esporte e da Cultura na Câmara Municipal de Januária.

Professor João Damasceno Nº 23.456
MANTENHA NOSSA CIDADE LIMPA, NÃO JOGUE EM VIAS PÚBLICAS.

Januária, 2012: Santinho confeccionado para as eleições de 2012.

Seja através da imagem, ou através da descrição da qualificação e enumeração das propostas, João Damascena utiliza a farda e o incentivo às práticas culturais e folias como elemento de identificação entre ele e o possível eleitor. A utilização de tais estratégias se deve à identificação que um grande colégio eleitoral tem com o Terno dos Temerosos: a Rua de Baixo, mas também, para todos os januarenses, João Damascena se apresenta como defensor e incentivador de práticas culturais tão importantes para o município, para sua história e sua identidade.

Aqui vale ressaltar que como os inúmeros jovens da Rua de Baixo, João Damascena criou outras perspectivas para a vida, saindo das possibilidades dos contextos de violência e ilegalidade devido às ações sociais como as feitas pelo Servir – Serviço de promoção do menor (instituição que dava cursos aos menores com más condições de vida) e pela educação. Embora, como está explicitado no “santinho”, mesmo tendo candidatado várias vezes e não conseguido ser eleito, João Damascena já participou da Secretaria de Cultura e outras secretarias do município em mais de uma oportunidade. O fato de um integrante da Rua de Baixo, ou de outras áreas periféricas ter alcançado tal posto em uma cidade em que há visíveis discriminações sociais e raciais, utilizando-se como lema político o incentivo a uma prática cultural surgida no

referido lugar é um aspecto do exercício da política que não pode ser desprezado. Acreditamos que há um desenvolvimento desse exercício através do Terno dos Temerosos, pois se anteriormente os foliões se organizavam em associações para melhor defender seus interesses, agora pleiteiam cargos políticos.

Mas voltemos à Casa da Cultura Berto Preto. Outro ponto importante a ser discutido em torno de sua criação é que a mesma surge como um monumento à memória de Berto Preto, mas também serve à memória que se constrói sobre o Terno dos Temerosos. A homenagem a Norberto Gonçalves caracteriza a tentativa de construção de uma narrativa sobre o terno e sobre sua história.

Acreditamos que a ênfase dada ao papel de Berto Preto surge após João Damascena se tornar Imperador no início da década de noventa do século XX. Na tentativa de elaborar, organizar documentos e memórias sobre o grupo, alguns aspectos foram preteridos em relação a outros.

Os elementos que foram preteridos parecem destoar do que é preconizado pelo Imperador João Damascena e que fora defendido por Berto Preto: uma folia austera, sem uso de bebidas, sem forrós, com o cuidado com as vestimentas, com os bastões e com a imagem do terno. Em contrapartida, as memórias que são evocadas, os documentos recuperados, indicam a relação do terno com o rio, com a pesca, com as demandas sociais, com a devoção aos Santos Reis.

As narrativas construídas através do terno, seja através dos materiais sobre o grupo, seja nas pesquisas, como a de Edilberto Fonseca, parecem seguir caminhos pré-elaborados. E incoerências são deixadas às margens, como algo não relevante para história do terno. Encontramos entraves ao tentar pesquisar esses desvios dos caminhos pré-elaborados, entretanto, notamos que há um conflito de memórias. Esse conflito pode ser percebido pelo que foi denominado pelo Imperador de “Noite dos Mestres”.

A Noite dos Mestres consiste em uma noite, sem data pré-definida, em que os antigos foliões que não participam mais do terno, são chamados a participar das apresentações do grupo. O terno visita durante o giro a casa dos foliões mais antigos.

A Noite dos Mestres, ao mesmo tempo em que é uma homenagem aos referidos foliões, mostra os dilemas entre as direções que o terno tomou com o referido

processo de revitalização e a necessidade do respeito ao passado e aos foliões que o compunham. A Noite dos Mestres tenta conciliar o Terno dos Temerosos com seu passado olvidado após os processos de mudança, mas evidencia as contradições que permeiam tais mudanças.

O historiador Jacques Le Goff, no livro, “História e memória”, nos diz que as memórias coletivas são construídas através dos monumentos e documentos¹⁶⁷, esses são selecionados de acordo com os interesses, as ideologias, ou as metodologias. Nesse sentido, a fundação da Casa de Cultura surge como um monumento à tentativa de cristalização de uma interpretação do passado.

Já apontamos no primeiro capítulo como a memória é passível às manipulações, “suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações.”¹⁶⁸ Nesse sentido, toda memória é reconstrução do passado, um fragmento que chega a nós voluntariamente ou involuntariamente.¹⁶⁹

Nos conflitos entre esquecer e lembrar que o homem do presente, o sujeito histórico, nos dizeres de Diehl, repoetiza o passado¹⁷⁰, ressignificando-o. A memória construída em torno do Terno dos Temerosos é perpassada por omissões, tensões, esquecimentos. Através das demandas políticas, do processo de revitalização, uma memória é construída interpretando o passado de acordo com os interesses políticos e os caminhos que pretendem direcionar o terno.

Desse modo, lembrar é também esquecer ou omitir. Revitalizar, para alguns é construir novos sentidos e dar significações diferentes para as tradições. Para outros, revitalizar é ferir o passado e desvirtuar a tradição.

¹⁶⁷ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

¹⁶⁸ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 9, dezembro de 1993.

¹⁶⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.

¹⁷⁰ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.

3.4 Fé, festa & folia

Os Temerosos tiveram em suas performances e, ainda tem, um caráter teatral, voltado para o público. Os diálogos e as participações do público que observa e acompanha são mais constantes que em outros ternos da região. Durante a roda, os gritos do Imperador incentivando a participação do público na roda se assemelha aos animadores de shows. Iniciamos esse tópico ressaltando essa faceta do terno, para salientar que os aspectos festivos são uma constante no Reis dos Cacetes. E desde já anunciamos o argumento: a folia é uma festa. Não é em vão que utilizamos o sinal tironiano no título do tópico, tal qual Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, acreditamos que folia e festa estão intrinsecamente ligadas, por ambiguidades, por contradições, mas também por sintonias.

Mas não coloquemos o carro na frente dos bois. Anunciemos a princípio que trataremos as ditas características do terno como “brincadeira”, a utilização do conceito se deve à própria caracterização dada pelos foliões, como destacamos na fala de Seu Irênia no primeiro tópico deste capítulo. Relembremos: “antigamente todo mundo tinha influência, gostava de fazer os Reis (...). Agora fala num *brinquedo* que todo mundo pode divertir não tem nenhum.”¹⁷¹ Nesse sentido, a brincadeira remete às formas de diversão e sociabilização ocorridas através do terno. Precisamos reiterar que embora a brincadeira seja uma constante nas apresentações do terno, nelas estão presentes os rituais sagrados que dão sentido a devoção.

Mas antes de tratarmos de tais questões, é preciso que discutamos alguns conceitos importantes, falamos aqui de folia, festa, reisado, marujada, sem a devida definição dos conceitos. Salientamos que iremos discorrer sobre os mesmos, amparados teoricamente, mas pautados principalmente no nosso objeto principal de estudo, o Terno dos Temerosos.

Carlos Rodrigues Brandão em “A cultura na rua” nos diz que na festa alguma coisa constituída como “sentido da vida e ordem do mundo” é dita ritualmente

¹⁷¹ Irênia. Relato registrado em junho de 2012.

através de nós que: “festejados, somos doravante a brevidade de um momento especial enunciados com mais ênfase: somos símbolo”.¹⁷²

Desse modo, ao festejar o folião se torna símbolo, não é mais apenas o pescador, o agricultor, mas é também guerreiro e devoto! A festa, ainda segundo Brandão, invade, exagera e excede a lógica da vida cotidiana e, por isso, transgride as ordens sociais: os negros pobres utilizam as linguagens do terno (a música, a dança), para criticarem as hierarquias sociais, se imporem como temerosos, irrompendo em espaços que como homens simples (pescador, agricultor, morador da Rua de Baixo) não poderiam habitar, ou não lhes seria dado dizer o que falam através do terno. A festa brinca, cria e recria os sentidos da vida diária.

Segundo Rita de Cássia Amaral¹⁷³, a festa ora é ceremonial, ora é festiva. Ora está carregada de seriedade ao louvar a Santos Reis, nos Cantos de Entrada, ora regozija em transe durante os sambas entoados na roda. É ainda fundada nessa ambiguidade: na transgressão dos rituais do cotidiano, mas também na apropriação de elementos do trabalho, da experiência, da vida cotidiana, ressignificando-os através de suas simbologias.

A festa, nesta dissertação não pode ser compreendida do mesmo modo que as festas populares como carnaval, festa do Divino Espírito Santo e, para citar festas do município de Januária: a festa dos Santos do Rio e a festa da Santa Cruz. Esses são eventos comemorativos que são criados em torno de uma devoção ou de uma prática cultural. A festa que tratamos nesta pesquisa se refere às formas de diversão, sociabilidade, às brincadeiras presentes na folia; às danças, às conversas, os namoros, as brigas, às bebedeiras, às práticas políticas e também às formas de devoção.

Embora a folia se apresente ora de maneira mais austera (são proibidas bebidas, por exemplo) ora dê mais vazão às festividades, com mais ou menos intensidade, a festa esteve presente na folia. Quando falamos em austeridade, precisamos estabelecer uma clara distinção entre austeridade e sacralidade. A austeridade se refere às restrições que alguns Imperadores e foliões, de acordo com uma

¹⁷² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papirus. 1989. p.16.

¹⁷³ AMARAL, Rita de Cássia Melo. *Festa à Brasileira*: significados do festejar, no país “que não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP/FFLCH/Dept. Antropologia, 1998.

moralidade, imprimem nas folias em que participam ou coordenam, o uso de bebidas, namoros e etc.

Acreditamos não ser possível fazer a distinção dicotômica entre sagrado e profano nas práticas culturais e religiosas dos foliões. Assim como Mircea Eliade, não cremos ser possível haver espaços ou momentos presentes nos rituais da folia que sejam meramente sagrados, ou meramente profanos. Segundo Mircea Eliade:

Existência profana jamais se encontra em estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.¹⁷⁴

Nessa perspectiva, há tanto sacralidades nas rezas, no louvor aos Santos Reis, quanto nas formas como os foliões se benzem ao tomar cachaça. Os símbolos presentes nas folias sacralizam espaços distintos, desse modo, pode haver sacralidade nas igrejas e casas que o terno visita, como nos bares e cabarés. Precisamos lembrar ainda que o sagrado é percebido de formas distintas pelos foliões.

A festa é, pois, entendida aqui como linguagem, ou melhor, linguagens que falam por si, através de metáforas, de símbolos. A festa:

Não quer mais que essa contida gramática de exageros com que os homens possam tocar dimensões mais ocultas de sua própria difícil realidade. Generoso espelho do ser mais denso homem, eis que a festa revela, de tão fantasiada, posto nu como nunca.¹⁷⁵

¹⁷⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.27.

¹⁷⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papirus. 1989. p.17.

A festa, imbricada na folia, se confunde com a mesma, seja nos momentos ceremoniais ou nos de regozijo, nos diz, como buscamos desvelar em toda esta pesquisa, sobre o folião, sobre os dilemas sociais e culturais do homem januarense.

Ao longo desta pesquisa, em nossas análises viemos discorrendo sobre termos como folia, marujada, Reis sem, contudo, estabelecer suas diferenciações. Deixamos para fazer a conceituação de tais termos a esse ponto da dissertação porque seus sentidos estão relacionados às discussões que pretendemos estabelecer nesse tópico.

Câmara Cascudo, no “Dicionário de folclore brasileiro” define respectivamente folia, reis e marujada:

Folia. No Brasil a folia é um bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (Folia do Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis Magos (Folia de Reis).

Essas folias têm versos próprios para pedir, agradecer e retirarse, dando as despedidas. Andam sempre de dia. As folia de Reis andam sempre a noite, no mister idêntico de esmolar para a festa do Reis Magos. Desde a véspera de Natal (24 de dezembro) até a candelária (2 de fevereiro), a folia de Reis, representando os próprios Reis Magos, sai angariando auxílios. Se percorre sítios e fazendas, é a folia de Caixa e, se apenas perímetro urbano, folia de Reis apenas, ou folia de Reis de Banda de música.¹⁷⁶

Reis. Foram festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália e etc.) dedicadas aos três Reis Magos em sua visita ao Deus menino. (...) Com indumentária própria ou não, visitam os amigos ou as pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 5 de janeiro (véspera de Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos e dinheiro¹⁷⁷

Marujada. Auto tradicional, com a mesma denominação da Bahia ao Sul. Em Bragança, Pará, desde trés de setembro de 1789, existe a irmandade de São Benedito, que festeja seu patrono de 18 a 26 de dezembro (o dia de São Benedito é 23 de abril) com solenidade e parte pública. (...) Na rua, as marujadas caminha em duas filas, empunhando um pequeno bastão de

¹⁷⁶ CAMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ed. São Paulo: Global, 2002. (Edição ilustrada).p. 242.

¹⁷⁷ CAMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ed. São Paulo: Global, 2002. (Edição ilustrada).p.580.

madeira, enfeitado com papel, tendo na extremidade superior uma flor, atrás e ao centro, fechando as duas alas, vão os tocadores e os demais marujos. Em fila, a dança é de paços curtos e ligeiros, em volteios rápidos, ora em uma direção, ora em outra, inversamente.¹⁷⁸

Estão relacionadas na citação acima, apenas as definições de folia, reis e marujada que se aproximam das práticas religiosas no Norte de Minas e em Januária. É de suma dificuldade estabelecer conceitos determinantes sobre os três termos, posto que os mesmos adquirem características diferentes em cada região. Mas antes de analisarmos com mais acuidade as definições estabelecidas na citação acima, observemos o que o jornal Aroeira, publicado pela Comissão Mineira de Folclore em 1994, define, respectivamente como Folia de Reis e Marujo:

As Folias de Santos Reis foram festas populares na Europa, principalmente na península Ibérica, de onde vieram para o Brasil, com os portugueses. Aqui chegando, popularizaram-se e espalharam-se por todo o Brasil. Seus cantos são calcados nas sagradas escrituras, mesclado com a sabedoria popular. O ciclo das folias vai de 25 de dezembro a 6 de janeiro – dia da epifania do Senhor , festa da Igreja Católica desde o século III; também festa dos três Reis Magos.

As folias são uma manifestação folclórico-devocional, cada qual com sua característica, segundo a região. Comuns, porém, na essência, na devoção ao Menino Deus e aos Três Reis.

Os participantes, em número que varia até 25, denominam-se foliões. A vestimenta é comum do dia a dia, Uma toalha branca ao pescoço diferencia o folião dos demais acompanhantes.

Os instrumentos variam. Os mais usados são a caixa, a viola, o violão, a sanfona e a rebeca. O símbolo das folias é a bandeira com a imagem dos Três Reis ou representando a natividade – Jesus, Maria e José. Sempre à frente da folia, logo atrás do bandeireiro, vêm as figuras fantasiadas. Seus nomes variam conforme a região. São chamados de palhaços, Bastão e Catirina. Na região metropolitana de Belo Horizonte, o mais comum são três mascarados representando os Reis Magos. Vão de casa em casa, cantando e dançando. Recebem esmola para a

¹⁷⁸ CAMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ed. São Paulo: Global, 2002. (Edição ilustrada).p.369.

festa do dia 6 de janeiro. Muitos dos foliões estão pagando promessas por graças alcançadas.¹⁷⁹

A figura do marujo veste-se de marinheiro. Na cantoria, recordam-se versos do romanceiro intitulado Nau Catarineta, em que se exaltam os portugueses em suas arrojadas aventuras mar adentro e proclama-se a fé destes no cristianismo. Há versos que falam das tarefas próprias de navio, com nomenclatura específica de navegação: a bombordo! A estibordo! Além de instrumentos de percussão, comuns a todo o Congado, a guarda de marujos emprega violas de doze cordas.

Dentro da Irmandade do Rosário, o marujo tem a função histórica de rememorar a longa e dolorosa travessia marítima da África para o Brasil.¹⁸⁰

Pautados em algumas regularidades observadas nesta pesquisa e nas definições de Câmara Cascudo e da Comissão Mineira de folclore, podemos afirmar que a folia é antes de tudo uma festa popular, fica perceptível através das citações que são muitas e diversificadas suas características. O primeiro elemento em comum em todas as definições e pesquisas e mesmo nos relatos orais é que essa é uma prática popular que surgiu na Europa e foi trazida para o Brasil pelos portugueses. Não discorreremos aqui sobre as genealogias da folia, posto que não é esse o intuito deste trabalho. O que precisamos analisar acerca dessa herança europeia são as formas em que as devoções populares se instituíram no Brasil, onde os condicionamentos da gênese das instituições políticas e religiosas possibilitaram meios para os sincretismos das práticas religiosas e abriram frestas para inventividade e apropriações populares.

Nas regiões ermas em que se desenvolveram as comunidades açucareiras, a igreja quase nunca se fazia presente, os padres pouco iam e o respeito a uma figura representante de Deus na terra era feito mais através da figura divina do rei, do que da Igreja. O historiador Luiz Mott, no texto “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o lundu”, ao se referir ao Brasil colônia escreveu: “Aqui, muitos e muitos dos moradores passavam anos sem ver um sacerdote, sem participar de rituais nos templos

¹⁷⁹CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Aroeira*. Comissão mineira de folclore. nº 0, Belo Horizonte, 1994.

¹⁸⁰ CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Aroeira*. Comissão mineira de folclore. nº 0, Belo Horizonte, 1994.

ou frequentar os sacramentos.”¹⁸¹ De modo que essa matriz portuguesa que já carregava um teor popular foi-se dando a interpretações e inventividade dos fieis, aberta a influência de diferentes grupos étnicos, apropriando elementos da cultura afro, indígena e dos imigrantes europeus.

A folia, a religiosidade popular, é difícil estabelecer contornos precisos para as manifestações e conceitos, justamente pelo fato de serem perpassadas pela arte e inventividade popular.

Câmara Cascudo define a folia como “bando precatório que pede esmola”, assim como a Comissão Mineira de Folclore, que ainda define o período do giro dos foliões entre 25 de dezembro a 6 de janeiro. Entretanto, essa não é uma definição que caiba para Januária. No município, as folias se apresentam em todos os períodos do ano de acordo com o santo na qual os foliões são devotos. As vestimentas e os instrumentos também variam de acordo com as condições sociais e organização dos grupos, bem como das regiões. Nem todas as folias exercitam o ato de pregar e anunciar o evangelho, não são grupos precatórios. Nem todas exercitam também o ato de pedir esmolas.¹⁸²

O Terno dos Temerosos, ao longo de sua história, bem como outros ternos, em suas mudanças tiveram várias destas características, algumas delas permaneceram, outras não. A esmolagem é exemplo disso.

Os conceitos de folia e reisado são muitas vezes tidos como semelhantes. Reis ou Reisado é usualmente recorrido para definir as folias ligadas à devoção dos três Reis Magos. Entretanto, no cotidiano, as definições de folia e reisado se confundem. Podemos inferir que há, portanto, vários tipos de folias: Folias de Reis, Folia de São José, Folia de São Sebastião, Folia do Divino Espírito Santo, suas características variam de acordo com a devoção, com a região, o modo como os foliões inserem em sua prática de devoção as manifestações culturais e às demandas sociais, políticas e econômicas. O reisado por, sua vez, está mais ligado as devoções do ciclo natalino e dos Santos Reis. Mas é preciso lembrar que essa é uma distinção feita por folcloristas e estudiosos da

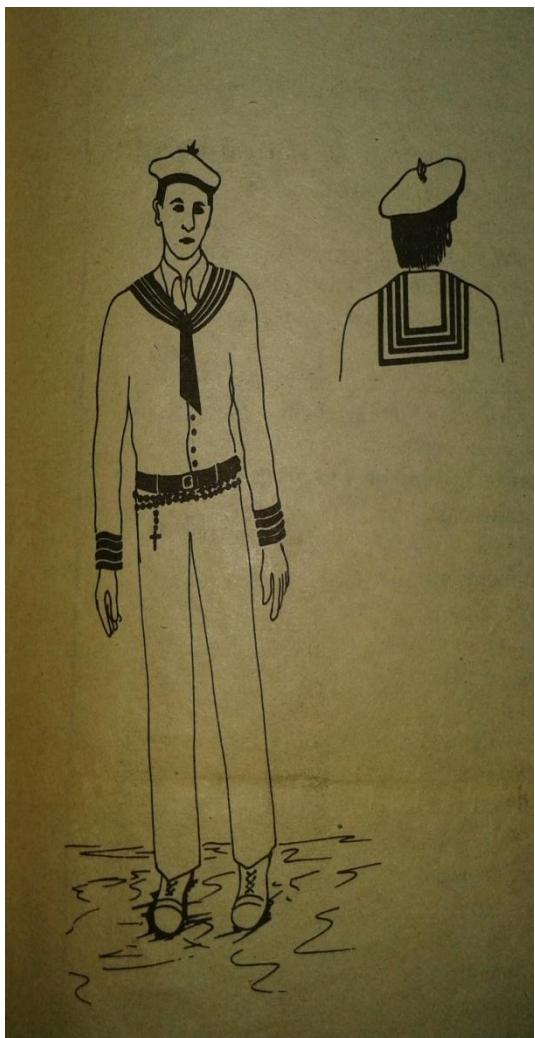
¹⁸¹ MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In _____: História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Laura de Mello e Souza (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 1. p.163.

¹⁸² CHAVES, Wagner Neves Diniz. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas e presentificação do santo nas folias de reis e de São José*, Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacioal/PPG-Antropologia Social. 2009.

temática com intuito de classificar e definir práticas e conceitos, mas o que podemos perceber ao acompanhar os ternos é que no cotidiano, quando os foliões falam sobre si e sobre seu grupo, folia e reisado se confundem, são práticas com similitude muito grande.

A marujada, por sua vez, é uma festa em louvor a São Benedito, santo de origem africana. Praticada principalmente na região do Pará e na Bahia, faz menção em seus autos e canções à navegação e à marinha, ao mar. Embora se apresente de forma diferenciada em cada região, algumas vezes conduzidas por homens, outras por mulheres, tem algumas recorrências que podem ser observadas também no Terno dos Temerosos. Já nos referimos aos autos e canções, mas podemos dizer também do uso de bastões, das fardas e de se agruparem durante o giro em duas filas paralelas, como nos apontou Câmara Cascudo.

A Comissão Mineira de Folclore ilustrou a vestimenta dos marujos, observemos através das imagens abaixo que ela difere em poucos aspectos da farda dos Temerosos, apenas no uso do terço preso à cintura e no boné.



Belo Horizonte: Marujo. In: *Aroeira*.
2011Comissão mineira de folclore. nº 0, BH, 1994



Januária: Farda do terno dos Temerosos.

É devido a essas similitudes que o Terno dos Temerosos é costumeiramente chamado de marujada de água doce. A historiadora Iara Toscano, ao tratar da temática, nos diz que:

Dentre a diversidade de autos populares com os quais nos deparamos no Norte de Minas, intrigava-nos muito esse tipo de reis conhecido como reis de marujos, ou reis de cacetes. Ele parecia deslocado de tudo aquilo que já tínhamos visto e ouvido à respeito de uma folia. Como de fato, Fonseca indica ser este grupo de Januária um dos últimos remanescentes das marujadas no Vale do São Francisco.

A nomeação reis dos cacetes é derivada da sua coreografia em que percutem bastões de madeira uns contra os outros, marcando o ritmo da dança. O curioso é que, mesmo

desenvolvendo o seu giro ritual durante o período de festas do Ciclo Natalino, o Reis de Cacetes não privilegiam a narrativa bíblica dos Reis Magos em visita ao Menino-Deus. Essa *marujada de água doce*, como eles mesmos a classificam, aludem a lutas travadas entre mouros e cristãos pela reconquista da Península Ibérica, durante o século VII.

Retomando a discussão sobre Folias e Folias de Reis que tratamos anteriormente, esse pode ser um bom exemplo de um *Reis* que é uma *Folia*. Contudo, não se trata de uma Folia de Reis, por explorar uma temática política e não religiosa.¹⁸³

Cremos, ao contrário do que diz a historiadora, que o terno explora sim uma temática religiosa. Ao analisarmos o giro do terno no segundo capítulo apontamos vários momentos em que a devoção a Santos Reis foi presenciada, são eles: a reza, antes do início do giro os foliões rezam pedindo proteção aos três Reis Magos, ao chegar à casa visitada os foliões cantam os Cantos de Reis, caso a casa tenha a lapinha canta-se e louva-se primeiramente a lapinha. De modo que há aí, toda uma narrativa dos caminhos traçados pelos três Reis Magos e o louvor à chegada de Jesus ao mundo. Entretanto, o terno explora também a luta política entre os mouros e cristãos, através das vestimentas, das danças e coreografia. Seria errôneo dizer que o grupo explora um em detrimento de outro. Acreditamos que através da bricolagem o terno apropriou-se de vários elementos das marujadas, das folias, dos reisados. Essas apropriações foram ressignificadas de acordo com as identidades, com as demandas políticas e sociais e inventividade dos foliões.

Não é atoa que os pescadores trazem para sua devoção músicas que falam sobre a vida nas águas, sobre a pesca, muito menos que grupos de negros recorrem às fardas, bastões de uma festa popular devota de um santo negro.

O sertão está povoado de folias, reisados, que possuem canções com melodias quase idênticas, mas com letras diferentes. Por exemplo, a folia de São José, do Bonito de Minas, município vizinho à Januária e que já fora distrito da cidade, composta por mulheres, canta uma canção que encontramos no Terno dos Temerosos. A música nos Temerosos diz: “Minha namorada é uma moça linda/ Os olhos dela é

¹⁸³ CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013. p.133.

como uma sereia/ O nome dela trago retratado / trago iluminado como a lua cheia.”¹⁸⁴ Na folia de São José a música é assim cantada: “Meu namorado é um moço lindo/ os olhos dele como o da sereia/ O nome dele trago retratado / trago iluminado com a lua cheia”¹⁸⁵

Na letra, apenas o gênero foi trocado, os cantos de entrada e retirada da folia de São José e do Terno dos Temerosos também são semelhantes. O que é importante ressaltar através desse exemplo é que os grupos de reis e folias se apropriam de características comuns das várias práticas de devoção existentes do Norte de Minas. Nessa perspectiva, podemos dizer que o Terno dos Temerosos é uma folia, um reisado e uma marujada de água doce, tudo isso amalgamado pelos sentidos e as formas em que as devoções e as brincadeiras na Rua de Baixo se estabeleceram.

As práticas de devoção e cultura popular são, portanto, uma brincadeira, uma forma de sociabilidade, que como mencionamos, preferimos denominar de brincadeiras. As brincadeiras são redes mantidas por grupos sociais, através de vínculos de identidades políticas, culturais e religiosas. As redes de sociabilidade não excluem tensões, visões contraditórias e jogos de poder. As práticas de devoção e cultura popular são ainda caminhos por meio de onde se representa a si, seja em regozijo, seja em reza.

3.5 Considerações acerca do capítulo

A fé, que outrora acreditávamos ser mister apenas aos sisudos padres conhecer os seus segredos, agora através da devoção popular, atinge e revela dimensões do humano, do trabalho, da política, não apenas em rezas balbuciadas em silêncio, mas através da festa. O sagrado habita espaço onde não supunha ser possível habitar, desse modo, este capítulo tentou desvelar as maneiras como o religioso e as práticas culturais exercidas por meio delas podem estar ligadas aos jogos de poder, às maneiras diversas como os foliões se apropriam de manifestações distintas das práticas religiosas e culturais, para, ressignificando-as, devotar-se aos Santos Reis e demais santos.

Buscamos ainda analisar as maneiras como diante do mundo pós-moderno, da perda de espaços das folias e brincadeiras feitas por meio da mesma, o Terno dos

¹⁸⁴ Arquivo do autor. Registrado em janeiro de 2013.

¹⁸⁵ Arquivo do autor. Registrado em janeiro de 2014.

Temerosos e demais ternos, encontram, brechas, caminhos por meio dos quais possam resistir e sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A folia tem muitas linguagens para falar sobre si e sobre os homens que a vivem, muitas delas falam por meio de metáforas, símbolos e omissões. É espaço de renovações contínuas, mas também de permanências, local de devoção e entrega por meio da fé, mas também de jogos políticos e de poder. Em primeiro momento estranhamos essas múltiplas linguagens, mas foi preciso nos despir de alguns estereótipos para entender que a folia não é apenas o lúdico lugar imaginado onde os pobres exercem a fé popular, sem sofrer alterações e sem ressignificações. Foi preciso fazer o giro junto aos foliões para tomarmos outras perspectivas de estudo e entendermos que a folia, estudada aqui através do Terno dos Temerosos, são práticas culturais, práticas populares de devoção historicamente dadas, passíveis de transformações, reinvenções, construção e ressignificação cotidiana de símbolos, representações e identidades.

A folia é uma festa, uma *brincadeira*, por meio da qual se constroem os laços sociais, ao mesmo tempo em que festivamente subverte o cotidiano, as temporalidades, usando máscaras para falar de si, e para seriamente pensar e se posicionar politicamente falando por canções, coreografias sobre o trabalho e as relações sociais.

É espaço de afirmação, invenção e ressignificação das identidades. Por intermédio dos seus símbolos as afinidades, os sentimentos de pertencimentos são evocados. Essas identidades se dão tanto através da criação de laços sociais, de identificações com o local de produção de uma prática cultural e de devoção, como através de demandas políticas que buscam criar elos de identificação por meio da folia. A tentativa de constituição de identidades através do Terno dos Temerosos pode ser entendida como um caminho para que as práticas culturais da Rua de Baixo habitem lugares ainda não habitados, ressignificando-os, constituindo-se, não apenas como manifestação cultural da gente pobre e negra, mas como símbolo da identidade januarense. Esse processo, entretanto, acarreta em construções de representações folclorizadas sobre o terno.

O Terno dos Temerosos é um espaço da inventividade da arte popular, espaço onde lhe é dado expressar. Os foliões são artistas que compõem canções, inventam passos, criam uma ginga. Criam instrumentos de objetos improváveis: o bastão, por exemplo, é também espaço de resistência diante das artes e expressões culturais efêmeras do mundo pós-moderno. A arte popular a serviço da devoção e da brincadeira inventa novas letras para melodias antigas, cria repentes, reorganiza os ritmos inovando constantemente, apropriando- se dos bens de consumo do mundo globalizado, mas faz isso para afirmar ou inventar uma tradição e para sobrevivência do grupo diante das novas formas de sociabilidade.

Foi na tentativa de desvelar os sentidos das linguagens da devoção popular que estudamos o Terno dos Temerosos. Aos estudarmos suas canções e símbolos foi notório que por meio da devoção as vozes dos cantos se levantam não apenas em louvor, mas também em posicionamentos políticos. Através do terno os pescadores, agricultores, vazanteiros da Rua de Baixo questionam as ordens sociais estabelecidas. O terno é o meio em que o negro pobre cria táticas para sobrevivência da folia. É ainda local de agremiação de sentimentos de pertencimento que progridem para organizações políticas com o fim de dirimir as desigualdades sociais, como é o caso da criação da Colônia dos pescadores e da Casa de Cultura Berto Preto.

Por meio da folia se constroem também alianças políticas, onde se exercem as trampolinagens a fim de criar caminhos para a sobrevivência de suas formas de devoção, mas é também espaço de tensões, discordâncias acerca das transformações a que o Terno dos Temerosos passou.

Essas tensões, ligadas às transformações das práticas culturais, se agremiam principalmente em torno de duas formas de devoção, intitulamos tais formas de *austeridade* e *festividade*. A austeridade compreende o processo em que os foliões e o Imperador, pela maneira como exercem a sua devoção (uma promessa, por exemplo) ou por a obediência a códigos morais restringem o uso de bebidas, os forrós, os sambas, os namoros. A festividade está ligada aos momentos em que durante o giro é dada vazão aos namoros, às bebidas, às danças e etc. Salientamos que austeridade e festividade se complementam, estão integradas. Embora em alguns momentos uma seja preferida em detrimento da outra. A sacralidade, embora em proporções e com sentidos distintos,

habita nos dois momentos descritos. Estabelecer uma separação radical entre o sagrado e o profano é esterilizar uma prática cultural que não toma para si tais diferenciações.

Estão impressos nas canções, fardas, no processo de constituição do terno, aspecto da vida do homem januarense. Não é possível generalizar dizendo que por meio dos Temerosos conseguimos estudar toda a história de Januária, mas foi possível apreender, através dos mesmos, dinâmicas sociais e demandas políticas das comunidades ribeirinhas, da formação dos lugares de exclusão e marginalização social e racial. Nesse sentido, essas comunidades compostas principalmente por negros, integraram-se primeiramente através da religiosidade.

As construções e transformações de sentidos por meio do terno são feitas principalmente através da bricolagem de práticas culturais distintas. Nessa perspectiva, as canções, os bastões, a bandeira, a farda, o ritual de devoção a Santos Reis, cada elemento do terno congrega sentidos múltiplos. Essa, em nossa perspectiva, é uma característica que é mais aparente no Terno dos Temerosos, mas que também está presente nos outros ternos e folias de Januária. Acreditamos que a apropriação, ressignificação de práticas culturais é algo que permeia toda a história da devoção popular no Norte de Minas. A integração através do Rio São Francisco, ou mesmo outras formas de interação, possibilitou a acentuação dessas trocas culturais.

Desse modo, ser temeroso, ser marujo, em um lugar de discriminações raciais e marginalizações sociais é, sobretudo, exercer uma arte. A arte de achar caminhos alternativos para práticas de devoção, a arte de falar sobre si, sobre sua história e insatisfações por meio das linguagens múltiplas. Ser marujo é poetizar o passado, narrar histórias dançando e cantando.

ENTREVISTAS

ALMEIDA, João Damascena. Entrevista concedida a Iara Toscano Correia, Januária, 28 de dezembro de 2010.

ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 10/02/2013.

ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 06/01/2011.

ALMEIDA, João Damascena. Relato colhido em 08/01/2012.

FALCÃO, José Alberto Granja. Entrevista concedida a Nôila Ferreira Alencar, Januária, 28 de maio de 2011.

Irônio. Relato registrado em junho de 2012.

ROCHA, Olegária Nunes. Relato colhido em 02/02/2013.

SANTOS, Luiz. Relato colhido em 10/06/2013.

SILVA, Maura Moreira. Entrevista concedida a Nôila Ferreira Alencar, Januária, 28 de maio de 2011.

SILVA, Naide Duque da. Relato registrado em 07/01/2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRÓSIO, Manoel. *História de Januária*. Januária: UNIMONTES. (Transcrição dos Manuscritos originais, sem publicação).
- AMARAL, Rita de Cássia Melo. *Festa à Brasileira*: significados do festejar, no país “que não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP/FFLCH/Depto. Antropologia, 1998.
- AMBRÓSIO JÚNIOR, Manoel. *A Marcha para o Oeste*. Januária: Tip. Da Lús, 1942
- ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalos rebeldes*: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVII. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: EDunb, 1999.
- BERLINER, ROBERTO. *Som da rua – Chico Preto*. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=som_da_rua_chico_preto>, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia festa e romaria*. São Paulo, Idéias & letras, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papirus, 1989
- CASCUDO, Luís da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. ed. São Paulo: Global, 2002. (Edição ilustrada).
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Aroeira*. Comissão mineira de folclore. nº 0, Belo Horizonte, 1994.
- CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Campinas, Papirus, 1995.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v.5, n.11.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHARTIER, R. *História cultural*: entre práticas e representações. Lisboa; DIFELL, 1993.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas e presentificação do santo nas folias de reis e de São José*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacioal/PPG-Antropologia Social. 2009.

CORREA, Iara Toscano. (Re)significações religiosas no sertão das gerais: as folias e os reis em Januária (MG) - 1961/2012. Tese (Doutorado em História Social). Uberlândia: UFU/PPG, 2013.

COSTA, João Batista de Almeida. *Fronteira regional no Brasil*: o entre-lugar da identidade e do território baianeiros em Minas Gerais. Disponível em <www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/554/475>

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica*: memória, identidade e representação. Bauru: Edusc, 2002.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes*: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária-MG. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-Música, 2009.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Terno dos Temerosos*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/ Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010.

FOUCAULT, Michel de. *A ordem do discurso*. São Paulo : Ed Loyola, 2010.

GEERTZ, Glifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In. CHARTIER, Roger(org). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, 2001.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24.

HOBSBAWM, Eric; RANGER Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Folclore e História*. Suplemento literário. Rio de Janeiro, 1960.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib. *Foi assim que me contaram*: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do congado na festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO - 1940 a 2003). Tese. (Doutorado em História), Brasília: UNB/PPG em História, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MARTINS, Saul Alves. *Folclore*. In: Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte, Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960.

_____. *Os Barranqueiros*. Belo Horizonte: Editora Centro de Estudos Mineiros, 1969.

MATOS, Vera. *Januária no Tempo e... no Espaço*. Januária, 2007.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa*: entre a capela e o calundu. In: História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Laura de Mello e Souza (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 9, dezembro de 1993.

PEREIRA, Antônio Emílio. *Memorial Januária: Terra, Rios e Gente*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

PEREIRA, Laurindo Mékie. *Dependência, Favores e Compromissos: Relações Sociais e Políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50*. Dissertação (Mestrado em História Social), Uberlândia: UFU/ PPG em História, 2001.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Flor do não esquecimento*: cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JANUÁRIA, SOCIEDADE DE AMIGOS DO SÃO FRANCISCO. Januária - Comemoração do 1º Centenário. Belo Horizonte, Sociedade de Amigos do São Francisco, 1960.

- REVEL, Jacques. (Org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Belo Horizonte: Ed. Levínia da Cunha Castilho, 2001.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, v. I. Campinas: Papirus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas; Ed. da Unicamp, 2007.
- SAINT- HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SARMENTO, Clarice. *Boletim de registro e divulgação do Folclore no Norte de Minas*. Casa da Memória do Vale do São Francisco. Januária, 1994.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2000.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.